FON FON
ANNO XXIII — N.º 30
Rio, 27 de Julho de 192
Preço: 1$000
OROZIO BELEM

A fonte da eterna belleza

e da alegria de viver, é o somno são e reparador. Um pezar é mais facil de ser removido quando nos refugiamos sob o manto protector do somno que nos faz esquecer mais depressa as dôres e miserias da vida. Não vacillae! Não temei a noite! Dois comprimidos Bayer de Adalina proporcionarão tranquillidade aos vossos nervos e um somno são e profundo.

MOÇOS E VELHOS RHEUMATICOS

Tambem os moços estão sujeitos a ataques rheumaticos, sobretudo quando se expõem, por muito tempo, ao frio e á humidade. Os velhos, porém, são muito mais achacados, dada a tendencia que apresentam de reter os uratos nas articulações.

Para combater esses ataques existem muitos medicamentos de applicação local. O mais indicado, ultimamente, pelos medicos que acompanham os aperfeiçoamentos chimicos allemães, — é a Fricção Bayer de Esprosal, cujo effeito é admiravel, sem, entretanto, apresentar o inconveniente de certos preparados de cheiro intoleravel.

Estamos informados de que esta utilissima fricção, de varias outras indicações contra dôres, já se encontra nas bôas pharmacias de todo o paiz.

AMEAÇA CONSTANTE

Um dente cariado representa verdadeira ameaça á saude e mesmo á vida, porque constitue um perigoso deposito de germes pathogenicos. Para se defender deste perigo e para evitar novas caries, ha toda conveniencia de manter rigoroso asseio da bocca, escovando os dentes depois das refeições e, sobretudo á noite, com agua, sabão ou, melhor, com a solução feita com os globulos de Ortizon Bayer. Estes globulos, dissolvidos em agua, formam uma especie de agua ozonizada perfumada, excellente para a remoção dos detritos que se depositam entre os dentes e para a desinfecção geral da bocca. E' indispensavel remover estes detritos, que se putrefazem, determinando as caries, o mau halito e as dores de dentes. Para este fim nada melhor que o Ortizon.

O Conto Brasileiro

O MARTYRIO DA JUSTA

Ao dr. Gustavo Barroso

O Chico Pereira, negro de forte compleição, foi, durante dois ou três lustros, a começar de 1870, o homem mais temido do sitio "Varzea" e das moradas circumvizinhas.

Por uma uestão de nonada, sem motivo algum, ameaçava, insultava, espancava.

Possuidor de uma catadura aterrorizadora, conseguiu a triste celebridade de ser o arruaceiro mais antipathizado e odiado da redondeza.

Não perdia sambas. Frequentava essas reuniões, não para gozar os saracoteios sensuaes com as caboclas, mas com o intuito de provocar brigas, em que pudesse mostrar a sua apregoada coragem.

Tinha a volúpia da valentia de ostentação.

De uma feita, num sabbado, desceu a serra, passeou pelas ruas do Ipú o seu porte athletico, tomou nas bodegas os seus *tragos* de cachaça e declarou que, como já tinha experimentado todos os sertanejos, queria vêr si no sertão havia um homem que brigasse. Iria ao povoado "Flôres", que estava em festa, pintaria o *sete* e convidaria qualquer sertanejo para divertir na ponta da faca.

E quando a lua apontou no céo, illuminando com a sua luz suave os cerros e os campos, pôz-se elle a caminho, com o cerebro a architectar o melhor meio de pôr em pratica as suas bravatas, de dirigir os seus insultos.

Chegou lá na manhã seguinte, antes da missa, quando os sertanejos começavam a affluir ao povoado. Procurou uma venda, pediu meio copo de cachaça, que bebeu aos sorvos, e, em vez de effectuar o pagamento, disse ao bodegueiro que tivesse um pouco de paciencia, pois só receberia o tostão no dia de *São Nunca* de tarde.

Decorrida uma hora, passou por um cabra atarracado de "Cajazeiras". Pisou-lhe no pé e deu-lhe um safanão, que o deitou por terra. O caboclo levantou-se aturdido, puxou a sua faca de cabo de osso e partiu para o negro, agil como um gato. O Chico Pereira, porém, ardilosamente, correu para umas pedras, que se amontoavam a uns dez metros, e, agarrando uma, arremessou-a no seu contendor, que cahiu deitando sangue pelo nariz e pela bocca.

Fôra attingido pela pedrada em plena cara.

Vendo o adversario vencido a seus pés, numa poça de sangue, gritou para a enorme multidão, que testemunhava a lucta:

— Appareça um homem p'ra brigar na ponta da faca, que meninos como esse eu derrubo é de pedrada, como se faz com passarinho!

E, dizendo isso, arrancou da bainha o seu enorme punhal, cuja lamina de dois palmos scintillou ao sol.

Reinou naquella multidão o mais covarde dos silencios. Não se ouviu uma voz, nenhum homem avançou.

O Chico Pereira occultou, então, sua arma e, a passos largos, deixou a povoação, sob mil olhares estupefactos.

De volta, ao passar pelo Ipú, contou o seu feito heroico e dirigiu-se para casa, onde encontrou sua mulher, a Maria Justa, a quem narrou tambem suas façanhas.

* * *

Pelo facto acima descripto, poder-se-ão aquilatar muito bem os seus instinctos perversos. Mas aquella alma satanica foi além. O seu cerebro, trabalhado por influencias mesologicas, concebeu, sob a acção do alcool, uma scena horripilante. Foi á bodega de um vizinho, tomou os seus *grotes* e, ao voltar á sua casa, teve este pensamento sinistro:

"Mato a Justa, fico morando só d'agora em deante, e vou para onde quizer, sem ter rabo de saia que me atrapalhe."

Transpoz a soleira de seu casebre e chamou a mulher. Esta abandonou os serviços domesticos, em que estava occupada, e veiu á sua presença.

— Apromple-se para morrer! — disse-lhe elle.

Agarrou-a pelos cabellos, vibrou-lhe pelas costas umas pançadas com a folha do punhal e articulou, por entre os seus labios:

— Ganhe a estrada do cemiterio do Ipú e peça salvação a Deus.

Justa soffreu com uma resignação evangelica, não pronunciou uma palavra que trahisse a grande dôr que lacerava sua alma,

O COMMENTARIO

Muita gente fica urripiada sómente em pensar na possibilidade duma viagem no Brasil, sobretudo ao Norte, tão pouco conhecido e inbrasileiro de certa linha sójustamente considerado. O mente pensa em ir á Europa. Paris é a unica luz que o alumia. E tem profundo desisteresse pelo seu proprio paiz.

Como não o pode proclamar, o que seria impatriotico, e sua hypocrisia lhe aconselha prudencia, mascara esse desdém com o receio dos incommodos. Ora, diz, não ha hoteis, não ha o menor conforto e esses vapores do Lloyd... E arrebita um beicinho mogangueiro...

Entretanto, o Brasil bem merece que nelle se viaje e que seja conhecido. Sul, Centro e Norte possuem panoramas admiraveis e cidades encantadoras, reliquias do passado e obras de arte, costumes curiosos e aspectos novos que desafiam a curiosidade e impellem ao estudo. A falta de commodidade é uma censura que não pega mais, pois ha hoteis com todo o conforto em quasi todos os portos de mar e em muitas cidades do interior, bôas estradas de rodagem, bem como outros meios e facilidades. Naturalmente não se exigirá em Recife ou Fortaleza o que existe no Rio, Paris ou Nova York. E a critica ao Lloyd, na vigencia da actual administração, quer-nos parecer sobremodo injusto. Sabemos por experiencia pessoal, que em paquetes como o "Pedro I" ou o "Almirante Jaceguay" se viaja admiravelmente. O segundo desses navios, que pertenceu a Hugo Stinnes, é um barco de primeira classe, irreprehensivel, dotado de todo o conforto, com excellente passadio e tratamento de primeira ordem.

Certos ficamos que, desde que sejam mais conhecidas essas condições, viajar no Brasil será considerado um prazer pelos brasileiros. Precisamos voltar os olhos para nós mesmos, pois que a Europa está muito longe.

O Martyrio da Justa

(Conclusão)

e desceu a ladeira tangida aos empurrões e acutilada frequentemente pela arma terrivel do seu cruel algoz.

De vez em quando parava para descansar um momento, mas logo sentia a ponta do aço entrar em suas carnes.

Já vinha lavada em sangue, ao chegar á "Mina". Ahi o monstro fêl-a cahir e deu-lhe, num requinte de perversidade, três enormes punhaladas, que lhe traspassaram o corpo, arrancando-lhe a vida. E declarou, numa casa vizinha, que pretendia leval-a até o cemiterio, mas, como ia dando trabalho, matou-a na beira da estrada e ahi deixára o seu cadavre para servir de pasto aos urubús.

* * *

Mãos piedosas, depois de algumas horas, cavaram uma fossa e sepultaram a infeliz mulher que havia pouco tombára sem vida, esvaindo-se em sangue.

Uma cruz tosca ficou assignalando o local daquella scena terrificante.

Mais tarde, a crendice popular gritou aos quatro ventos que a Justa estava fazendo milagres e um humilde tecto foi levantado para abrigar o solitario madeiro.

E ainda hoje se fazem romarias á "Cruz da Justa", a extraordinaria mulher que morreu sem um grito de dôr, sentindo perfurarlhe as carnes a lamina assassina do punhal do seu marido, o famigerado Chico Pereira.

ANTONIO MARROCOS DE ARAUJO

Cêsto Furado

Ser um Socrates é uma cousa extraordinaria. Mas ser um Socrates e encontrar-se na vida com um Platão, já é um milagre.

* * *

Ninguem é propheta em sua terra. Mas, valerá a pena sêl-o na terra alheia?...

* * *

As reticencias são, geralmente, o epitaphio das ironias que nascem mortas. São parentes desse "Com intenção" que os autores theatraes põem ao lado das phrases sem intenção alguma.

* * *

"Vivei em perigo!" — aconselha o Charlatão Inspirado. Magnifica banalidade! Ha algum processo para não viver em perigo?

* * *

Parece que o *donjuanismo*, como a erudição, já não passa de uma questão de mobiliario.

* * *

A unidade de medida da pressão é a "atmosphera". A unidade de medida da tristeza é o "crepusculo". Ha melancolias de cincoenta mil, de cem mil, e até de oitocentos mil crepusculos...

* * *

Devia haver férias conjugaes. E' absurdo que um professor de desenho ou de historia possa libertar-se durante tres mezes da tyrannia da cathedra, e que um marido não tenha o direito de descansar um só dia...

* * *

Si nossas amigas não nos compensam de nossos amigos, não nos servem para nada.

* * *

Chega cêdo, entre uma mulher e um homem de intelligencia penetrante, de sensibilidade aguda, esse terrivel momento em que nada é preciso dizer; em que, si ainda se fala, é para afugentar o fantasma do tédio, em constante ameaça.

* * *

Não póde crear muito quem omitte pouco.

* * *

Poeta é aquelle que faz versos. Grande poeta, aquelle que levou o mundo ao ouvido, como um caracol marinho, para escutar seu immenso rumor; aquelle que, tendo escutado a musica magnifica do mundo, se consagrou á tarefa de pôr-lhe letra.

* * *

Em geral, as mulheres não devem confiar muito no amor desses homens que nunca pronunciaram um palavrão. Como os personagens de Shakespeare, o verdadeiro amor costuma ser mal falado.

* * *

"Ir por esses mundos" — diz o vulgo, quando logicamente devia dizer "Ir pelo mundo". Eis ahi um desses casos em que o instincto leva vantagem sobre a logica. Porque, em um sentido espiritual, a palavra "paiz" significa bem pouca cousa. Um paiz é, essencialmente, uma particular concepção do mundo, isto é, um verdadeiro mundo.

* * *

Chegámos a um tempo em que a pobreza de espirito da maioria constitue uma fonte de riqueza para a minoria.

* * *

No tempo de M. de Chamfort, o amor era bem pouca cousa. Apenas *l'echange de deux fantaisies et le contact de deux épidermes*. Faltava, no emtanto, inventar o *flirt*, que é ainda menos: apenas o intercambio de dois tédios ou de dois medos, e o contacto de duas epidermes espirituaes.

* * *

Tambem a flôr delicada dos amores puros se nutre com a lama do egoismo.

* * *

Neste paiz, como em todos, quando uma obra de theatro não se annuncia expressamente como impropria para menores, se costuma querer indicar que é egualmente impropria para as edades.

* * *

Crer na amizade de um homem a quem não se deve serviço algum, ou no amor de uma mulher que não nos deu delle nenhuma prova material, exige, sem duvida, verdadeira nobreza e verdadeira elevação de espirito. Mas tanto uma como o outro exigem, tambem, certa proporção de infantilismo. O amor e a amizade devem ser interessados. Ainda mais: sempre é um pouco ridiculo que o não sejam.

* * *

Os regulamentos das sociedades sportivas exigem que o aspirante a socio, para ingressar na entidade, se submetta a um exame medico, no qual prove não soffrer de molestias contagiosas. Esse exame, em geral, não se repete no futuro, como devia, e periodicamente, para que a garantia fosse effectiva. Uma vez que se ingressou, se está em liberdade para contrahir qualquer enfermidade e para diffundil-a generosamente.

Cousa semelhante occorre no chamado *grand-monde*: não se penetra nelle sinão quando se preenche uma serie de requisitos de honorabilidade, de distincção, de elegancia, de intelligencia. Mas, logo que a gente faz parte desse mundo, póde se permittir os peores excessos, sem o perigo de ser expulso. Desse mundo, como das sociedades sportivas, só se é expulso por falta de pagamento...

HENRIQUE M. CALÇADA.

MAIS de dois terços de trabalho diario, nos escriptorios, nas escolas, nas officinas, etc., é feito antes do meio dia. Isso significa que a primeira refeição, logo pela manhã, deve ser muito nutritiva, fornecendo a energia necessaria á labuta matinal.

Quaker Oats é o alimento em questão. Os seus carbohydratos produzem energia, a sua proteina cria musculos. Os seus elementos mineraes são indispensaveis ao desenvolvimento dos ossos, dos dentes, do sangue e dos nervos. Quaker Oats é rico de vitaminas e o seu volume, muito bem proporcionado, concorre para o perfeito funccionamento do apparelho digestivo.

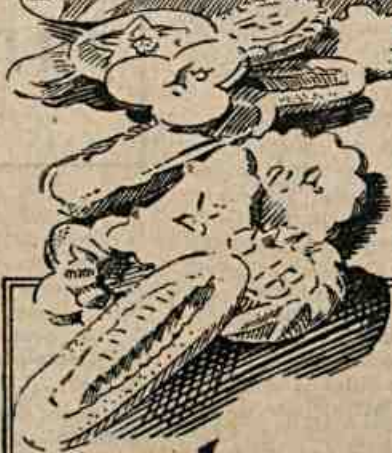
Experimente quotidianamente Quaker Oats, logo pela manhã, e observe como se sentirá mais disposto, mais forte e mais satisfeito.

Exija a lata Quaker. Verifique a marca e a conhecida figura do Quaker, adquirindo assim a certeza de obter genuino Quaker Oats.

Quaker Oats

07

Combinação Aymoré

Orthof

Combinação

. . . . é o biscoito saboroso pelo seu sabor adocicado e agradavel pela sua apparencia variada.

BISCOITOS

AYMORÉ

SECC. PROP.
MOINHO INGLEZ
J. R.

Por um pouco de fumo...

De George Ista :::

— Os gendarmes, má cousa, sim, bem má... Mas os boches, diabo de nome! cousa ainda peor do que os gendarmes!

Assim monologava Blaise Moreau, conhecido por Blaireau, caminhando na frescura da manhã azulada pela grande estrada revolvida, estriada de profundos sulcos. Ao redor delle, na relva dos prados, entre as urzes das collinas, até onde o olhar podia attingir, troncos de arvores abatidas mostravam aos céos, ás centenas, a brancura dos golpes recentes. Além do horizonte, acolá, para o sul, ouviam-se surdas detonações apenas perceptiveis, que se transformavam ás vezes em ribombos quasi ininterruptos.

Ao chegar diante de um montão de ruinas, junto á estrada, e de onde apontavam alguns barrotes ennegrecidos, Blaireau parou por um momento.

— Isto, murmurou elle, era o albergue do tio Benoit... Havia sempre nelle uma codea de pão e um copo de vinho para Bibi... São peores do que os gendarmes, mas não teriam queimado nunca o albergue do tio Benoit!

Metteu-se a caminho de novo, apalpando com um gesto inconsciente a sacola tão deploravelmente vazia, tão vazia que um golpe de vento fazia-a muitas vezes fluctuar-lhe ás costas como uma bandeira.

De repente deteve-se, estupefacto. A estrada, a sua frente, era cortada por um rio de aguas rapidas, lamacentas e rumorejantes. Entre os pegões em ruina, attestando que uma ponte de pedra alli existira, os fragmentos de um pontilhão pendiam de um e outro lado do rio, na corrente impetuosa que ia levando pouco a pouco todas as taboas.

— Quando lhes digo que são peores do que os gendarmes! — repetiu Blaireau. — Eis a ponte delles que cahiu esta noite; agora!... Mettem-se a querer substituir os gendarmes e não sabem nem ao menos construir um pontilhão insignificante!... E com isso, para alcançar Courteville, vae ser preciso que eu faça uma volta de duas horas, e pela Sente-aux-Biques ainda por cima!

Só a idéa de uma tão longa caminhada fatigou-o, sem duvida, porque sentou-se á margem das aguas, com um ar desanimado. Tirou machinalmente um cachimbo preto e viscoso do bolso e contemplou-o murmurando:

— E' curioso! quando não se tem mais tabaco, quanto mais se fuma, mais vontade se tem de fumar.

E foi sacando dos differentes bolsos distribuidos pelas dobras da blusa, uma caixinha de folha, outra de papelão, um cartucho de papel, e collocou-os na relva, bem á sua frente.

— Tilia... Castanheiro... Salsaparrilha... — resmungou. — Ha alguns que gostam mais disso; outros, daquillo... Eu... eu gosto do fumo verdadeiro... E' justo que tambem os outros... Mas não é possivel o fumo verdadeiro... A noventa francos a libra, diz-se... E' então, como se não houvesse... São os boches que o fumam, a todo o tabaco... Sempre com o cachimbo no bico, esses brutos... São peores do que os gendarmes, é o que lhes digo!... Não eram gentis, os gendarmes; mas no seu tempo, sejamos justos, toda gente tinha o seu pequeno rôlo de fumo por dois soldos... Mas agora é só: tilia, castanheiro, ou salsaparrilha, é quanto mais se fuma, mais vontade se tem de fumar... Que vou querer desta vez?

Hesitou muito tempo, e decidiu-se afinal por uma triplice mistura sabiamente dosada, e rodeou-se de uma nuvem de fumaça de cheiro nauseabundo.

Por detraz delle, muito longe um surdo murmurio se fez ouvir, e foi pouco a pouco augmentando.

— Um auto, — pensou Blair... — Um auto com boches de... boches peores do que gendar... é o que lhes digo!

O ruido longinquo, aproxi... do-se, transformou-se em ruid... estrondos. E o caminhante te... se voltado, modificou sua ... meira impressão:

— Não é um auto, é uma mo... cycleta... Mas ha do mesmo mo... um boche em cima, como era ... esperar.

Uma motocycleta chegava ... toda velocidade. Diminuiu, de... pente, a força, e, mão gra... grande ardor dos votos me... mente formulados por Blair... veiu parar a menos de dois ... tros da borda escarpada de o... pendiam, lamentaveis, as ulti... taboas do pontilhão.

Muito pallido, o motocycl... saltou desfiando uma série de ... precações terriveis. Era um ... queno sub-official, grosso de ... e delicado de rosto. Trazia ... grande sacola de couro ... lhado que lhe pendia ás c... um longo cachimbo de porc... dependurado sobre o peito. ... rante um minuto deteve-se ... da borda do rio, com a mão ... querda crispada sobre o co... aspirando com força o ar com ... "Han!" de lenhador, e fi... sobre as aguas transbordan... uns olhos allucinanados, horro... dos. Acalmou-se pouco a po... enxugou o rosto com as cost... mão, depois levou o cachim... bocca. A's narinas frement... Blaireau, o vento trouxe um ... fumo delicioso, embriagador ... muito tempo olvidado.

— Esplendido fumo! — ... elle com uma voz alterada ... emoção e pela cobiça.

O sub-official sobresaltou-... viu o caminhante deitado ... relva e, com o dedo este... para os destroços do ponti... lançou esta interrogação ... flua:

— O bonte!... Quebra... bonte?

— Não fui eu, cavalheiro!... Foi o rio que transbordou ... noite!... Eu, nada mais ... que estar chegando agora!... protestou o prudente Blaireau...

Deitando a machina por terra, o *boche* acocorou-se junto della, tirou da saccola uma grande folha de papel, salpicada de côres diversas, e estendeu-se no sólo.

— Se é para lavrar-me um processo verbal, vae ser, por certo, um famoso processo verbal! — pensou o pobre caminhante olhando de soslaio, respeitosamente, a folha immensa.

— *Gomt!... Fen gá!* — disse o allemão com um gesto de appello.

O outro apressou-se em obedecer. O sub-official fez passear pela carta uma unha de luto que se deteve subitamente sobre um grande traço azulado e sinuoso.

— *Esdd aqui o bonte!* — disse com sua voz aspera.

— E' o azul! — opinou doutamente Blaireau.

A unha de luto errou de novo sabor o papel, depois seguiu um traço delicado que serpenteava, em longos circuitos, através de um largo espaço côr de esmeralda.

— E' o verde! — acreditou dever affirmar o transeunte.

— *Gombrides! muide gombrides!... Grante folta! Bara ir Gourdc filles focê não saper oudro gaminhes* que o Zende-aux-Bigues? — interrogou.

— E' peor do que os gendarmes, mas é esperto, como os macacos, — pensou comsigo Blaireau. Quem poderia ter ensinado Sente-aux-Biques a este tratante?

Apressou-se a responder depois em voz alta:

— Desde que póde chegar á ponte, poderá chegar até Sente-aux Biques para ir a Courteville... E' assim mesmo como está dizendo.

Ao longo do traço delicado, a unha de luto parecia contar, agora, umas curvas finas muito aproximadas uma da outra.

— *Supir muide alto!* — rosnou o allemão. — *Não querer rolarr lá tentro... Supir muide Zende-aux-Bigues!*

— Ah de certo! Até Pré-Touquet, tem uma subida dos diabos!... Ensinaram-lhe tudo muito bem... — declarou Blaireau.

Depois, como o outro dobrasse a carta, pensou, muito perplexo:

— Que terá elle feito com o seu papel?... Nem mesmo perguntou o meu nome... Será ou não o meu processo verbal?... São peores do que os gendarmes, é o que lhes digo... Ao menos elles, os gendarmes, nos dizem quando nos lavram um processo verbal.

O sub-official reflectiu durante alguns segundos, depois decretou subitamente, apontando o index em direcção ao peito do transeunte:

— *Focê fir gomigues!*

Seu cachimbo lançava baforadas de fumo, grandes baforadas, justamente sob o nariz de Blaireau,

Por um pouco de fumo...

(Continuação)

cujos olhos ardentes se puzeram a olhar de soslaio para o cachimbo de porcelana. E soltou como unica resposta:

— Só se póde dizer, que para o famoso tabaco, é um excellente tabaco!

— *Focê fir gomigues bara emburra modocygledde!* — repetiu o allemão levantado a voz.

Olhando sempre com o rabo do olho o cachimbo de porcelana, o transeunte, com uma pancada secca esvaziou o seu cachimbo de páo sobre o calcanhar levantado. Depois disse ainda, numa voz surda, com os olhos brilhantes, e as narinas frementes:

— Fumo excellente!... Eu... eu não tenho fumo...

O outro teve um franzir de sobrancelhas, um gesto irritado. Examinou, em seguida, o campo deserto a perder de vista, e o gaiato ossudo, de largas espaduas, punhos enormes, que o dominava com a cabeça. E, subitamente, acalmado, tirou da algibeira uma boceta enorme de fumo bem recheada, tendo mais de um quarto de libra, e estendeu-a com gesto bondoso, dizendo:

— *Indobe teu gachimpo e fen gomigues.*

Mão grado a agilidade febril que parecia empregar, Blaireau

nunca mais acabava de encher o cachimbo. Em suas mãos immensas, a boceta enorme esvaziava-se, esvaziava-se, sem que o minusculo cachimbo de páo conseguisse encher-se. Inspeccionando o campo deserto, o *boche* parecia não se aperceber do manejo. Afinal, com o cachimbo na bocca, o caminhante restituiu a boceta, muito menos ventruda já, e declarou, estendendo para uma collina em rapido declive a outra mão cuidadosamente fechada:

— Sente-aux-Biques é acolá.

— *Fen emburra modocygle*[...] — disse o allemão.

E, um rebocado, outro puxa[...] a motocycleta, metteram-se [...] estreito atalho, aspero e pe[...]goso, um verdadeiro trilho de [...]bras, que abria em leque ro[...] e moitas.

O allemão segurava-se do [me]lhor modo possivel. O transe[unte] empurrava sem muito en[thu]siasmo, mas fumava com [um] voluptuoso frenesi. A's veze[s o] grande pollegar apalpava o p[neu]matico da roda trazeira e [...] se amontoavam em sua fr[onte] estreita e curta, como se [pro]curasse, por um violento es[forço] mental, coordenar recordações [es]parsas e idéas ainda confusa[s...] receu acalmar-se pouco a p[ouco] e os grandes dedos colheram, [de] passagem, furtivamente, no [...] á beira do caminho, alguns [es]pinhos longos, duros como p[...] pontudos como agulhas.

Depois de um quarto de [hora] de subida, os dois homens, [...]jantes, attingiram um vasto [pla]nalto onde o atalho, alar[gando-]se, bem calcado, mettia-se [num] suave declive pelos prados. [O] *boche* teve um "Uff!" de sa[tisfa]ção, depois saltou rapidamen[te na] motocycleta, sem um olhar, [sem] uma palavra de agradeci[mento] para o pobre Blaireau, que [...]tava o cachimbo vazio da ma[neira] mais ostensiva possivel, [excla]mando de todo o coração:

— Excellente fumo, na [...]dade!

Com violentos estrondos, a [mo]tocycleta partiu a toda [veloci]dade.. O transeunte vendo-a [afas]tar-se, pensou:

— Tenho fumo para u[m dia a] menos... Se meu *truc* der [resul]tado, tel-o-ei para dois... Mas [...] ciso não me deixar ficar por [...]

E alongou o passo.

Depois de ter caminhado [...] minutos apenas, percebeu, de [um] dos lados do atalho, o al[lemão] acocorado perto de sua mo[to]cleta, e muito occupado em [des]montar o pneumatico da roda [tra]zeira.

— Vae tudo bem! — pe[nsou] comsigo Blaireau. E aproxi[mou-se] do sub-official sacudindo [o ca]chimbo vazio e mastigando [...]

— Si se trata do famoso [tabaco] é um tabaco excellente!

— *Fen m'a jutar! Lejand[o] maguina!* — rosnou o outro.

— O transeunte, impassivel, [...]tou ainda o cachimbo, repe[tindo:]

— Excellente tabaco! Exc[ellente] tabaco!

O outro lançou-lhe a [...] num gesto furioso, depois [...] de novo:

— *Ajuta! Lejanda o magu[ina]! Esdd muide abressato!*

Por um pouco de fumo...

(Conclusão)

O transeunte comprehendeu logo, e passou o braço, em alça de cesta, por entre as rodas, afim de ter os dedos das mãos livres para recomeçar a longa e laboriosa operação sobre a boceta de fumo, que restituiu emfim, meio vazia, lançando um grande suspiro de tristeza. Obedeceu, em seguida, docilmente, as ordens do *boche*; endireita aqui, puxa acolá, sem cessar de fumar com um ardor voraz.. Terminado o concerto, apressou-se, tomado de repente de uma singular obsequiosidade, a segurar com ambas as mãos a motocycleta para permittir ao sub-official subir.

Mas o outro afastou-o com um gesto de enfado, e, em seguida, a machina, soltando estrondos successivos, partiu a toda a brida. Quando já fóra do alcance da vista, Blaireau abriu a mão, depois contemplou, na palma da mesma um pequeno tubo de estanho, fechado com uma tampa em rosca, toda lambuzada de uma especie de pé escuro e viscoso.

— Este tubozinho de colla! — pensou... Se o *truc* produzir effeito, o *boche* nada poderá fazer sem o seu tubo de colla... Tenho fumo já para dois dias... Se o apanho de novo, ao *boche*, terei talvez fumo para tres dias... Mas é preciso encontral-o outra vez. Para diante!

E se foi a grandes pernadas, depois de ter atirado o cylindro de estanho, com um movimento de braço, no mattagal dum pequeno prado vizinho.

Em menos de um quarto de hora, juntou-se ao outro, obrigado a parar uma vez mais ainda. O motocyclista remexia com gestos febris a sacola de instrumentos, os bolsos, e até a bolsa de couro avermelhado que lhe batia pelos rins.

Assim que viu de longe Blaireau, o official, fazendo porta voz das mãos, gritou:

— *Focê não achar meu dupes te tissoluçonis?*

Blaireau tomou o ar mais apatetado e agitou o cachimbo vazio em vagos gestos de incomprehensão.

— *Bequena dupes te medal*, — disse o allemão — *Tissoluçonis te yaoudechugv.es...*

— Eu nada lhe posso dizer... Nunca fui á escola para conhecer estas cousas... — confessou modestamente, agitando mais do que nunca o cachimbo.

— *Focê é uma pésda!*

Indignado, pôz-se a esvaziar os bolsos, a mochila, a sacola de instrumentos, jogando sobre a relva do talude tudo o que continham. Quando appareceu a sua velha camarada, e boceta de tabaco, Blaireau lançou-lhe um longo olhar amoroso.

Tendo bem procurado sem encontrar o que desejava, o motocyclista soltou algumas pragas, depois declarou, desolado:

— *Oon posso mais antar. esdá muide abressato, mide abressato; Focê fen gemigues emburra modocicledde adé Goudefilles.*

— Se é o fumo famoso, é um excellente fumo! — respondeu o sem tirar os olhos do objecto dos seus desejos.

— *Indobe mais dua gachimpo: mas fen gomigues* — resmungou o outro.

Blaireau não se fez de rogado, e a boceta recomeçou a ser esvaziada, e foi ficando mysteriosamente flacida, sem grande proveito para o cachimbo de páo. Tendo recolhido os seus bens espalhados na relva, o sub-official apanhou a boceta das mãos do transeunte, com já menos tres quartos de peso, mostrou um ar decontente por sentil-a tão leve, depois resmungou umas phrases inintelligiveis em seu idioma cheio de asperezas.

— *Doma a maguina e doga bratiante.*

O caminhante segurou a motocycleta pelo *guidon* e pôz-se docemente a caminho, seguido pelo

allemão, montado e gritando a todo o momento:

— *Mais tebressa! mais tebressa! Esdá abressato!*

Depois de uma hora com semelhante marcha penosa, o atalho começou a descer pela encosta abaixo, e elles perceberam uma aldêa meio destruida.

— Está ali Courteville!...— declarou Blaireau, detendo-se para respirar um pouco... — Esplendido fumo, na verdade!

— *Ya! ya, Gurdefilles! nata de barar, nata de gachimpo! Esdá miude abressato, muide abressato muide abressato!* — rosnou o outro a consultar o relogio.

Dez minutos mais tarde, entravam no pateo de uma escola transformada em caserna. O caminhante deteve-se, prudentemente, á entrada do portal. Deixando-lhe o motocycleta ás mãos, o *boche* foi direito a um velho official, de pé no meio do pateo, e, fazendo a continencia militar, estendeu-lhe respeitosamente um grande enveloppe.

O official rasgou-o, leu rapidamente, e, em seguida, alargou para o mensageiro uma bocca aberta, enorme, donde se escapava uma série de clamores terriveis, semelhantes a latidos de uma matilha de cães esfaimados.

O outro tartamudeava, espavorido, desesperado, com grandes gestos de desculpa.

— Que está passando!... — pensava Blaireau, aterrorizado...— Será por causa do fumo que elle o reprehende assim?

.ffritpn .éqpb

Suavemente, com o olho nas sentinellas, apoiou a motocycleta num muro, recuou com pés de lã, depois, apenas atravessado o portal, fugiu a bom fugir por uma inexplicavel rêde de viellas.

Escutava, por detrás delle, furiosos brados de commando, toques de trombeta, galopes de cavallos, rodar de vehiculos, todo o enorme alvoroço dum acampamento posto em subito alarma.

E corria cada vez mais, acreditando já toda a guarnição de Courteville lançada a seus calcanhares para arrancar-lhe os tres punhados de tabaco escondidos no fundo da algibeira. Não se deteve senão para lançar-se, desvairado, com o coração a toque de caixa, roncando de fome, mas gozando com delicia muitos cachimbadas de taboco, de tabaco verdadeiro.

O sub-official motocyclista, Wilhem Schwartzmann foi punido com trinta dias de cadeia por não ter transmittido a tempo communicações importantes. Mas o destacamento de metralhadoras acantonado em Courteville, mão grado toda a diligencia empregada, chegou uma hora mais tarde para acompanhar os reforços expedidos para o *front* a toda pressa.

E as tropas francezas, graças a essa falta de metralhadoras entre os inimigos, puderam apoderar-se com o sacrificio de muito poucas vidas, de um sector que melhorava grandemente suas posições.

Blaireau, no emtanto, nunca suspeitou de tal cousa.

Viajar

Quando viajar a Cavallo, em Vapor, Automovel e Estrada de Ferro, quando fizer viagens ou longos passeios a pé, quando apanhar Sol ou Chuva, toda a vez que molhar os pés, sempre que tomar banhos demorados de mar ou em rio, todas as vezes que levar grandes sustos ou tiver de repente uma grande contrariedade a senhora deve tomar uma Colher de Chá de *Regulador Gesteira* e logo em cima Meio Copo de Agua!

Quando fizer alguma viagem, leve sempre em sua mala alguns Vidros de *Regulador* **Gesteira.**

Com os abálos do vapor ou da Estrada de Ferro, com o sol ou a chuva, molhando os pés, tomando-se banhos muito demorados, levando-se um grande susto ou tendo-se de repente grande raiva ou pezar forte o Utero pode sentir algum desarranjo, que poderá ser principio de uma Molestia Grave!

Por isso é de enorme prudencia e muito util tomar uma colher de chá de *Regulador* **Gesteira.**

Qualquer perturbação do Utero pode dar começo a Molestias perigosas e Males terriveis!

Dançar

Depois de dançar, quando voltar das Festas e dos Bailes ou dos Teatros, depois que passear de Automovel, ao chegar em casa tome sempre uma colher de chá de *Regulador Gesteira*

LIS (S. Paulo) — Agora que a distancia novamente se alargou, desapparece a possibilidade de uma confidencia esperada, ha tanto esperada, com reducção daquella mesma distancia...

O resto não tem interesse, pela razão muito simples de que todo o interesse estava naquella espera... espera... que nada trouxe, mas que tudo levou...

SONIA (S. Paulo) — Foi com um bater forte de coração que, ao chegar, hoje — 19, sexta-feira de julho — á redacção (e isso após dez dias de enfermidade, que me reteve ao leito) encontrei a sua cartinha gentil sobre a minha banca de trabalho.

V. Ex. se queixa de que não sabe escrever cartas. E, no emtanto, póde ficar envaidecida de que é uma epistolographa admiravel, a quem não faltam argucia, graça e aquella penetrante subtileza, que Henri Bordeaux encontra nas amorosas do seculo XVII e XVIII. (Lembra-se do lindo livro que me offereceu, em encadernação luxuosa? Um Bourdeaux?)

E' verdade que escrever missivas é uma arte difficil; e, comquanto seja uma arte feminina, as Mmes. Sevigné, a Soror Marianna e as Mlles. Lespinasse são raras, principalmente hoje, época do "football", do automovel, do radio e do aeroplano. V. Ex. é uma bella excepção, que é necessario louvar, num acto de sinceridade e justiça.

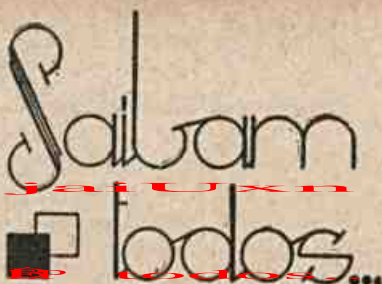
Observa que nunca mais lhe respondi. Talvez tenha razão; e talvez eu ainda mais.

Certa vez — creio que o anno passado — V. Ex. me deu o seu endereço para que lhe respondesse directamente. Vindo aqui, á redacção, uma senhorita que tinha zigue-zagues no corpo, e se dizia, ora franceza, ora carioca, e relacionada com as mais illustres familias de S. Paulo, não hesitei, deante do seu offerecimento, em enviar, a V. Ex., por seu intermedio, um cartão postal, attendendo, assim, ao delicado e honroso pedido que me fez.

A senhorita espevitada, que ora era franceza e ora carioca, garantiu-me que lhe entregaria o cartão em mão propria.

Pensei que quizesse, com essa mensagem, pôr um ponto final em nossas relações... como direi? — Espirituaes? Não é possivel. Literarias? Tambem não. Sentimentaes? Que sei eu? Emfim, direi: as nossas relações... diplomaticas...

Diplomatico é um adjectivo que se presta para tudo. E' uma especie de homeopathia vocabular...

Vejo agora — e com que pena!

que V. Ex. não recebeu o cartão das mãos da mocinha espiralante, isto é, que tinha zigue-zagues no corpo e espiraes dentro da cabeça.

Mas diga: que homem se poderá livrar da "potocas" de uma joven bonita e rotativa como uma helice de avião?

NEWTON (Capital) — Hum! Mão! Mão! Aqui está a sua carta, feminina pelo papel de linho, num tom lilaz, lyricamente gentil, e masculina pela affirmação estylistica do poeta forte que é o sr.

O diabo, porém, não é a carta hermaphrodita, caso teratologico, subversão das leis biologicas... epistolares... O diabo são elogios que me faz, e que me deixam entre Scylla e Charybdes, dois tormentos sem par.

Ora, escreve o sr., assim, sem pena de machucar a alma da gente. Dois pontos:

"Ao illustre Yves. — Embora sem conhecer pessoalmente a personalidade de um cavalheiro, que envolve toda a gloria de sua luminosa intellectualidade no mysterio de um original pseudonymo, como V. o faz, torno-me por isso mesmo o seu melhor admirador, o leitor assiduo de tudo o que a sua penna tão intelligentemente traça, revelando o todo classico humorismo que, finissimo e mordaz por vezes, captiva a attenção mais despreoccupada, mesmo quando elle critica e faz do fructo de tantas "sabedorias", a carga pesada de uma pequenina cesta de lixo."..

E é precisamente por não conhecel-o, que me esqueço da possibilidade de observar em seu caracter virtudes outras que, menos puras, contrastassem com os rasgos bellissimos de seu temperamento artistico, que, através as columnas de "Saibam Todos", se manifesta de um modo tão claro e superior.

Desfarte, como a mim se me afigura alta distincção V. honrar o trabalho de um iniciante nas lettras com o seu exame sabio de artista, muito temerosamente junto á presente o soneto: "Cae, cae, Balão", de minha lavra, e para a apreciação do qual V. muito me distinguirá dirigindo-se na sua chronica semanal, a "NEWTON".

Quedo-me na espectativa de merecer o obséquio da critica que V. generosamente fizer, embora seja elle uma manifestação de seu esplendido e ironico humor, recebendo de sua resposta, qualquer que ella seja, a melhor recompensa para o soneto que a festiva proximidade dos dias de São João, inspirou em minha pretenciosa cachola."

Não é embaraçante, desorientador, capaz de desconcertar um homem, esse punhado de gentilezas?

De modo que é com punhos de renda, luvas de pellica e penna de ouro (18 quilates) que lhe respondo... E' preciso pôr muito geito na resposta.

Primeiramente, vamos á leitura do soneto:

CAE, CAE, BALÃO!

Estalam no eco os fogos de S...
[João
Illuminando as trevas do firma-
[mento
A terra toda em festas — é um
[vulcão
Que fervilha em jovial contenta-
[mento

E tal qual pequenina estrella, um
[balão
Vae-se deixando ir ao sopro do
[vento
Atraz vem outro, e mais uma ou-
[tra porção
Fazendo do eco triste um deslum-
[bramento

A noite adentro, a luz das gran-
[fogueiras
Não se acaba, — dezenas de mo-
[brejei...
Deitam-lhe páos, gravetos, com
[carvão...

As guryas nas ruas gritam, ...
[...
Em vozes altas e alegres ...
[...
— Cae, cae, ó balão, na rua ...
[...

Ora, o seu soneto tem um grande merito: é onomatopaico. Lendo-o, a começar pelo titulo — Cae, cae, balão! a impressão que se recebe é a de que elle está realizando de accordo com o motivo, que, por ser regional, é muito nosso, é lindo e expressivo.

Feitos de versos mancos, o soneto vae aos trancos e barrancos (do vento, no espaço, bem entendido). E' um verdadeiro balão de S. João. Vae subindo — Deus sabe como! E como o "gaz" (a buxa — as tolices que leva no bojo) é muito mais "pesado" que o ar, segue-se que o pobre soneto, isto é, o balão, tende a cahir, lentamente... e pegar fogo...

"cesta" — em torno a, qual já existe uma turma de bombeiros, para evitar um incendio...

MYRNA LYS (?) — A declamação é arte incipiente entre nós. Não ha livros didacticos sobre o assumpto. O mais pratico é tomar um curso, aqui no Rio.

Mas si a sua vocação pela arte de Berta Singermann é como a sua veia poetica, pode V. Ex. desistir de ser declamadora. "per omnia secula seculorum. Amen"...

LILIA (?) — Começo por dizer que em vez da folha pequenina de papel (carta?) a que se refere, e que, no seu dizer, tanto vale em nossa vida, eu prefiro a pequenina folha de um cheque, de uma ordem contra um banco, um bilhete de loteria, (premiado, já se vê) e, em ultima hypothese, a mão de uma mulher bonita cheia de anneis penhoraveis. O mais é conversa fiada.

Pode ser muito prosaico, muito realista, muito pouco platonico esse modo de vêr e interpretar as coisas. Mas a culpa é do seculo que não nos dá tempo para sonhar. A verdade é que as mulheres não se impressionam mais com os sonhos, nem com os sonhadores; e quando o fazem, é por desfastio, enfastiadas que estão do amor verdadeiro, concreto e tangivel dos homens praticos e materiaes. Amor representado em especie ouro, "bungalow," automovel, & estação de aguas ou de villegiatura.

O sonhador é apenas um pretexto para divagações lyricas, mais ou menos vaporosas, ou assim como certos aperitivos, "cocktail" de chimica e elaboração complicadas para o delicioso "menu" do Amor onde são servidos, sempre, a "entrée" de um beijo e o "champagne Clicquot" de uma ventura fugace que embriaga mais que o passadista e mythologico vinho de Hebe. Percebeu?

MLLE. BISCUIT (Paraná) — Ora essa! Não será pela ausencia de um coupon que deixe uma carta sua sem resposta. Nem isso já aconteceu com algum leitor desta pagina.

Seria necessario que eu tivesse a mentalidade tacanha, mesquinha, dos burguezes para assumir attitude tão deselegante, em relação a uma leitora minha.

Pelo juizo que fez de mim, direi a phrase eterna que rolou do Calvario ligeiramente modificada: "Perdoae-lhes, Pae, ellas não sabem o que dizem".

GILDA (Bahia) — Quando o correio me entregou a sua cartinha côr de rosa, regularmente pautada como papel de pretoria e de

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

repartição publica, disse de mim para mim: "Eis a missiva de uma funccionaria publica, desejosa de augmento, e... lyrismo literario (ou literatura lyrica?) nas horas vagas..." Mas enganei-me. A sua missiva é a de uma donzella... como direi? — sonhadora. Gostou do "Sonhadora"?

Vamos, porém, á sua carta... literaria. Ella é um mimo e, como se trata de uma filha da terra do vatapá, do azeite de dendê e da pimenta malagueta, não pode deixar de ser publicada sem o "tempero" de um commentariozinho sem... sal.

"Yves. — Que a sua vida seja um doce e suave enlevo.

De ha muito alimento o desejo de escrever-lhe. Sentia porém o receio de ser ferida pela setta subtil de sua ironia. Porém hoje, sinto-me corajosa para enfrentar esta sua ironia. Satisfaço o meu desejo.

Não é um estudo de graphologia que venho pedir-lhe; isso você não o faria, já sei. Tambem não vou elogiar o mavioso poeta do "Suave enlevo". Não tenho capacidade para julgal-o. Li os seus versos. Sei que são lindos. Nada mais.

Quero perguntar-lhe somente se será propriedade a crueldade aos "olhos côr de bronze"?! Você quando escreve sobre estes olhos, sente-se a magua mal velada que deixa transparecer... Eu tambem Yves, já amei a uns lhos côr de bronze.

Em meu coração onde já viveu a felicidade a esperança vive hoje a dôr da minha primeira desillusão. "Olhos côr de bronze". Yves, quando penetram em nossa alma, deixam uma dôr suave, uma saudade morna uma recordação indelevel, não é, Yves?

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú',

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 27-7-929

Data da consulta ....

....

Nome do consultante ....

Perdoe-me tratar-lhe assim com alguma intimidade; porém Você não é-me extranho. "Converso" com Você todos os sabbados pelo "FON-FON". Você é meu amiguinho. — Do Coração de Gilda."

Agora vamos ao commentariozinho sem sal — uma vez que a sua carta sendo ensossa como um caldo de enfermo, não exige aquelle condimento.

1º. — Dou graças a Apollo e ás Musas pela bôa lembrança que teve de me não elogiar. Porque si V. Ex. entra por ahi a dizer que sou um poeta mavioso, serei forçado a retribuir tanta gentileza, affirmando que V. Ex. é maviosa.

2º. — V. Ex. me fala em "olhos côr de bronze" que, "quando elles penetram em nossa alma, deixam uma dôr suave, uma saudade morna, uma recordação indelevel..."

Livra! Que olhos complicados! Vejamos como são curiosos.

Esses olhos têm relação directa com chifres — porque penetram a nossa alma; com os dentes — porque deixam uma *dôr suave*; com um aquecedor de banho — porque inspiram uma *saudade morna*; com tinta de escrever — porque nos forçam a uma *recordação indelevel*.

Ora, eu tenho visto muitos olhos complicados, como sejam o "olho da rua", o "olho da noite", o "olho d'agua", o "olho do sol", os "olhos da alma", os "olhos (cegos) da Justiça", e outros olhos como os das estrellas, que até possuem palpebras... Mas nunca ouvi falar em "olhos côr de bronze", que se relacionassem com loja de ferragens e dentista.

Uma outra revelação que me assombra é V. Ex. affirmar que é minha "amiguinha" (?) porque conversa commigo todos os sabbados. Si V. Ex. conversa commigo é em sonhos; e neste caso sou forçado a convir em que V. Ex. é aquelle fantasma de bolhas de sabão com quem "conversei", o outro dia, durante uma hora de "pesadelo"... literario...

ESTUDANTE CURIOSO (Capital) — Dirija-se á Livraria Francisco Alves, á rua do Ouvidor, 166. Sem duvida que lá encontrará as obras de que me fala.

HELIANTO (Bahia) — Meu caro sr., é necessario que transcreva a sua carta na integra, afim de que se comprehenda a resposta que lhe devo.

Lá vae ella...

"S. Salvador, 20 de Junho de 1929. — Caro Yves. — Só hoje resolvi recorrer á sua fina psychologia, por meio da intelligente secção do "Saibam Todos", para que você me esclareça, este ponto obscuro que existe no meu "eu",

e, que a muito procuro desvendar, — a *saudade*. — Porque, Yves, eu trago commigo, qualidade ou defeito, virtude ou peccado, um invencivel e incorrigivel apêgo á saudade. Eu tenho saudade de tudo, caro amigo. Do que passou, do que está passando, até do que ha de vir. Como explicar-se isto...? Para o meu coração, cheio de idealismo e de sonho, por mais que a vida se lhe apresente crúa e material, tudo, tudo ou nada, lhe é razão para sentir saudade. Os taes famosos apologistas do não menos famoso futurismo não se cansam de dizer que a hora presente não existe. Ao seu entender, o que passa, logo está passando, e novas coisas logo surgirão. Pois, para mim, é a mesma coisa, em relação a saudade: o acontecimento do instante em que vivo, o facto que estou soffrendo, neste momento, tudo se desvanece presto numa nuvem de saudade... Apesar de não estar na minha terra, não estou agora passando dias admiraveis na Bahia? Pois bem: doido para voltar á Pernambuco, e rever as paizagens luminosas de nossa terra, e as physionomias risonhas da nossa gente, e, entre todas, a physionomia de alguem cuja imagem de oiro não se apaga de minha alma, eu tenho, entretanto, quando á tarde ou á noite, a pé ou em bonde, ou automovel, passeio pela Bahia, tenho, como direi?, uma previsão da saudade que sempre me pungirá, pela vida afóra, na lembrança infinda do meu estagio venturoso, (de estudante), nesta velha capital. Como pode, alguem repartir o meu coração entre a saudade de uma terra e de uma gente para cujo convivio bom anseia tornar, e o sentimento de partir tão depressa de uma terra e uma gente que tanto lhe tem captivado o coração? Fale você Yves.

Espero sómente que me responda com um pouco da inesgotavel ironia da sua penna adamantina.

Agradeço desde já a resposta, e disponha do patricio e amigo. — *Heliodoro.*"

Disse um poeta: "Partir c'est mourir un peu"... Estou de acordo. Mas é morrer para renascer, uma vez que essa morte é uma figura literaria, e quer dizer que se morre um pouco de saudade.

Morrer de saudade vem a ser: recordar, intensamente, algumas coisas bôas (e criaturas, inclusive, não?) que se esquecerão, mais adeante, em face de outras melhores.

De qualquer modo, essa "previsão da sua saudade" é justificavel, attendendo a que, conforme diz a velha canção popular:

A Bahia é bôa terra...

Mas, no seu caso, quero crêr que a solução não é difficil. Não é difficil porque, a verdadeira saudade, a maior, a mais séria, a mais humana, que se leva de uma terra, que nos acolheu, e nos foi amavel, não é propriamente da terra, mas de uma linda mulher que se amou.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Não ha terra bôa nem má: ha terras cujas mulheres nos amam, fazendo-nos amar a sua terra, através dos seus sorrisos, dos seus beijos, dos seus affectos, e ha terras que nos são indifferentes, áridas, desertas, e que não nos deixam saudade, justamente porque não encontramos nellas uma só mulher que nos quizesse bem.

Si o sr. tem saudades da Bahia é por "ella é bôa terra" — e lá encontrou alguem que lhe mexesse com o coração. Pois case com esse alguem. Isso, porém, do senhor querer dois proveitos num sacco, não é possivel. Gosta da bahiana, mas vae procurar a pernambucana? Não está direito. E a época, a bôa época dos sultões, já passou — com a politica de occidentalização do grande Mustapha Kemal Pachá.

LIMA SILVA (3) — V. Ex. (si é que não se trata de um marmanjo) tem certa inclinação para as coisas bellas do espirito, não ha duvida. Uma prova disso é o seu soneto que, embora mal alinhavado, revela as suas tendencias e possibilidades.

ROSARIO (3) — A sua carta me trouxe uma grande alegria, justamente porque se trata de escriptora illustre, cujos meritos não se podem negar.

Não recebi o seu livro, mas soube qui elle andou aqui pelo Rio e que até se falou delle nos jornaes.

Recebi o jornal de Manáos onde escrevem um artigo sobre *O Suave enlevo*. Esse artigo foi transcripto pelo jornal *Beira-mar*, que é o porta-voz da elegancia de Copacabana. Ao tempo, dei-lhe conhecimento de tudo isso, por intermedio desta secção, mas agora, pela sua carta, verifico que não leu essa communicação.

CLARA COLMAN (Bahia) — A Bahia! Terra de S. Salvador...

Leio a sua carta, de um tom rosa pallido, e traçada num estylo algido, que até parece ter sido posta na Repartição Geral dos Correios da Lua.

Ao ler a sua missiva, tive a impressão de que V. Ex. é uma senhorita de 35 annos, de oculos, esguia, de olhar duro e severo, trajando um longo vestido de merinó, (merinó, meu Deus, tecido do tempo de Adão!) botinas de elasticos lateraes e um tic nervoso, que a faz querer devorar, a todo instante, os proprios labios.

E eu tenho pena que seja essa a impressão que me cause, visto como V. Ex., apezar de dizer as coisas exactas, claras, medidas, justas, — para não sahir da linha — ainda me elogia á grande e pergunta pelo meu proximo romance. "Uma "garçonne" carioca", com um pavoroso medo de... corar...

(Corar! Arte de avivar o "rouge" da face e dos labios..., á força de "baton"!)

Mas, vejamos a sua carta — que é uma delicia de regularidade, de sobriedade, de dignidade, de majestade, de ingenuidade... de vaporosidade...

Illmo. Sr. *Yves*. — Meu saudar — Sou uma constante leitora do FON-FON, para mim a melhor revista brasileira. Aprecio sobretudo a sessão de Saibam Todos, que acho muito engraçada. Gosto da ironia com que V. Sa. recebe essas melindrosas ridiculas e vazias que vivem a tomar-lhe o tempo.

Já li o Suave Enlevo. Achei muito bonito. E a Garsone Carioca, quando vem? V. Sa. prometteu ella para Março, depois para Abril, depois para Julho e agora já fala em Agosto! Estou afflicta! E' coisa que eu possa ler sem corar?

Agora escuta, poderia V. Sa. dizer o que a minha letra revela? Seja bomzinho e diga, sim, Yves? Sei que possúo muitos defeitos, por isso pode usar de toda a franqueza que não ficarei zangadinha com o Yves não.

Poderia dizer-me tambem o meu horoscopo? Sou muito moderna, pois tenho 19 annos; nasci no dia 11 de Janeiro de 1910, numa Quinta-Feira, ás 3 horas e 40 minutos da madrugada. Contam que, no momento em que eu vinha ao mundo, uma porsão de gatos davam grandes miados em cima do telhado. Seria algum annuncio?

Desde já agradecida subscrevo-me, sua admiradora e amiguinha sincera. — *Clara Colman.*

P. S. — O meu verdadeiro nome vae abaixo. Mas é só para graphologia. Não vá publical-o não, hein? — *A mesma.*"

Ahi está! A sua missiva me deixa desolado. Tanta gentileza e tanto tempo perdido. Sabe por que? Porque V. Ex. escreveu em papel pautado e este é inimigo da graphologia.

Si V. Ex. me escrever futuramente, observando todos os requisitos necessarios a um estudo graphologico, eu direi apenas isto: "Não sou graphologo."

Gostou?

Ah, é verdade: "Uma "garçonne" carioca" apparecerá em setembro. E só fará corar a um defunto, pela simples razão de que as senhoritas vivas, de carne e osso, já estão coradas demais com carmim.

REO*

25 Annos de Progresso Continuo

Uma das mais antigas fabricas de automoveis e caminhões e, actualmente, uma das mais progressivas e prosperas.

Fundada em 1904, a «Reo Motor Car Company» é quasi tão antiga como a industria automotriz, para cujo exito tem contribuido muito, e na qual tem sido factor influente e estabilizador ha cerca de um quarto de século.

Os homens que fundaram a «Reo» e cujos ideaes a instituição encarna ainda, continuam tomando parte activa na administração da mesma.

Solidamente financeada desde o seu inicio, a «Reo» é hoje uma das mais poderosas companhias d'esta industria, sem um dollar adquirido por hypothecas ou outros compromissos.

A «Reo» começou as suas operações em 1904 com um activo de $500.000 (Ouro Americano). Hoje o seu activo é sessenta vezes maior, augmento este representado exclusivamente pelos lucros.

AUTOMÓVEIS E CAMINHÕES REO

Nas fabricas da «Reo», que actualmente abrangem uma area de 75 acres, a qualidade nunca foi — e nunca será — sacrificada á quantidade. Apesar d'isso, os automoveis e caminhões «Reo» são fabricados em quantidades taes, que cada unidade allia a um preço minimo as melhores qualidades.

Os automoveis «Reo» distinguem-se ainda por caracteristicas de belleza e estylo, por um conforto e suavidade de funccionamento que honram a habilidade e espirito progressivo dos engenheiros da «Reo».

Os actuaes caminhões «Speed Wagon» encarnam, de um modo esplendido, essa tradição de economia e resistencia que distinguem os caminhões «Reo», justificando mais do que nunca, nos problemas de transporte, o famoso lemma «O Reo tem todas as possibilidades».

Um «Reo» é acquisição de resultados seguros como meio de transporte moderno, quer se trate de passageiros ou de mercadorias.

«Reo» são as iniciaes de Ramson E. Olds, um dos primeiros fabricantes da industria automotriz, um dos fundadores da «Reo Motor Car Company», e actualmente presidente da Directoria da dita firma.

R. E. OLDS

Presidente da Directoria, um dos primeiros fabricantes da industria automotriz e um dos fundadores da «Reo Motor Car Company».

R. H. SCOTT

Presidente e Gerente Geral, que, com o Sr. Olds e mais cinco socios, organizou a «Reo Motor Car Company», em 1904, á qual preside agora.

H. T. THOMAZ

Vice-presidente e engenheiro-chefe, que desenhou o primeiro automovel «Reo», e sob cuja direcção se acha o pessoal technico da companhia desde a sua fundação.

DISTRIBUIDORES PARA O SUL E CENTRO DO BRASIL

S. A. IMPORTADORA DE AUTOMOVEIS

Alameda Cleveland, 49-53 — S. PAULO

AGENTES AUTORISADOS

SERGIO PEREIRA & CIA.

Rua Mariz e Barros, 338 — RIO DE JANEIRO

Os vehiculos de passageiros «Reo» comprehendem 8 modelos «Flying Cloud», uma carrosserie para cada gosto e todos de genuina qualidade «Reo».

A nova serie de caminhões «Speed Wagon», a melhor qualidade actual, offerece um vehiculo seguro e apropriado em 93 % dos requisitos de transporte e uma grande variedade de poder de carga, estylo e preços.

O brinquedo de Celito

ERA um menino melancolico, com essa tristeza enfermiça de criança solitaria e excessivamente mimada. Com a serenidade de uma infancia nunca contrariada.

Chamavam-no Celito e era filho unico. Seus paes estavam resignados com a pobreza. Emiliano, o marido, era artista da mais infeliz das artes. Pintor miniaturista, no ambiente hermetico das revistas illustradas e das exposições com algum caracter official, não encontrava acolhida, e sua vida, como em geral a de todo artista hespanhol que se ata ao torrão natal, transcorria lenta, difficil, sórdida... Anna, a mulher, soffria em silencio a decepção artistica do marido. De noiva, ella sonhára com um futuro de gloria e de fortuna. Mas Emiliano, homem de pouco genio e vontade débil, não tinha disposições para a luta. Cada negativa o fazia desanimar até perder a esperança do logro.

Nascida nesse meio hespanhol cuja estreiteza despresa as azas da fantasia, porque, nelle, é a unica cousa que póde voar, Anna estava enferma de tristeza, mal de que soffrem quantos fracassaram em seu mais caro intento. Pensou que a condição artistica de Emiliano bastaria para ganhar-lhes a fama e que todos os homens que cultivam uma arte são predestinados á riqueza. Mas, em vez desta, foi a desillusão que arrefeceu a esperança daquellas duas almas.

De uma noite de desesperação e de fracasso, mais que de amor, nascêra aquelle Celito que, com poucos mezes, tinha o olhar vivaz e firme na sobrancelha um signal vertical.

Emiliano disse á companheira:

— Esse signal é commum aos seres privilegiados.

E, com amargura, accrescentou:

— Eu não tenho nenhum signal assim.

Anna sentiu, materializada ingenuamente, o orgulho de mãe:

— E' verdade. Em uma photographia de Napoleão, que eu tinha, vi um signal semelhante.

Os paes ficaram orgulhosos daquelle filho. E começaram a cultival-o como uma flor de estufa. A' custa de cuidados prolixos e excessivos fizeram de Celito um menino enfermiço, caprichoso, teimoso. Um candidato á vagabundagem, ou talvez cousa peor...

II

CELITO criou-se fraco, pueril. Procurando que o ar da rua não o constipasse, que o contacto com outros meninos não lhe transmittisse algum mal, um dia o menino disse, queixosamente, que não podia levantar da cama.

A mãe alarmou-se:

— Coração, minha luz, anjo da minha vida, meu sangue, que tens?

O menino não sabia explicar-se:

— Dóe-me...

E não dizia mais nada.

Emiliano, ao voltar á sua casa, se rebellou com uma blasphemia. Mas a dôr da mãe o serenou.

— Elle está muito grave. Olha os seus olhos. Vae buscar um medico depressa.

Em breve, chegava o doutor. Celito gemia dolorosamente:

— Papae, quero um brinquedo.

Emiliano pensou nos annos anteriores:

— E' verdade. Celito nunca teve brinquedos. Nunca os pediu.

Anna explicou:

— Como não tem amigos... Sempre em minha sala!

De

EDUARDO M. DEL PORTILLO

O medico terminou seu exame com um gesto pessimista. E disse:

— Este menino tem rheumatismo articular, que lhe affecta o coração.

Emiliano perguntou, tremulo:

— Grave?

— Sim — respondeu o medico.

III

AUSENTE o medico, Anna e Emiliano se uniram em um abraço dramatico. Soluçaram. Celito novamente gemeu:

— Papae: quero um brinquedo!

— Sim, meu rei.

Era preciso comprar o brinquedo. E o dinheiro? Sempre o dinheiro! Ninguem conta com elle, e o dinheiro é a unica religião tanto para os que soffrem como para os felizes...

Emiliano sentiu-se possuido de uma vontade nova:

— Vou ganhar dinheiro!

Tomou os pinceis e começou a pintar.

Anna tinha esperanças:

— Si lhe déssemos essa illusão...

E Celito:

— Mamãe: dize a papae que traga um brinquedo...

O medico, invariavelmente, parco em palavras, respondia ao pae:

— Sim, grave.

Emiliano pintava com uma fé surprehendente, cheio de angustia e de esperança. Mas era lento em sua obra. Seu instincto de artista o fazia conter o afan que se agitava.

Anna disse, maravilhada:

— Emiliano, que bello é esse quadro!

— Quero que me paguem muito para poder comprar o melhor brinquedo do mundo para Celito.

E Celito, insistia:

— Papae: quero um brinquedo.

IV

O trabalho do pintor estava, um dia, terminado. Emiliano achou sua obra admiravel. Anna olhou commovida aquelle quadro e a expressão arrebatada do esposo.

O medico foi, como sempre, pessimista:

— O menino está muito grave. Voltarei esta noite.

Ao sahir, olhou o quadro, e exclamou:

— E' uma obra de arte! Foi pintada pelo senhor?

— Sim, doutor.

— Prophetizo-lhe um futuro esplendido. Esse quadro é a obra de um pintor extraordinario.

Quando se viram a sós, Anna supplicou:

— Por Deus, Emiliano! Corre, traze depressa o brinquedo para nosso filho! Elle o espera com tanta illusão!...

V

DURANTE a ausencia do medico, o estado de Celito se aggravou.

Como em um pesadelo de menino cheio de vontade, o enferminho repetia, presa de uma febre altissima:

— Traze-me um brinquedo! Quero um brinquedo!

Emiliano não percorreu calvario algum para vender seu quadro. O primeiro negociante que o viu lhe pediu preço.

— Estupendo! — exclamára laconicamente, sem se conter.

E o pintor disse uma quantia qualquer, fechando os olhos, assustado de sua audacia. O commerciante, sem discutir, pagou. Que assombro! Valia tanto aquelle quadro?

— Ah! As azas de anjo de meu Celito me protegeram durante meu trabalho.

Como que enlouquecido de alegria, com uma felicidade que lhe di-

latava o coração até asphixial-o, entrou em um bazar e, pondo sobre o mostrador o punho cerrado, onde occultava o dinheiro, falou surdamente, os olhos chammejantes:

— O melhor e mais caro brinquedo!

Isso fez o dono do bazar pensar que estava deante de um louco ou de um homem que acabava de effectuar um roubo.

Apresentaram-lhe o mais caro brinquedo. Era grande, enorme. Assustavam suas proporções, excessivas para um brinquedo.

O BRINQUEDO DE CELLITO

(Conclusão)

Pagou sem despregar os labios e, levando o maravilhoso brinquedo, sahiu do bazar. Levava o chapéo cahido sobre a nuca, os cabellos em desordem, os olhos brilhantes, a gravata torcida. Como si o deus mythologico lhe houvesse dado azas aos pés, chegou sem demora á sua residencia. Empurrou a porta e entrou, gritando:

— Olha, Cellito!...

O menino, vendo o brinquedo abriu muito os olhos. Sorriu cheio de uma felicidade ineffavel, e, com esforço, para que lhe sahissem as palavras, murmurou:

— Trazes!...

Anna e Emiliano sorviam as lagrimas, possuidos de um contentamento immenso, até então ignorado. As mãos unidas, os dois esposos se ajoelharam junto á caminha. O menino, abraçado ao prodigioso brinquedo, e sorrindo, adormecera...

Mas adormecera para nunca mais despertar.

A ESTRELLA QUE SORRI E CHORA...

— Mamãe, que linda estrella, que estrella tão grande, aquella! A senhora está vendo?

— E' a Estrella do Pastor, minha filha. E' Vesper. Parece sorrir, não achas? Como me traz recordações! Eu a estou admirando, sim. Veio-me, sem querer, um mundo de saudade... E não devo contemplal-a assim... E' a estrella dos sonhos, a que guarda irrealizadas venturas... Era fitando-a, enlevada, que ouvia uma voz bem cara... Ella guarda aquellas phrases quentes... Depois, tudo passou... Deixei de contemplal-a. Com ella conversava, porém, cheia de uma immensa dôr, não com a Vesper que eu via sorrir, mas com a estrella d'Alva que commigo chorava... Muita vez, ao alvorecer e ao abrir a janella do meu quarto, suffocada em ansias e banhada em lagrimas, ella me era um como lenitivo, porque eu parecia vêl-a chorando, tremula, acompanhando a minha grande dôr...

— Vesper é a tua estrella d'Alva, minha mãe?

— Sim. E' a estrella que me sorri e chora... a mais humana das estrellas... Sorri para uns... e para outros chora... E engana tambem. Vês como brilha? Entretanto é um planeta... E' Venus...

— E a mamãe me acorda para vêl-a chorar?

— Não, minha filha. Has de vêl-a sempre alegre como a vês agora... Para que se apresente de outra fórma, é preciso que as noites de vigilia, as noites de magoa, de angustia, o permittam... Que te adeantaria ser despertada, se não a verias chorar? A estrella d'Alva dos que padecem ser-te-ia a Vesper dos venturosos... Tu não a pódes comprehender... E' preciso que a tua alma sinta... para que a possas vêr...

— Não a entendo, minha mãe! Mas como é linda Vesper!...

PEDRO PAULO FARIA ROCHA

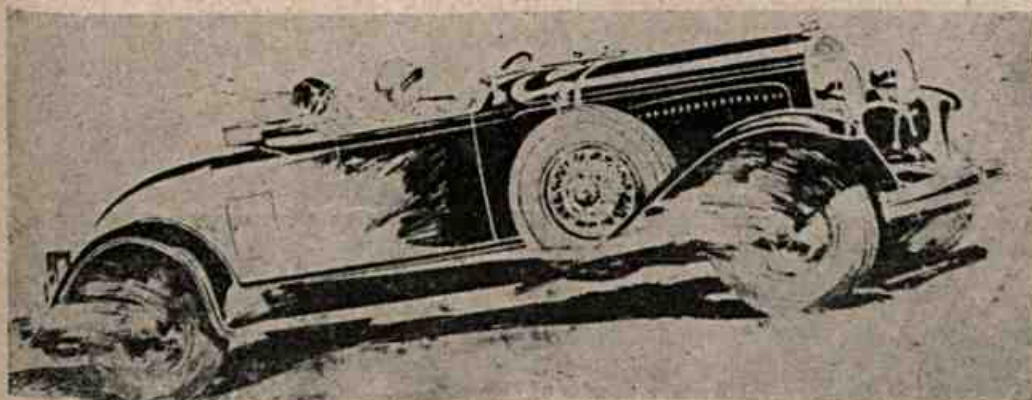
CRUZADA DE COOPERAÇÃO NA EXTINCÇÃO DA FEBRE AMARELLA

APPELLO ÁS DONAS DE CASA

AINDA se vêm encontrando fócos de mosquitos em latas inuteis, deixadas ao abandono nos quintaes, ou em terrenos baldios, para onde, muitas vezes, são atiradas.

A Cruzada appella para as donas de casa, pedindo-lhes que façam reunir as latas em um só logar, no quintal, para que os "mata-mosquitos" as encontrem facilmente, para removel-as.

A Cruzada pede, ainda, que não se permitta atirar latas nos capinzaes e moitas, pois, assim escondidas, mais facilmente podem escapar á attenção dos "mata-mosquitos" e em pouco tempo serão novos fócos de estegomias.

Attendendo a este appello, as donas de casa prestarão um grande serviço a favor da saude e do bom nome da nossa Cidade.

A Dama Solitaria

De RALPH STOCK

O yacht, a graciosa embarcação de madeira leve e esmalte branco, brilhante, circumdou o promontorio e lançou ancora na extremidade da costa.

Toda Luana, composta de sessenta almas de diversas idades e sexos, de uma mistura indescriptivel de cães e frangos, de varios leitões e de uma ou duas pesadas tartarugas, despertou do seu costumado lethargo para apreciar o agradavel espectaculo. Entretanto as folhas das avelleiras, cahindo na relva, rodopiavam pela praia, parecendo estremecer numa alegre agitação.

Nunca Luana experimentára uma sensação tão forte!

Toda Luana, isto é, exceptuando-se Felicia. Ella ficára de pé, afastada dos paes, maravilhados e palradores, silenciosa, disfarçada, apparentemente distrahida, emquanto uma certa rigidez de semblante desmentia o seu ar de indifferença. Ar, modo ou dominio sobre si mesma, como quizerem. Provavelmente Felicia concederia, por favor, um primeiro e rapido olhar a algumas da grandes capitaes do mundo como dispensava agora, por favor, apreciações superficiaes sobre o yacht de Strode.

E por que o contrario, mesmo sendo ella uma rapariga de quinze annos, filha de um obscuro guarda das linhas do sul do Pacifico?

Quem se moveu em circulos civilizados por algum tempo; quem, isto é, distribuiu animosamente imitação de coral rosa a cada passageiro no caes de Suva, entre São Francisco e Sydney e observou os costumes do homem branco como Felicia de Luana, sabe que a manifestação da curiosidade vulgar é desvantajosa para a dignidade humana. Sabe tambem que o correcto a fazer é ir caminhando vagarosamente até as alamedas de palmeiras para depois romper em franca carreira quando a coberto de todos os olhares. E continuar pela praia nesta corrida veloz com os cabellos ao vento, carregar a canôa de mangas e apanhar maçanilhas como uma poderosa desculpa para metter-se em contacto com outros povos.

Foi, em todo caso, o que Felicia fez.

"O que precisa a gente ser para ter todo o ouro do mundo e, por isso, todas as felicidades!" Era o que se aventurava a pensar, acocorada na canôa entre as suas mercadorias e fixando um olhar demorado na formosa dama, de pé, sozinha, em seu yacht, a olhar as aguas depois de ter ancorado.

"Possuir um castello fluctuante de esmalte e ouro, e ir gozando através do mundo todos os espectaculos de prazer e exaltação! Conhecer alguma cousa dos tecidos finos offerecidos nos dias de verão e das rêdes transbordantes de peixes! Sentir a severidade de paes que exigem obediencia e arrimo!" E Felicia suspirou.

E por uma curiosa coincidencia, mrs. Strode suspirou tambem quasi ao mesmo tempo, apoiando-se á armadura do yacht, a observar uma canôa de pesca e seus pequenos occupantes bronzeados, erguendo-se e abaixando-se numa suave ondulação.

"O que é preciso ser a gente para ter alguma cousa e, portanto, a felicidade! Viver um paraiso terrestre e ter um sultão! Nada conhecer dos cultos da civilização! Ser alguma cousa mais do que um automato para o homem amado, ainda mesmo que elle seja o nosso marido..."

Assim pensava mrs. Strode... Mas teve interrompidas as suas cogitações por signaes mysteriosos partidos da canôa: dois braços se erguiam com uma manga em cada mão, e uma voz pequena e clara esvoaçou, alvoroçada, por sobre as aguas: "Quer mangas, senhora?"

"Muito interessante! — exclamou mrs. Strode — as crianças aqui falam o inglez. — Sim, — disse ella, — venha a bordo! Parcks, tem você ahi algum dinheiro?"

O mordomo, que parecera ter surgido silenciosamente de não se sabe onde, remexeu no bolso os tristes restos da anterior noite de poker, e, com alguma timidez, apresentou seis pence.

— "Perdôe-me, senhora, — observou num tom respeitoso e confidencial — mas as frutas trazidas nesses barcos são de um preço exaggerado e não são frutas em que se possa fiar."

— Que tolice! — disse mrs. Strode, — você sabe, Parcks, que não está nem em Porto Said nem em Colombo agora. Além disso, eu não quero as frutas.

E' que mrs. Strode tinha tomado firmemente uma resolução. E, por isso, Parks afastou-se delicadamente.

Ella ficou por algum tempo recostada á borda da amurada, observando um rosto feiticeiro voltado para o seu, uns dentes perfeitos, uma pelle aveludada, uns olhos profundos e, sobretudo, a riqueza de uns cabellos castanhos, assimilando, em summa, todas essas qualidades em Felicia de Luana, a quem ia proteger materialmente com a compra de imitações de coral rosa e de mangas.

"O' querida pequena — gritou subitamente — suba de uma vez!"

E Felicia subiu.

Cerca de uma hora depois, resôaram algures dois sinos e o suave som de um gongo seguiu-se logo depois, annunciando o *lunch* a bordo do *Ajax*. Mas mrs. Strode fôra arrastada para outro ponto; estava occupada, para falar a verdade, no aprendizado da fabricação de cigarros com folhas sêccas de banana, achando-o absorvente. A formosa nativa, de algum modo, ia-se apoderando do espirito de mr. Strode. Escutando-lhe a fluida algaravia, observando seus movimentos ageis e inconscientemente graciosos, procurando sondar o mixto de grosseira ignorancia e subtil intelligencia que parecia formar a sua alma, a Dama Solitaria, sentiu um prazer mais profundo do que se já viesse de alguns dias a experiencia:

"...e você precisa levar-me a fazer a volta dos recifes, — disse ella a Felicia, — vamos nós duas no barco... e ensinar-me a apanhar peixes e a ficar debaixo d'agua dois minutos..."

Felicia parecia indifferente a estas possibilidades.

— A senhora não apanha peixe. — respondeu, olhando para as cousas luxuosas que as rodeavam, como se de algum modo pudessem ter influido naquella inhabilidade. — A senhora não fica debaixo d'agua nem um minuto.

Aspecto do "stand" da S. A. Chapéo Mangueira na 2.ª FEIRA DE AMOSTRAS

Na visita que fizemos aos mostruarios de chapéos installados na Feira de Amostras, chamou-nos a attenção o da conhecida fabrica — Mangueira, — pois alli deparamos com lindissimos modelos confeccionados com apurado gosto e luxuoso acabamento.

E' um prazer para nós brasileiros constatarmos a superioridade do que é nosso e deve ser tambem motivo de justo orgulho para a industria nacional ter como seu "leader" o chapéo — Mangueira — que, sem favor, pode igualar-se ás mais afamadas marcas mundiaes.

A DAMA SOLITARIA

(Continuação)

. . .

Verdade? — Mrs. Strode sentiu-se offendida. Não raras vezes, recentemente, costumava dizer existirem cousas que não poderia nem saberia fazer...

Veiu-lhe, então, á mente o passado; voltou aos dias, não muito distantes, em que tinha poucas vezes coragem para sustentar — "o desafio".

— Veremos, — acrescentou com uma ponta de aspereza na voz. — Isto póde depender mais de mim do que parece, entende?

Felicia baixou a cabeça gravemente; era um meio de resposta que julgava efficaz quando não entendia em absoluto uma cousa qualquer.

— Então está assentado — disse a formosa dama. — Virá ao longo da praia com a canôa amanhã cêdo e traremos nella mangas depois, oh! — juntou, offerecendo os seis pence de Parks.

Felicia recusou energicamente.

— A senhora não quer as minhas mangas, — affirmou.

— Você parece conhecer-me melhor do que eu propria, — disse mrs. Strode... Por que motivo pensa que não quero as suas mangas?

— Ouvi tudo, senhora.

— Oh! ouviu-me então? Espero que tenha ouvido mais do que suppõe.

— Ouvi demais — admittiu Felicia com brandura.

— Pois se você é a mais bella das crianças! — gracejou mrs. Strode. — E tomará o dinheiro, está ouvindo?

Felicia abanou a cabeça.

— A senhora não quer mangas, eu não quero o seu dinheiro — explicou claramente.

— Bem o vejo, — considerou mrs. Strode. — Parks, — acrescentou, voltando-se para o mordomo que se materializára de novo, — seu bom dinheiro foi repellido. Penso que lhe disse não estar nem no Port Said nem em Colombo, não?

— Sim, senhora... O *lunch* está na mesa ha já vinte minutos, senhora, — falou Parks fugindo cautelosamente do infantil olhar de Felicia.

— Mr. Strode já desceu?

— Ainda não, senhora.

— Elle foi tambem avisado com o gongo?

— Sim, senhora.

Mrs. Strode suspirou.

— Muito bem, — disse, — irei immediatamente.

Mas não foi.

. . . .

— Supponho que algum dia terá um marido — falou, voltando-se para sua hospede.

Felicia inclinou a cabeça, apparentando satisfação a essa perspectiva.

— Elles não são todos como esse — advertiu mrs. Strode, com um estranho sorriso. — E espero que o dirigirá de um modo differente...

— Um marido, é bem bom! — sustentou Felicia vagarosamente.

— A's vezes, — disse mrs. Strode.

Cousas passadas e vividas em epoca não muito afastada, passaram-lhe diante dos olhos.

— Quereria vêr o meu? — suggeriu subitamente.

Nada representava tal resolução na vida de Felicia.

— Venha sempre aqui; — continuou mrs. Strode. — ensinando o caminho desde o cacáoeiro até o começo, subindo esses degráos pequenos, dando uma volta por alli e atravessando o passadiço, chegará, afinal, á "toca" onde Bunny vive.

FELICIA olhou o branco convéz cheio de altas janellas envernizadas.

— Veja — continuou mrs. Strode. — Bunny está, na verdade, ausente para todo o mundo, e é disso que gosta.

— Todo o tempo?

— Quasi sempre, — disse sorrindo mrs Strode. — Vá até lá e veja o que pensar delle.

Felicia subiu. Pôz-se na ponta dos pés para vêr através de um dos oculos, processo a que recorria muitas vezes como a um auxiliar.

Dentro havia livros, milhares delles ao que parecia, enchendo tres paredes, do soalho ao tecto. Ao longo da quarta série, uma prateleira com pedras em desordem, massas informes de coral e instrumentos estranhos e, sob a claraboia, um asecretária igualmente cheia de livros onde se encontrava a escrever ininterruptamente um homem grande, louro, mettido num roupão.

Felicia já tinha observado varios exemplares de *turaga*, e os que alli se encontravam pareceram-lhe esplendidos no genero.

— Mas, — e ella voltou-se para mrs. Strode, querendo melhor explicar, — Bunny muito bem. — Annunciou como um meio de encorajamento.

— Estou satisfeita por você ter gostado delle.

— E a senhora?

Mrs. Strode franziu os labios e pôz-se a olhar o mar.

— Eu gosto delle por tudo que elle é, e por elle mesmo! — confessou. — Como você vê, — ella estava nesse dia em veia explicativa — elle é realmente um grande homem e enveredou por este caminho para descobrir novas cousas a respeito do mundo — do seu mundo. Você pensa que é bello e agradavel viver-se nelle, não? que elle é bastante para Bunny e para mim. Mas não o é senão para meu marido. Tem prazer em descobrir maravilhas, em conhecer como são feitas as cousas e como vivia o homem antes de nós. Vae, por isso, esconder-se na sua "toca"; agarra-se aos livros então...

Felicia ouvia attenta.

A formosa dama se lhe avantajava, mas não agora que procurava disfarçar ou encobrir por momentos dentro de uma forte resolução uma cousa que para o "philosopho" de Luana estava clara como o dia — a bella dama era tambem uma criatura isolada na vida.

* * *

— E' egoista, — commentou gravemente, cheia de piedade, Felicia.

Como complemento destas palavras houve por parte de mrs. Strode um riso silencioso, e um encolher de hombros, para o companheiro.

— E' melhor ir-se você agora, avisou. Eu vou fazer sahir Bunny e elle está, ás vezes, muito irritado.

Mas Bunny, nessa manhã, era menos susceptivel de tratamento do que as enfermidades que atacam inopinadamente o homem.

E ninguem ficaria mais surprehendido nem mais afflicto do que John Strode se descobrisse que tinha causado á mulher um momento de infelicidade. Não obstante, ella vivia na persuasão de que era para o homem de sua escolha como uma criatura que não existisse...

Na manhã seguinte, logo depois do sol sangrento surgir na orla do oceano, uma canôa encostou ao sotavento do *Ajax*, dirigindo-se depois com velocidade para os recifes.

(Continúa no proximo numero)

A ultima scena de João Caetano

E' do livro de Oswaldo Orico — "A Vida de José de Alencar" — que hoje será posto á venda como primeiro volume de uma série destinada a um grande exito literario, o capitulo que abaixo publicamos, e em que o autor evoca um episodio formidavel da vida do grande actor e do grande romancista.

"Fiz-me actor por vocação. Distribui o que ganhei; não juntei porque não pensei".

JOÃO CAETANO.

O theatro Santa Thereza, em Nictheroy, viu o principio e o fim da carreira artistica de João Caetano. Foi o marquez de Paraná quem, num rasgo de enthusiasmo pelo genio do actor fluminense, adquiriu uma grande área no Valionguinho e ahi fez erigir o theatro que lhe destinou á estréa, o que se deu em 2 de dezembro de 1833, com o drama *O principe amante da liberdade ou a independencia da Escossia.*

Os triumphos de João Caetano se contam dessa data até a memoravel noite de fevereiro de 1863, em que veiu a representar a ultima scena de sua arte e de sua vida.

O exito alcançado no palco pelo interprete de *Othelo* despertou na geração literaria do tempo o gosto pelo theatro. E logo um nucleo de escriptores, entre os quaes Macedo, Agrario Menezes, Quintino Bocayuva, França Junior e Pinheiro Guimarães, se propoz a concorrer para o brilho do genero. Alencar deu tambem seu concurso ao movimento. Era um temperamento e sabia ser uma vontade. Fez-se assim comediographo e dramaturgo. Escreveu varias peças; mas, embora de bons quilates sua contribuição para o theatro, a scena mais intensa e dramatica elle a escreveu involuntariamente, na noite de fevereiro de 1863, quando foi assistir á representação de *Os intimos*, no theatro Santa Thereza, onde trabalhava João Caetano.

Elle e o grande actor eram amigos cordiaes; mas, segundo se diz, questões intimas de familia, originadas pela opposição que o actor fazia ao casamento de uma de suas irmãs com o romancista, deram motivo a séria incompatibilidade entre os dois. Os resentimentos augmentaram quando Alencar lhe enviou a peça *Os Lazaristas*, para ser levada de accordo com as clausulas do contracto existente entre o governo imperial e o interprete de Nicodemo.

Examinando-a, descobrira João Caetano uma offensa aos seus sentimentos religiosos. O personagem principal da peça, em certo lance, dirigia a Christo violentas imprecações. Como catholico militante, o actor via naquelle papel, que lhe cabia desempenhar, indisfarçavel accinte á sua pessoa. E, num momento de colera, depois de amarrotar os originaes, devolveu-os, com um recado atrevido:

— Diga a esse moço que elle póde mandar no Parlamento, mas em minha arte não manda. E que nunca representarei, nem essa, nem outras peças delle.

Alencar chocou-se com o facto; e, golpeado em seu amor proprio, valeu-se de seu mandato e obteve na Camara que fosse supprimida a subvenção ao artista.

Abriu-se, dessa fórma, uma luta intima, de coração a coração, entre os dois amigos desavindos.

Na noite em que Alencar se dirigiu ao Santa Thereza, representava-se, por uma coincidencia do destino, o drama de Victorien Sardou — *Os intimos.*

Entrando na platéa, o deputado cearense foi occupar, inadvertidamente, um logar na primeira fila de cadeiras.

João Caetano atravessava então grande crise intima. Sentindo-se doente e fatigado, temia deixar a familia ao desamparo. Todo o dinheiro que ganhara despendera aos impulsos de sua indole generosa. Não possuia reservas que o tranquillizassem.

O theatro estava repleto. A representação corria em meio do maior enthusiasmo e o segundo acto ia quasi a findar. João Caetano sublimava na interpretação do personagem principal, quando, cahindo sobre a platéa, seus olhos se encontraram com José de Alencar, que na primeira fila de cadeiras assistia tranquillamente ao espectaculo. Não se descreve a emoção sentida pelo actor. Um relampago de colera lhe corta o pensamento. A' sua frente via o amigo implacavel, que o privara da subvenção tão necessaria ao abrigo da familia. E o grande tragico, desviando a scena do palco para a vida, representou nesse instante, em altas vozes, o seu ultimo papel. A platéa ficou suspensa. Victimado pelo coração, o actor cahiu pesadamente no palco. Nem na peça de Jacques Arago, a *Ultima Gargalhada*, cujo personagem elle estudou com um louco authentico, para melhor interpretal-o, foi tamanho o seu poder de realidade. Transportado para o camarim, logo depois seguia para os seus commodos na rua do Lavradio — "a casa da gloria", como elle chamava. Desde essa noite, recitando em delirio as comedias de Shakespeare, João Caetano representava para a eternidade.

A ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA na 2.a Feira de Amostras

Damos um aspecto da exposição, na 2.ª Feira de Amostras, da Academia Scientifica de Belleza, de Mme. Campos, o mais completo e importante estabelecimento no genero, exclusivamente destinado ao tratamento de senhoras e crianças; condecorado nas exposições de Milão (1920) e Rio de Janeiro (1922) com a cruz de merito, medalha de ouro e grande premio.

Podemos affirmar, com justiça, que o estabelecimento de Mme. Campos honra ao Rio de Janeiro com tal organização, competencia profissional e industrial; montado com todos os requisitos da sciencia moderna e da arte scientifica para attender aos fins mais apurados da belleza, da esthetica e da saude feminina.

São innumeros os recursos adoptados pela Academia Scientifica de Belleza para attender sua numerosa clientela, quer na applicação da Massagem Medica, Esthetica, Vibratoria, Pneumatica e Hygienica, com especialidade nas articulações (Arthrite rheumatismal, Entorse, Deslocamento, Affecções das synoviaes tendinosas, Derramamentos intra-articulares, Rigidezes articulares; no desvio da columna vertebral (Cyphose, Lordose, Scoliose); nas fracturas, ruptura muscular; nas doenças dos nervos, como nevralgias inter-costaes, Sciaticas, Nevrites, etc.; no apparelho circulatorio, respiratorio; nos peitos em casos de ... no Pescoço; no tratamento da calvicie, etc. etc. Tratamento da limpeza da pelle, manicure, tratamento das pestanas e sobrancelhas, epilação, tratamento dos cabellos em geral; pendiculações; tratamento especial do rosto com applicação da Massagem de Belleza A. S. B. Radiolite e processos modernos de rejuvenescimento pela Phototherapia, lampadas de Finzen-Reyn; tratamentos especiaes por irradiações com a lampada de Quartzo do Prof. Dr. Kromayer. Vaporisações e Pulverisações especiaes para fechar os póros, eliminação de rugas, etc.; processos para afinamento do corpo, reducção geral ou parcial da gordura, enrigecimento das carnes, empregando a gymnastica rythmada dos musculos pelo apparelho do Prof. Dr. Bergonié; banhos hydro-electricos galvanicos, faradicos, semisoidaes e combinados; banhos hydro-electricos a quatro cellulas, do Dr. Schnée; desenvolvimento e enrigecimento dos seios; banhos geraes de luz e ar quente; correntes de alta frequencia D'Arsonvalisação, thermopenetração ou Thransthermia; tratamento das doenças da pelle e do couro cabelludo pelos agentes physicos; pigmentação e recoloração dos cabellos brancos, fazendo-os voltar á sua côr natural, sem pintar (pela electricidade), provocando seu renascimento, etc., etc., etc.

Fabrica a Academia Scientifica de Belleza, de Mme. Campos, innumeros productos de longa reputação, como sejam os Cremes Rainha da Hungria, Creme Yildizienne «Concombre»; Creme Monbijou, Yildizienne (Morango); Creme Rodai; Creme Oly; Creme Radiolite Mysterioso; Creme Rosipor; Creme Mystik; Creme Rodal Mesdjem; Creme Kascarine; Creme Cheri-bi-bi; Creme Yildizienne (liz); Creme Elosmeny «Menthe»; Creme Mirabilia; Creme Walker; Creme Electrico Mirabilia; Creme Waler «Broca»; Creme Magnético Ganglionar. Loções: Electrica, Mirabilia; Elosmeny; Oly; Rosipor, Rodai, Sudorifica, Mistik Sudorifica, Broca, Elosmeny, Laurenol, Algeriana, Rodai n.º 14; Rodai de Lyrio Florentino ns. 1 e 2 e Geléa; Kaskarine; Rosipor (d'Acacia). Águas de: Rosas Triple A. S. B.; Yildizienne de Lavande Ambrée, Yildizienne Mysteriosa, Yildizienne de Morango, Rosipor Xinon, Rainha da Hungria (agua e perfume); Leite Oly. Agua de Colonia: Yildizienne Russa, Mystik, Rainha da Hungria, de Lavande Rodai. Pós de Arroz: Rainha da Hungria, Rosipor, Mystik, Cheri-bi-bi, Rodai, Kaskarine, Monbijou, Electrico, Oly, N.º 80, Yildizienne, Radiolite, etc.

Vários productos de grande belleza: Fards para a Maquillage, de varias marcas e typos, liquidos e seccos. Fards em cremes de diversos typos; Rouges em todos os typos, seccos e liquidos; todos os typos de vários productos para os lábios, olhos e bocca. Tônicos e brilliantinas para cabello, de innumeras marcas. Preparados para as mãos, de varias denominações, e bem assim para Unhas, Seios e Collos, de varias fabricações. Todos os productos para a hygiene das crianças. Saes para banhos (diversos). Innúmeros Depilatorios; Grande variedade de Pós de Talco para varias utilidades.

Balsamos e topicos, além de variadissimas especialidades Pharmaceuticas.

Mme. Campos, com casa na Av. Rio Branco, numero 134, 1.º andar, e 7 de Setembro, 166, possue também Grande estabelecimento em Lisboa, á Av. da Liberdade, 23.

Bromil é o melhor remedio para combater as Tosses.

Bromil desentópe os pulmões, sòlta o Catarrho e dá bem-estar.

Bromil é de grande efficacia contra os accessos da Asthma e da Coqueluche.

FON-FON

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 27 de Julho de 1929.

HELOISA

POR

MARTINS CAPISTRANO

HELOISA é uma boneca. Uma pequena boneca de carne. Tem tres annos. Tres annos incompletos. Mas, já sabe falar. E, na sua linguagem infantil, na sua ingenua linguagem de boneca, diz coisas lindas, que a gente escuta deslumbrado. E' intelligente. E educada. E moderna. Heloisa é uma criança invulgar. Uma criança admiravel. Bem differente das outras crianças. Não diz "papae" nem "mamãe", quando se dirige a seus paes, porque acha isso muito banal. Chama-os pelo nome, para mostrar que nasceu neste seculo e é carioca...

Tem uns olhinhos vivos e luminosos. Uns olhinhos que não descansam na sua instinctiva curiosidade de mulher. Porque Heloisa é curiosa como todas as mulheres. E gosta de reparar nas outras crianças do seu tamanho. E gosta de critical-as. E é implacavel. Femininamente implacavel. Como é bonita, e tem graça, e sabe falar, e não diz asneiras, não admitte que outra menina da sua idade seja feia, e não tenha ainda aprendido o idioma das crianças intelligentes, e não possúa, emfim, todos os seus predicados e os seus defeitos...

Heloisa é uma linda menina terrivel. Apparentemente quieta, ella encobre, naquella astuta e amavel serenidade, todo um mundo tempestuoso de traquinadas. Sorri, ás vezes. Mas, quasi sempre está séria. Séria como uma mulher que não dá confiança a ninguem. De maneira que, quem a vê assim, não diz que ella é a Heloisa que eu conheço. A Heloisa que sabe conquistar o árido coração dos homens que não têm filhos...

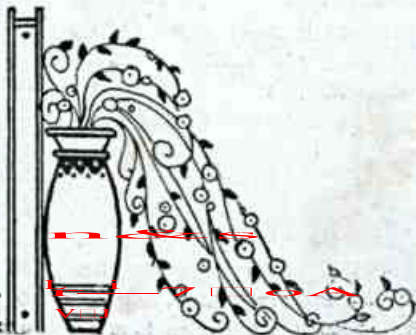
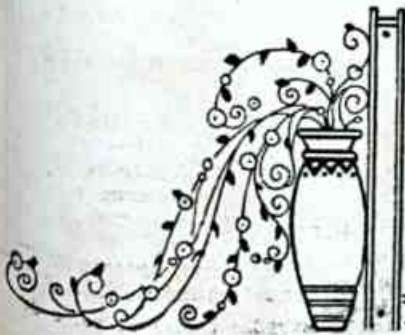
Menino do seu tamanho não se metta com ella, que apanha. Sobretudo si quer fazer-lhe a côrte... Heloisa não gosta de namoros. Só gosta de bonbons e de brinquedos.

E' de pouca conversa. Só fala quando tem necessidade. Quando quer, por exemplo, agradecer algum presente que lhe dão, ou quando deseja obter alguma cousa. Fóra dahi, é silenciosa. Silenciosa e grave como uma placida matrona.

Poucas vezes vi Heloisa chorar. Ella não é menina que ande chorando. Contrariada, uma tarde, por sua mamã, poz a bocca no mundo, e protestou com lagrimas. Outro dia cahiu em pranto alto, porque não a deixaram bater no filho da vizinha, um garoto mais velho do que ella, que gosta de perseguil-a com galanteios amorosos... Heloisa, indignada, quiz castigar o insolente. Mas foi impedida de o fazer. E chorou, em signal de protesto. Tambem só tem chorado assim.

Os paes de Heloisa fazem tudo o que ella quer. Trazem-lhe os brinquedos que reclama, levam-na ao circo e até não sahem de casa quando ella assim o determina. Ella é a rainha de seu lar. Filha unica, não tem de quem ter ciume. E, como sabe que é querida, abusa. E, quando quer as cousas, bate com o pé, e exige.

Heloisa é, tambem, vaidosa. Gosta de enfeitar-se e já sabe para que serve o rouge que sua mamã tem sobre a penteadeira. A's vezes, surge na sala coradinha e perfumada e com os pequeninos labios sangrentos de tinta franceza...

Ah! Heloisa já não parece uma boneca. Com aquella carinha desconfiada e purpurea, ella mais parece uma suave melindrosa...

A Congregação da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro prestou, sexta-feira penultima, uma homenagem á memoria do jurisconsulto argentino prof. José Léon Suarez, que era professor honorario daquelle estabelecimento. No salão nobre do Instituto dos Advogados realizou-se uma solennidade, da qual foi orador official o dr. Rodrigo Octavio, que se vê no medalhão lendo o seu discurso.

FILIGRANAS

Num diario de grande circulação da provincia de Ontario, no Canadá, se lia ultimamente a noticia de ser a fronteira proxima com os Estados Unidos cruzada todos os annos por mais de um milhão de automoveis «yankees». O commercio e o turismo canadenses não tiveram tempo de rejubilar-se muito com essa nova, porque logo se verificou que os donos e passageiros desses carros vinham frequentar as seguintes attracções: lindas paisagens proximas a uma casa de bebidas, banhos excellentes junto a um botequim, prados de «golf» ornados de varios bares, ruinas coloniaes perto de bodegas, restaurantes onde se vendiam bebidas de toda a especie e até edificios notaveis pelas bebidas de seus depositos...

No Brasil só se fala em comidas. Lá, em bebidas...

FILIGRANAS

Quando os nossos jornaes vespertinos ou matutinos exploram criminosamente os escandalos amorosos, elles sabem bem o que fazem. Cortejam o gosto do publico por esses romances baratos da vida nas grandes cidades. Não ha melhor propaganda no mundo do que o escandalo.

Prova-o um facto recente em Genebra. Existia no pateo do Museu de Arte a estatua duma criança com um crocodillo nos braços. Ninguem lhe dava o menor valor. Um chronista publicou um dia um trabalho, mostrando que esse marmore fôra de Lola Montes, a celebre favorita do rei Luis da Baviera, junto com o qual foi mysteriosamente afogada; e que a mesma o dera a um grande industrial genebrês que arruinára. Desse dia em deante o Museu se encheu de gente em romaria ao petiz do jacaré...

Os jornaes sabem o que fazem...

* * *

LINHAS PARALLELAS...

As torres brancas da egreja da villa emergindo dentre o rubro dos telhados, recortavam-se no céo esfumado de uma tarde triste...

A ultima claridade vinha morrer no aço polido das aguas mortas da lagôa...

A' nossa frente, cada vez mais, se estendia a linha recta dos trilhos enferrujados. Vinha da matta proxima um cheiro bom de ramos verdes, que se partem, um cheiro doce de fructos e de flores.

E ao longe, burguezmente, descansava a massa uniforme do casario.

Seguiamos...

Cada um pleno do seu sonho, dentro de si mesmo...

Que importavam as idéas de outrem, os sonhos de outrem, si os seus preencheriam, por si só, uma vida?

A musica cadenciada das pe[illegible]sadas morosas resoava sobre os trilhos de ferro. Ninguem saberia dizer para onde ia, por aquelle caminho que se estendia á nossa frente, cada vez mais, cada vez mais, formado por duas linhas parallelas que se dirigiam para a frente, sem se encontrarem nunca, atravessando mattas floridas, cortando estradas cheias de sol e de

O dr. Aloysio de Castro, director geral do Departamento Nacional do Ensino, offereceu, sabbado ultimo, á tarde, no Copacabana Palace Hotel, uma recepção em honra dos delegados officiaes latino-americanos ao Terceiro Congresso Odontologico que acaba de se realizar nesta capital. Essa festa teve a presença do sr. ministro da Justiça e outras altas figuras da administração da Republica.

sombras, passando por dentro das pontes, sobre os abysmos...

Mais uma vez voltei-me e deixei que o negro dos meus olhos sonhadores se derramasse sobre as torres que se recortavam no céo esfumado da tarde triste; mas quando de novo o caminho de trilhos parallelos se estendeu á minha frente, com a rectidão das suas linhas enferrujadas a avançar cada vez mais, cada vez mais, sem destino, atravessando mattas floridas, estradas cheias de sol e de sombras e pontes sobre abysmos, eu fiquei a lembrar que elle era bem a imagem da minha Vida e do meu Sonho a avançarem parallelos, sempre para a frente, cada vez mais... cada vez mais...

SUZANA DE ALENCAR GUIMARÃES.

Realizou-se sabbado, nos salões do Club de Regatas Botafogo, que se engalanaram de sorrisos e graças femininas, um chá-dançante em homenagem á senhorita Olga Bergamini de Sá, embaixatriz da belleza brasileira no recente concurso internacional de Galveston.

A felicidade, hoje, adquire-se com um gesto breve, levando a mão ao bolso...

* * *

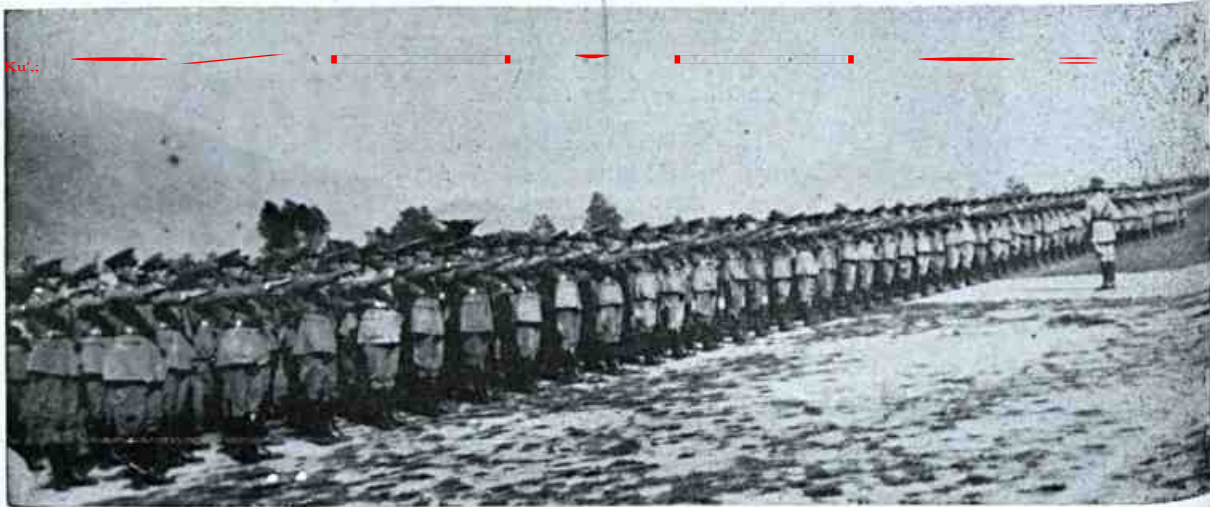
No amor, o primeiro gesto do homem começa pelo laço da gravata...

* * *

Que seria da mulher, se não fôra a camisa de seda?

MARION

• • •

Os alumnos do primeiro anno e curso annexo da Escola Militar do Realengo prestaram o juramento á bandeira na manhã de segunda-feira. O sr. presidente Washington Luís, acompanhado dos membros da casa militar da presidencia da Republica, compareceu á ceremonia, que se realizou no parque de instrucção da Escola e teve a presença, tambem, das altas autoridades militares e muitas familias.

FILIGRANAS

Haverá coisa mais horrivel neste mundo do que falar ao telephone no Rio de Janeiro? Levam-se quartos de hora esperando que a moça attenda; depois, tem-se que repetir o numero varias vezes, porque sempre a sua telephonista vae attender e nunca é a telephonista da gente quem attende; por fim, o apparelho pedido está em communicação... Repetem-se os mesmos episodios varias vezes para obter de novo ligação. Quando se é feliz e se obtém a dita, no melhor da conversa, no ponto mais importante, um estalo no ouvido e a Mandiciosa voz da rapariga responde, quando se reclama: *queira desculpar, não querem mais falar para ahi.*

E' o diabo! O camarada perde a paciencia, fala grosso, ameaça, descompõe, damna-se a bater no gancho e ahi é que não obtem mesmo mais nada...

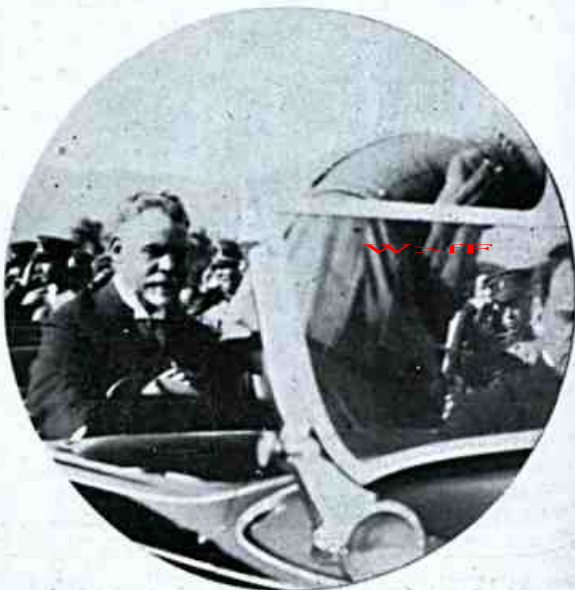
Tenho um amigo que ficou maluco por causa das telephonistas e anda inventando um apparelho electrico a ser adaptado aos telephones. Bastará calcar-se um botão para, lá na sala de ligações da companhia, um espeto furar as telephonistas impossiveis...

• • •

COCAINA

A mulher, adivinha-se pelo perfume que usa; o homem, se conhece pelos livros que lê...

EVANIDADE...

Do amor e das leis dos homens...

Uma enfermidade de alguns dias, não muito grave, mas bastante cacete, para me impedir de escrever, afastou-me desta secção. Substituiu-me — e com que brilho! — no numero passado, o meu illustre companheiro Mario Poppe, assignando a bella chronica "Do amor, das mulheres".

Nessa chronica, o meu collega abordou a questão do divorcio — assumpto de que aliás sempre fugi, habilmente, por julgal-o digno, apenas, dos legisladores, e não dos chronistas mundanos. Quanta coisa não se teria a ficar nesse mundo problema do coração e da sociedade!

No emtanto, sou forçado a reconhecer que o filigranista da "Cidade do Amor", como autoridade que é em materia de psychologia sentimental, discutiu a questão com uma clarividencia de mestre.

Citou os grandes entendedores do coração: La Rochefoucauld e Sainte-Beuve, "très versé dans la casuistique sentimentale", no dizer de Henry Bordeaux, — para chegar a este conclusão: "A felicidade ou a infelicidade não depende, pois, do casamento ou do divorcio, como para mim tambem não reside na educação de todos nós."

Estou de pleno accordo com Mario Poppe. E para fortalecer a sua these, posso recordar, aqui, uma outra, um pouco paradoxal, é verdade, mas que, por isso mesmo, é digna de ser ouvida.

A these é de Pitigrilli, esse formidavel ironista sobre quem um jornal de Roma escreveu: "ha saputo vincere tutte le difficoltà e diventare di colpo lo scrittore più noto e più diffuso."

Com o seu humorismo venenoso, elle conta, na "Virgem de 18 quilates", a historia de dois amantes — Mauro e Melita — que eram felizes sem a legalização de uma união conjugal. Mas acontece que a familia da joven intervem. Mauro se vê coagido a tomar a Melita por sua legitima esposa. E' terrivel a pressão da familia.

Que fazer? Mauro casa com Melita. Casa, porém, detestando-a. E quando isso se dá, elle percebe que "i cari parenti (della) erano riusciti a distruggére l'amore" que os unia antes.

* * *

Quando sáem da pretoria, cada um segue o seu destino, — para, mais tarde, se encontrarem de novo. Comprehendendo que não podiam ser felizes — unidos por um casamento forçado — resolvem recorrer ao divorcio. Si é a legalidade do matrimonio que os impede de se amarem, é possivel que, desfeito esse compromisso, ambos se voltem a amar como dantes.

Projectam uma viagem de recreio. E, durante essa excursão preparatoria de um divorcio salvador, os corações de ambos chegam a este paradoxo alarmante: amam-se doidamente — para compensar as saudades futuras.

* * *

Tudo isso é muito divertido.

E' uma "charge" terrivel, uma "moquerie" do escriptor, que não crê na sinceridade dos homens. Mas, mesmo assim, não deixa de ser profundamente humana.

Não se pode legislar sobre os sentimentos. Ha amores obedientes, razoaveis, cordatos, regulares e normaes como um relogio; mas a maioria é como o de Soror Marianna, absurdo até a loucura — e que a fazia exclamar: "Ama-me sempre, e faze-me soffrer ainda mais."

UM lindo sorriso de mlle. Córa Bocayuva. Um lindo sorriso que revela, na sua expressão enigmatica, a graça de saber sorrir com encanto. Portadora do illustre nome que tanto honra, e tão bem representa, com a sua belleza moça, mlle. Córa Bocayuva é uma figurinha de muito destaque na alta sociedade carioca. Além disso, é dona de um coração generoso, que sabe sentir de perto os sombrios infortunios dos que soffrem e necessitam de amparo. Tanto é assim, que mlle. Córa está organizando um recital de arte, em beneficio do Sanatorio S. Paulo, de Campos do Jordão, para tuberculosos pobres.

CHARLA — Os senhores terão feito a observação que já fiz? Certamente não sabem do que se trata. Um homem que escreve deve fazer observações de toda ordem. Inclusive observações astronomicas: olhar as "estrellas" da terra e "ouvir" as do céo.

Mas eu me explico. A observação a que me refiro é muito simples. Reparem si não é...

Quando um homem de physico mediocre passa

QUE conversarão as tres? A garota deve estar achando que «aquillo tudo» é novo para ella

. . .

sozinho por uma rua, e uma melindrosa qualquer o encara, — immediatamente desvia os olhos delle com um muchôcho de desprezo. E' como si dissesse: "Não dou confiança!"

Dias depois, si essa melindrosa encontra o cavalheiro de physico mediocre, acompanhado de uma senhorita "bôa", mais bonita do que ella, mais *chic*, typo *standard*, a tal mocinha que "não dá confiança", fita, primeiramente, o rapaz, — agora com mais interesse, e, a seguir, "tira uma linha" da "outra", afim de vêr si o seu vestido é mais rico, mais moderno, etc.

Si ella se convence, intimamente, de que a outra é, realmente, mais elegante e mais bonita do que ella, — o seu primeiro cuidado é conquistar o cavalheiro, aquelle a quem desprezára, no começo, com a cara de muchôcho e o "não dou confiança".

O melhor de tudo é quando o cavalheiro percebe a intenção da melindrosa pedante, e tira a sua *revanche*, fingindo que "não dá confiança".

Ha outros casos interessantes. A's vezes, a melindrosa passa ao lado do seu almofadinha.

O seu primeiro gesto é exhibir a *alliança* de noivado, para que o cavalheiro veja bem que ella é noiva delle.

Si o cavalheiro (falo do cavalheiro desprezado, a quem ella não dava confiança) finge que não vê a "alliança", e olha o par com indifferença, como si dissesse: "Esse estrépe é o teu noivo?" a mocinha desdenhosa dá o desespero e fica num despeito terrivel. E juro aos senhores que, na primeira opportunidade, ella fará um *flirt* com o cavalheiro de physico mediocre.

Si elle continúa firme — peor para ella. A mocinha que "não dava confiança" põe em jogo todos os ardis para conquistar o cavalheiro, isto é, para merecer as suas attenções, as suas homenagens, etc.

Si o cavalheiro fôr caprichoso, ella poderá morrer sequinha como um harenque, e não obterá delle nem uma saudação.

E é por isso que, devido a um simples capricho, tão lindos affectos se destróem por si, se diluem como um pingo de tinta rôxa num copo d'agua. (Cito a tinta rôxa porque é o symbolo das coisas tristes e duvidosas).

Camille Mauclair tem razão quando diz:

"Le femme qui se sent le plus perdue est celle qui aime le mieux..."

OS HOMENS... AS MULHERES — DE YV[illegible]

— Zelia!

— Carlos!

E os dois antigos noivos, que um capricho separára como se rasgasse uma só alma em dois pedaços, ficaram perplexos, um deante do outro. Elle batia nervosamente com a ponta da bengala na pedra lisa da calçada; ella mordia o labio, num nervosismo inquieto, o rosto pallido como a de certas figuras de cêra que se vêem nos museus.

Silhueta fragil, — a haste de um junquilho dentro da folha verde de um vestido vaporoso, — esmaltado pelo *maquillage*, Zelia tinha essa elegancia dolorosa das mulheres que soffrem, sem prejudicar a sua belleza joven.

Sorriu para os olhos escuros de Carlos. E sob o chapéo de feltro, que lhe deixava apparecer um *boucle* negro de cabello, as suas pupillas, de um ouro escuro, se accenderam sob a humidade das lagrimas.

Carlos não sabia como romper aquelle silencio embaraçado. Disse ao acaso:

— Como está mudada, Zelia.

Zelia baixou os olhos. Depois, olhou longe, — como si estivesse vendo o seu passado, tão cheio de agitação e tumulto. Respondeu:

— Que queres? Os annos, os desgostos, a vida...

— Sobretudo a vida.

— Ou o amôr?

— Quem sabe? O amôr, ás vezes, é um corrosivo para a nossa vida: deforma-a, inutiliza-a, torna-a imprestavel...

E de repente:

— Não és feliz com o teu casamento?

Zelia olhou-o de soslaio. Teve um sorriso triste:

— Feliz? Oh! Mas eu só seria feliz com um homem...

— E este homem... — insinuou Carlos.

— Esqueceu-me.

— Crueldade, Zelia! Crueldade! E por que te esqueceu elle?

— Porque todo homem é volúvel...

— Quando percebe que não é amado?

— Quando percebe que é amado até o sacrificio.

— Mas não foi esse o nosso caso.

Um silencio. Zelia enxugou uma lagrima:

— Sabes de uma cousa, Carlos? Não convém rememorar um passado que, como todos os passados, é irremediavel. Que nos adeantaria constatar, hoje, si foste tu, ou fui eu a culpada de todo esse desastre do nosso affecto? Eu creio num determinismo immutavel, que rége o secreto destino das almas que se amam. Si a separação inevitavel se tem de dar antes de um fazer o outro feliz, todo esforço opposto a esse designio será inutil. Cada um terá de res-

gnar-se com a vontade da sorte. E eu já me resignei com a minha, durante esses dez longos annos de soffrimento. E tu? Que fazes pela vida? Ainda continúas solteiro, Carlos?... Pouco mudaste. Estás forte, joven, palpitante de vida.

Carlos teve um gesto de desalento:

— E, no emtanto, vou passando pela vida como um simples fantasma do que fui. Sou uma sombra de homem, uma criatura inutil, uma ruina sombria. Nunca mais conheci essa alegria do amôr que produz vertigens, que desorienta, que mortifica, que faz a alma rebentar em sonhos e espinhos. Todas as minhas outras conquistas têm sido lamentaveis fracassos para o meu coração.

Carlos e Zelia iam agora por uma alameda deserta. Caminhando lado a lado, as suas mãos se tocaram e, instinctivamente, se apertaram. Houve, então, entre elles, como uma transfusão de almas, de sentimentos, de desejos e idéas. Emmudeceram. As mãos de ambos tremiam. Estavam geladas. Subitamente, Carlos tomou-a entre os braços. E as suas boccas se encontraram, n'um beijo afflicto, rapido, fulminante, que tinha o gosto...

Gosto de que? Elles mesmos não o sabiam definir. Então, Zelia murmurou:

— Não és o mesmo Carlos. O teu beijo tem hoje outro sabor, que não tinha ha dez annos.

— Tambem não és a mesma, Zelia... E' que hoje amamos com uma outra alma. E o nosso amôr envelheceu um decennio. Continúa com o teu casamento infeliz. Eu continuarei o fantasma do que fui. Adeus.

E separaram-se.

COM a prova de athletismo que se realizou no campo do Paulistano, o querido club teve uma dessas tardes magnificas, não tanto pela radiosidade do céo de S. Paulo, sempre tão brumoso, tão melancolico, mas pela assistencia, que foi linda e esplendente. Ahi estão as «torcidas» mais enthusiastas que, no campo do Paulistano, fizeram o encanto daquella tarde sportiva. Lindas e risonhas que ellas são, não é verdade?

TEDIO — Não ha tristeza nesta linda manhã radiosa. O sol é novo, porque não é como os outros das manhãs anteriores. Não apparece vestido de brumas, como um franciscano no seu burel cinzento. Não, este sol carioca surge hoje risonho, alegre, arlequinesco. Posso mesmo dizer que está immoral — porque apparece desnudo, na sua luminosidade branca, rutillante — nú, como aquelle *Apollo* do Belvedere, o bello e rico museu.

E' um sol tão alegre, que, ao entrar, ali, por aquelle rectangulo da janella da redacção, parece dizer com um certo ar de malicia: "Bom dia, sr. Y... O senhor está ahi de penna na mão sem escrever. Anda, como Wilde, á cata de originalidades, construindo paradoxos e apologos, ou aprisiona motivos amargos, no rythmo da sua prosa, como Baudelaire, para vasal-os depois no cadinho do verso?...

O sol, que está nú, como o Apollo do Belvedere, surge lindo, no esplendor da sua alegria dourada, a rolar na campina azul deste claro céo tropical.

No emtanto, desejaria que o dia de hoje fôsse feio, pardo, de céo brumoso... Queria que a bruma rolasse no céo côr de lousa, mas uma bruma tão baixa, que se tivesse a impressão de que elle, o céo triste, pela primeira vez viesse conversar com a terra isto é, com as coisas puras da terra: a agua dos lagos, as flôres virgens, as florestas, os passaros innocentes e as féras. Sim, as féras, porque estas são mais innocentes, na sua ferocidade, do que as mulheres nas suas meiguices mais ternas...

Queria, sim, que o dia de hoje fôsse feio e triste, sem esse sol, que parece um fauno de luz, brincando nas campinas mythologicas do céo...

Por que este sol inconveniente? Por que veiu elle encher de luz esta sala? A luz é cruel porque é energica, é clara e desenganadora como a verdade. Amo a penumbra, porque esta é alma da doçura, é a imagem da serenidade, é irmã da illusão, é a mentira da luz.

Ella nega tudo, porque disfarça e esconde a realidade das coisas. A luz é brutal porque revela, flagrantemente, o que a outra esconde.

Não! Este sol hoje não veiu n'um momento feliz A sua luz me faz mal. Prefiro a penumbra dôce e mansa, porque nos dá o consolo da illusão, da mentira, das coisas que a imaginação construe nos seus sonhos ephemeros.

Oh, não! Esta luz, este ouro fulgente faz mal á minha alma transbordante de tedio...

Como me ficam bem os versos de Gaston Syffert...
Mon ame a la laideur de ces brouillards d'automne qui vont séffilochant au bas des ciels salis...

CLARO-ESCURO — Minha amiga — Uma carta, que é dirigida a uma amiga é uma especie de manifesto: convém a determinada classe de pessôas. Mas, pela minha inicial, que encontrarás ao pé desta missiva, logo perceberás que sou eu que te escrevo.

Não tenho grandes coisas a te dizer. No emtanto, sirvo-me aqui da phrase de mme. Sévigné: "Si je vous écrivais toutes mes rêveries, je vous écrivais toujours les plus grandes lettres du monde..."

Oh, as minhas rêveries!

Si tu soubesses o que é ficar, num recanto de sala, á sombra de um *abat-jour* triste, a lêr, infinitamente; a bocejar, a seguir as asas de um sonho que foge!... Ah, si soubesses o que é vêr a tarde morrer, entre as brumas de um dia pardo, *gris-brun*, como diria La Rochefoucauld! Depois, é a invasão da sombra, a dôce penumbra em que a lampada arde, a lampada,

*Compagne des grands [soirs, sœur des instan-
[ts lyriques...*

O livro que está entre os meus dedos rola sobre o tapete — emquanto os meus olhos se abstraem, olhando sem vêr, ou vendo, longe, através da imaginação, a figura deliciosa de alguem...

Ah, minha amiga, si pudesses conceber tudo o que me domina o espirito, nessas longas tardes de bruma e de frio, de tedio e solidão!

Imagina que, para maior enervamento, mais grave melancolia, mais desoladora saudade, da quem te escreve estas palavras intimas, o dia de hoje é um domingo burguez.

Tudo em torno me entedia. Tudo que não seja a recordação da tua silhueta luminosa — me enfada e fatiga.

E curioso é que, si porventura tu mesma estivesses ao pé de mim, eu não te desejaria, como sempre, — com aquella fome de beijos e ternura, do nosso primeiro dia de amôr.

Lembras-te?

Era tão lindo o sol. O céo era de uma pureza diaphana, quasi subjectiva, quasi inexistente, porque parecia feita de perfume — esse perfume que embalsama a nossa vida interior.

Talvez porque o dia fôsse lindo, o sol faguIhasse como uma braza de ouro, e o céo tivesse uma angelitude indefinivel, eu te tomei nos meus braços, e a minha bocca sorveu a tua, numa vertigem que passou breve. Lembras-te?

...Pois olha, si hoje estivesses aqui, a meu lado, (como é paradoxal o coração humano! eu, que só penso em ti, que assisto a este anoitecer com a minha alma em farrapos, seria indifferente ao teu amôr solitario.

E, certamente, vendome assim, abstracto, os olhos longe, dentro do claro-escuro deste *abat-jour* melancolico, tu me perguntarias assustada:

— Em que pensas?

E eu te responderia:

— Em nada.

Adeus, minha dôce amiga, minha grande amiga, que não conheço, nem existe senão na fantasia do meu sonho. — Y.

COMO TE ILLUDES!

Talvez julgues que, em meio ao turbilhão
Da vida, que me é sempre dolorosa,
Não se lembre de ti meu coração,
Nem te evoque a figura deliciosa.

Talvez penses que vou, como outros vão,
A desfolhar, sorrindo, alguma rosa,
Que feriu, por acaso, a minha mão
E, arrancada, entregou-se, voluptuosa...

E, no entretanto, como tu te illudes,
Si julgas que te esqueço um só momento!
— Em tudo, até nas minhas attitudes,

Percebem todos que jamais te olvido...
E, apesar do meu grande soffrimento,
E's sempre o meu amor inesquecido!

PAULO GUSTAVO.

BLAGUE — As unhas deixaram de ser aquellas garras ponteagudas e aguçadas como punhaes. As suas donas (é claro que falo das unhas femininas) resolveram aparar-lhes um pouco a aggressividade...

Agora ellas são curvilineas; não em angulos curvilineos, mas em linhas curvas e dôces.

Mas não se pense que é por nosso bem. Não é porque não pretendam arranhar e esconder as unhas — como as gatas. A razão é outra, muito outra, aliás perfeitamente logica, perfeitamente acceitavel.

Como soube disso? — indagarão os senhores.

De um modo muito simples.

Conheço uma senhorita economica, como a Caixa do mesmo nome; avara como o Père Goriot, de Balzac; sovina como um pharmaceutico... Emfim, essa dama das minhas relações é dessas que do Padre Nosso só rezam o — "Venha nós". "Ao vosso reino" — nada! E' uma esponja: absorve tudo espontaneamente; mas para dar, é necessario ser espremida.

Notei que as extremidades das unhas dessa senhorita-aberração estavam ficando arredondadas — menos aggressivas. Perguntei-lhe:

— Que significa isso?

— Isso, quê?

— As suas unhas?

— Estão descoloridas?

— Não; pelo contrario: estão até vermelhas como o pudor de uma donzella de trinta e dois annos. Refiro-me á forma.

— Acha que estão menos agudas?

— Sim. E' moda?

— E' moda forçada pelas circumstancias.

— Fiquei na mesma — gracejei.

Então, a senhorita aberração sentou-se a meu lado e explicou:

— Actualmente, com os vestidos curtos, excessivamente curtos...

— As tangas modernas — atalhei.

— As nossas folhas de parreira — retribuiu, no mesmo tom... Mas, como dizia, com os vestidos modernos, nós não nos podemos sentar sem puxar a saia para baixo dos joelhos.

— E que acontece? — fiz eu, sem comprehender.

— O que acontece é que, nesse exercicio constante, as unhas longas roçam a malha da meia e...

— E' um desastre!

— Sim, é um desastre, porque cada par custa vinte e cinco mil réis e trinta.

— Quando não é a prestação.

— Sim, a prestação custa o triplo. E é doloroso pagar 90$ por um par de meias, que só dura um mez, no maximo.

— Mas ha um recurso

— Qual é? — saltou a dama inconcebivel, curiosa.

— E' passar o calote no prestamista.

— Não gosto de deboches.

E lá se foi ella, insultada.

Como vêem le mot d'ordre é unhas arredondadas. E si ha, por ahi, alguma senhorita de Nosso Senhor Jesus Christo, que desconheça o processo, elle ahi está — sem custar um real.

Até sabbado.

O baile com que o Fluminense Football Club solemnizou, segunda-feira á noite, o 27.º anniversario de sua fundação, resultou num successo mundano, que ficou assignalado no «carnet» da nossa vida elegante. Foi uma festa de brilho excepcional, e tanto mais deslumbrante quanto nella se fez representar toda a alta sociedade carioca. As photographias que estampamos nesta pagina, e que fixam dois aspectos dos salões do Fluminense, dão uma idéa da sumptuosidade dessa reunião do «grand monde».

PAINEL DE AZULEJOS

FOLHAS SECCAS

Mesmo de longe, ouço tua voz.

Espero-te, embora saiba de antemão que não virás. E não virás, porque não poderás vir...

Sinto a requintada volupia de pensar e de fantasiar. Espiritualizo o meu anseio. Accendo na noite da alma o lampadario dos sonhos. E os pyrilampos do desejo tremeluzem nas sombras da minha solidão, povoando de lumes as trevas interiores.

No silencio, sob a nocturna calma do céo enluarado, se eleva o meu amor — um castello de esperança, construido no ar... longe da chatice da terra.

Em volta do castello, o rosal de Amiel, cujas rosas jamais devem ser transformadas como o fôram as da lenda. A inveja tornou-as de âmbar, de coral e de nácar. Ao proprio peso, ellas curvaram-se para o chão tôrvo, com a melancolia dos grandes pesares e dos affectos perdidos. Que o sôpro da inveja jamais lhes toque, jamais as profane!

E o sonho de amor esplenda como uma victoria ré[?] jia[?] boiando á face dum lago tranquillo!

Despertem as estrellas uma a uma pelo céo immenso e a cada qual que surja corresponda uma palavra sonora no poema em que canto a gloria de te comprehender.

As folhas doiradas pelo calor do sol cáem dos arvoredos. Bailam em rythmo compassado e monotono sobre a areia fina dos parques solitarios. Rodopiam pelas alamedas, cujo saibro reluz como prata polida e lá se vão correndo, correndo até se despenharem pelo respaldo da montanha nos abysmos que cercam a paizagem. Os nossos sonhos são como essas folhas que o vento tange. A vida as escorraça aos sopros, em rajadas bruscas ou em haustos subtis. Muito tempo ellas vão rolando, rolando até desapparecerem ou se pulverisarem.

Ha, porém, algumas dessas fôlhas côr de oiro velho, raras, que demoram mais tempo pousadas no claro, prateado saibro dos parques, nos floridos canteiros dos jardins. E mesmo ha outras, ainda mais raras, que mãos piedosas apanham, afagam, alisam e guardem entre as fôlhas de papel dum livro de missa ou dum volume preferido, afim de poderem os olhos vêl-as de quando a quando...

Todos nós guardamos lá dentro d'alma, nos mais intimos refolhos, uma ou outra dessas fôlhas sêccas, escolhidas entre muitas que o vento espalhou. E é muitas vezes a recordação dellas que nos faz, ao mesmo tempo, paradoxalmente, consolados e tristes...

Mesmo de longe, ouço tua voz...

D. JAYME.

O dr. Laurentino de Araújo Chaves, juiz de direito de Campo Grande, Estado de Matto Grosso, é, tambem, brilhante e apreciado homem de letras, tendo realizado, ainda ha pouco, naquella cidade, notavel conferencia sobre José de Alencar. O illustre patricio, em companhia de sua exma. esposa, seguiu, sabbado ultimo, para o Ceará, sua terra natal, em viagem de recreio.

O dr. Raul Pontual, medico da Polyclinica de Botafogo e da Fundação Gaffrée-Guinle, apresentou, no Congresso de Medicina ha pouco reunido nesta capital, dois notaveis trabalhos sobre «A syphilis do estomago» e «O valor diagnostico e therapeutico da drenagem das vias biliares pela tubagem duodenal». O joven scientista patricio acaba de regressar ao Brasil, depois de longa estadia na Allemanha e nos Estados Unidos, onde fez um curso de aperfeiçoamento da sua especialidade: nutrição e vias digestivas.

THEATRO FRANCEZ

DENTRO de breves dias estreará no Municipal a Companhia de Comedias Francezas De Féraudy, que Buenos Aires tem applaudido com calor. Entre os nomes que prestigiam o elenco desse conjuncto de arte, sobresahem, brilhantemente, os de Marguerite Romanne, Lucienne Cauvières, Germaine Géranne, Maurice De Féraudy e Roger Gaillard, cujas photographias publicamos nesta pagina.

O genio tragico do rei dos pintores

Alba Valdez.

ALBA Valdez é, na actualidade, uma das mais bellas expressões da mentalidade feminina patricia. Escriptora apreciadissima na sua terra — o Ceará —, o prestigio e o brilho de seu nome ultrapassaram, ha muito, os lindes fronteiriços do meio em que ella vive e exerce sua fecunda actividade intellectual, projectando-se no amplo scenario das letras nacionaes, onde Alba Valdez figura, sem favor, em logar de accentuado destaque.

A mentalidade culta e expressiva da escriptora cearense merece a consideração que lhe dispensamos.

E' autora de duas obras interessantissimas — Em sonho..., linda serie de phantasias, algumas das quaes foram traduzidas para o francez e para o sueco, publicadas umas em Le Matin, de Paris, e outras no Hoad Nytt, de Stockolmo — e Dias de luz, novella. — Alba Valdez tem publicado varios trabalhos de valor, na imprensa cearense, de que é ella assidua collaboradora. Pertence á Academia Cearense de Letras a distincta escriptora que inicia, hoje, sua brilhante collaboração no FON-FON.

O ESTADO emocional da tristeza, muitas vezes, torna rigido o coração. E nelle se impregna a frialdade da indifferença ou do desdem.

O ambiente malsão mata a esperança e a flamma da alegria oscilla, abate-se, porque não é da bonança o vento que sopra.

Não admira, pois, existam naturaes que se alheiem ante as maravilhosas paizagens que o pintor Sol do Ceará expõe á vista collectiva nas manhãs jocundas e nas tardes serenas dos verões clementes.

O formidável artista é sobretudo celebrado, aqui e alhures, pelo realismo intenso dos seus meios-dias de fogo, que incendeiam os olhos e fatigam o corpo. Em semelhante conjunctura, vêl-o é sentil-o para soffrer...

Então soffre a ravina, a fonte, o riacho. Soffre a matta, o arbusto, a relva. A boiada, o rebanho, a colmeia.

E soffre o homem.

O pintor Sol do Ceará tem a vis trágica e, neste caracter, as suas obras marcam momentos historicos perpetuamente lembrados desde a praia ao sertão.

Ninguém esquece — para falar apenas do ultimo quinquennio — a era dos dois 7, dos tres 8, do 15, do 19 em que se agitam como espectros as desventuradas massas emigrantes sob os flagicios da miséria e da nostalgia.

Ali, o colorido é tão carregado, a vida nas figuras assume tal expressão de catastrophe, que a retina se não impressiona com o brilho doce de quadros ulteriores.

Podem enfolhar-se as rosas do amanhecer e enramalhetar-se as boninas da tarde que o habitam — laborioso da cidade ou do campo não dará por ellas se lhe não pedirem alviçaras do bom inverno a chegar.

Por isto, nessa tarde de novembro, o pintor Sol do Ceará passa despercebido apesar de exhibir um occaso... um occaso parecido com a corolla polychromica dos amores-perfeitos da serra de Baturité.

Amor-perfeito gigantesco, phantastico, desabrochado no horizonte vaporoso, embebido de violeta, rôxo terno e ouro. Pompeia esquecido na immensa distancia. Vo- que é ainda cedo para a ascensão dos olhares, que vão interrogar os arcanos da Natureza.

Claros ajuntamentos de nuvens divagam, affectando silhuetas bizarras de povoações minusculas, de cordeirinhos tresmalhados, de... Meu São Francisco de Canindé!

O espirito obcecado vislumbra ainda nas nuvens caprichosas transumptos de grupos humanos... Dir-se-ia palmilham uma longa estrada...

— Nuvens de novembro, dae bôas novas do inverno!

O pintor Sol do Ceará já communicou nas [illegible] peregrinas demasiado fulgôr, como se não tivera feito outra cousa todo o verão.

Comquanto nado no quarto dia genetico, o poderoso e temivel artista é bem deste seculo. Ataca-o a nevrose da celebridade retumbante. Quer sêr falado, falado...

Ha de contêl-o alfim nos arrojos insanos alguem que o mira de perto, São Francisco de Canindé, intimo de Deus. E' a fé o baluarte dos desamparados.

Succede a acção dos nimbus bemfazejos.

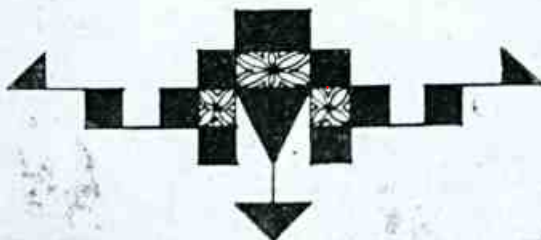
E a terra, envelhecida por tormentos e damnos, remoça.

Revive a arvore. Enfloram-se os ramos.

Essa musica que enche os ares?

E' a canção das aguas. Da agua que tomba para a agua que corre.

Agua, vida das plantações. Agua, refrigerio das manadas. Agua, bem-estar e riqueza dos sertanejos.

São Francisco de Canindé apague nas nuvens errantes dessa tarde de novembro o esboço de grandeza aterradora do pintor Sol do Ceará: a antevisão [illegible] dolorosos grupos humanos palmilhando o áspero, o triste caminho do exilio...

:: Lanternas de Papel ::

A POESIA POPULAR E AS MULHERES

Por que será que a poesia popular não perde vasa para desancar fortemente as mulheres? No nosso folk-lore, os cantadores e trovistas, embora muitas vezes se ufanem celebrando o amor, geralmente carregam a mão contra as mulheres e o casamento de forma verdadeiramente notavel. Leandro Gomes de Barros, o maior vate dos sertões nordestinos, é autor destes versos:

"Não ha fardo mais pesado
do que seja uma mulher
e nem ha homem que tire
as manhas que ella tiver.
O que pensar ao contrario
pode dizer que está vario
e desesperado da fé.

tem-se encontrado nas sogras
com pequena excepção."

Para elle, o inferno da vida é a mulher:

"A mulher é uma chaga
que o homem tem sobre o peito
Não ha remedio que a cure;
só a morte lhe dá geito.
E' um asthmatico vexado,
que traz o homem atacado
como a tisica pulmonar.
E' uma aneurisma forte
que só por meio da morte
a gente póde alliviar..."

A sua philosophia do casamento merece reparo:

"Adão se vendo creado
a tudo superior,
mas não tendo companhia
fazia queixa ao Senhor.
Deus o fez adormecido;
sem que lhe fôsse sentido,
tirou delle uma costella
e della fez a mulher,
dizendo — eis o que quer,
arrume-se agora com ella!...

Adão julgou-se tão rico
que não soube calcular
Eva era gorda e formosa,
Digna de Adão a amar.
Depois, qual o resultado?
Eva, com pouco cuidado,
comeu da frueta privada.
Por causa dessa comida,
acabou Adão a vida
no condurú da enxada...

Si Deus o tem feito agora,
Elle não casava assim.
Embora elle amasse Eva,
mas via o tempo.
Havia de imaginar.
Primeiro ia se arrumar
por outra qualquer maneira;
ou talvez esmorecia,
que em tempo de carestia
mulher não é brincadeira..."

Antes já elle dissera com ironia anatoliana:

"Antes de haver este mundo,
tudo de nada constava,
nem terra, nem luz, nem ar,
nesta epoca fluctuava.
Deus, sem precisar de estudo,
em seis dias formou tudo
que hoje vemos existir:
de cada bicho um casal.
Só a Adão não deu igual,
para elle não se affligir...

O dr. Aristóteles Coutinho, delegado do Espirito Santo junto ao Terceiro Congresso Odontologico Latino-Americano, offereceu, segunda-feira á tarde, em seu palacete de Copacabana, uma recepção aos seus collegas dos Estados e estrangeiros. A photographia acima fixa um aspecto dessa festa cordial.

Cahiu na rêde enganado,
um mez depois de casado
elle sabe o que ella é..."

Neste teor continúa o poeta do povo, em muitas e muitas decimas. Em outras poesias, seus conceitos não são melhores sobre as filhas de Eva. Eis como as retrata:

"Nas jovens de quinze annos
encontrei facilidade,
nas de dezoito e de vinte
namoro sem amizade;
encontrei nas de quarenta,
quarenta e cinco e cincoenta,
raio, corisco e trovão,
muitas especies de drogas

Delicioso!

Não sabemos bem por que esse malquerença do trovador com as mulheres. Registramol-a sem commentarios, como coisa curiosa e porque estamos meio desconfiados de que á influencia da poesia popular nordestina deve o talentoso Berilo Neves grande parte de sua ogerisa litteraria ás lindas e complexas criaturas sahidas de nossas pobres costellas...

CLAUDIO FRANÇA

O Homem convertido

Saudosa Grazy,

Consinta, peço-lhe, que ainda a chame por esse nome, como em nossos bons tempos de camaradagem tão sincera e completamente despreoccupada...

Completamente despreoccupada? Ah!... como sinto hoje em dia o quanto era orgulhoso, com minhas idéas irreductiveis de dominador brutal e egoista... Talvez não fossem certas opiniões tão retrogradas e tivesse eu sido feliz...

Ouça, minha amiga, seja como fôr, sómente você me poderá comprehender, sómente com você ouso desabafar.

Bem sabe que, revoltado ante o ideal da mulher moderna, a criatura sincera e instruida, sem exagerado pudor nem falsos pieguismos, jurei muitas vezes — e disso foi você mesma testemunha — nunca me casar sinão com uma joven cuja educação houvesse sido dirigida "á moda antiga"...

Assim fiz. Julieta, quando a desposei, era um modelo de ingenuidade, e até hoje é o padrão da esposa honesta... Porém, que castigo terrivel foi o meu! Minha mulher tem optimas qualidades, mas tem, tambem, levado ao extremo, os defeitos decorrentes dessas qualidades... Bem sei que nem todas as moças educadas como ella o foi evoluem da mesma forma; porém, meu supplicio tem sido tão intoleravel que, já agora, preferia ter-me casado com uma suffragista! Porque era ingenua e sentimental, Julieta se poz, logo depois do casamento, a ter um ciume absurdo e ridiculo de todo o meu passado, como si eu tambem devera ter sahido do Sacré-Cœur para me casar com ella... Por ser a sua instrucção rudimentar, nunca se interessou pelos meus trabalhos, e achava que, entregar-me a elles, era esquecêl-a, preteril-a, que sei mais!... Excellente dona de casa, levantada desde cedo, vivia para a dispensa e a cozinha, a ralhar com as empregadas e a discutir com os caixeiros; e á noite, a palestra num salão, um espectaculo de arte, lhe davam somno... Um inferno! Findo meu socego, desfeita a linha esthetica de minha vida... Dizem que a homoepathia cura o igual pelo igual... Não sei, minha amiga, si esse principio dá resultado nas enfermidades physicas, mas nas moraes asseguro-lhe que é tiro e queda. Puz-me a reflectir em tantos dias de solidão espiritual, e achei que você é quem tinha razão, em nossas longas e interessantes discussões... Com que saudade relembrei as boas controversias sobre livros que ambos lêramos, sobre assumptos sociaes e sentimentaes... Como você ha de ser a "companheira" de um homem que a saiba comprehender e não esteja jungido ao carro de bois dos preconceitos!... Na verdade, como podem os homens crêr que a mulher instruida, trabalhadora e independente, quando honesta e leal, não dá uma bôa esposa? Por ser illustrada, ella melhor comprehenderá a paixão que o estudo inspira a certos homens; porque já terá experimentado a responsabilidade de um emprego, mais verdadeiramente saberá avaliar o trabalho masculino; e si já soube o que é ser independente, respeitará a liberdade do esposo... e não o atormentará com perguntas irritantes e duvidas humilhantes sobre o emprego de cada um de seus minutos... E até, si já houver apreciado, acaso, um cigarrinho, não implicará com a fumaça do cigarro do marido, nem lhe imporá o dilemma absurdo de não fumar... ou nunca mais a beijar!... Ah! Como errei!... Mas, já agora é tarde, saudosa Grazy... Guarde, apenas, uma lembrança apiedada de seu velho amigo.

Makcy

PETITE SOURCE

Alma de Mulher

Meu amigo

Sua carta deixou-me profundamente pensativa. Sentia que não concordava com você, e meu pensamento se debatia no cárcere da consciência, porque não encontrava a combinação de palavras que lhe abriria a porta da expressão. Desanimando de o contradizer, peguei ao acaso uns jornaes para lêr. Num delles se me deparou, providencialmente, uma chronica sobre a morte de Eva Lavalliere, a actriz que renunciou á sua vida de fausto e amor para se abrigar sob as vestes humildes das pequenas Irmãs dos pobres. Inutil seria procurar ainda argumentos. Não eu, porém a vida responde, incisiva, á sua descrença. Disse você que não lhe agradou muito a Gondola das Chimeras, de Maurice Dekobra, porque era impossivel que a heroina, a orgulhosa e ardente Lady Diana, pudesse jamais, na vida real, sujeitar-se á som[illegible] modesta e austéra de um convento. E eis que um[illegible] historia semelhante, vivida no turbilhão dos dias que passam, vem commentar ironicamente sua opinião. Era tão formosa e tão perversa Eva La[illegible]valliere, que Sem, o caricaturista, tendo-a cha[illegible]do de "flor do mal", fez, com sua phrase, succe[illegible] em Paris... Foi celebre, e rica a ponto de re[illegible]der, quando o vendeu, um milhão de francos u[illegible] só dos seus castellos... Entretanto, trazia a alma insatisfeita e dolorida, como quem não achasse [illegible] que lhe satisfizesse ao anseio supremo. E, um dia, o sonho mystico arrebatou-a. Como tantas apaixonadas insaciaveis, repousou nelle, porque elle é o único que neste mundo não desillude; [illegible] único que leva a alma embalada e tranquilla até a morte. Você ainda é muito criança, Robert[illegible]. Ainda pouco tem vivido. Não proteste... Bem sei, por experiencia propria, que a desillusão é ve[illegible] dos vinte annos de hoje... Mas, viver nem sempre quer dizer se desenganar, e muita coisa que, por snobismo ou receio de ser ingênuo, não cremos nessa idade, mais tarde chegamos a acceitar como verídica. A vida nos ensina, severa e impassível, que, si não devemos duvidar do mal, também não nos é licito descrer do bem. Ella demonstra, a quem já viveu, que fácil e infantil é um pessimismo intransigente, adoptado após [illegible] primeira decepção... e prova, a quem sabe vêr, que seu seio é maior do que suppomos, e nelle existe o que sonhamos e o que nem suspeitamos. Apenas, o que sonhamos, nem sempre nos vem immediatamente ás mãos... ou talvez mesmo nunca nos seja destinado. A alma humana, meu amigo, e principalmente a alma da mulher, é mais insondavel do que você suppõe na sua systematização de espirito ainda inexperiente... A alma da mulher é grande, e maior ainda é a vida... Não temos o direito de, com nossa pobre imaginação, cercear-lhes as possibilidades infinitas... A vida, Roberto, é uma romancista irônica e irreverente, que não pede licença á critica para crear as situações mais inverosimeis e lhes dar as soluções mais absurdas... Apenas, ha muita gente que não sabe ler a linguagem com que ella escreve e, por isso, a dizem cruel, uns, monotona, outros... Você ainda é muito moço, ainda não atravessou nenhuma dessas grandes crises sentimentaes que illuminam para nós, a humanidade, como a luz de um projector uma multidão anonyma, na escuridão de um caes. Sinão comprehenderia que ha [illegible]sões que modificam tão profundamente o espirito que até o physico é transmudado. E saberia que nenhuma mulher está mais próxima da santa que a grande amorosa.

Saudades affectuosas de

Zuleika

A bordo do «Cap Arcona» regressou, a 19 do corrente, de sua viagem á Europa, o nosso illustre patricio dr. Candido de Campos, director da «A Noticia». Figura das mais brilhantes e prestigiosas do jornalismo brasileiro e da alta sociedade carioca, onde conta vasto circulo de sympathia e amizade, Candido de Campos foi recebido festivamente pelos seus numerosos amigos e admiradores dos seus peregrinos predicados de espirito e coração, que tanto destacam e põem em relevo a personalidade do «gentleman» irreprehensivel que elle é, tão justamente apreciado e querido. Na gravura acima vê-se o illustre viajante ao lado do ministro do Perú, sr. Victor Maurtua, cercado de elementos dos mais representativos dos nossos circulos sociaes, intellectuaes, politicos, jornalisticos, e pessoas de sua distincta familia.

FILIGRANAS

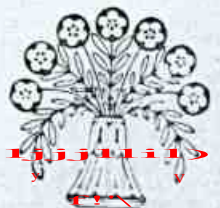
Um destes camaradas que no nosso paiz só vêem defeitos, voltando o outro dia duma viagem ao Sul, disse-me que percorrera as nossas fronteiras e ficára desolado. Tudo o que havia nas terras rio-grandenses era atrazado, pobre e feio. Tudo o que medrava nos territorios orientaes ou argentinos era admiravel, esplendido, farto. Lá o progresso. Cá o desalento e a decadencia.

Fiquei anniquilado.

Uma semana depois, encontrei outro amigo recem-chegado daquellas fronteiras. Assegurou-me que o contrario é que era verdade.

Então, sorri e pensei naquelles dois reporteres que viajavam de Petrogrado a Moscou, um de cada lado do trem. O que avistava os Uraes, denteando o horizonte, escreveu na carteira: "paiz excessivamente montuoso, a Russia." O que sómente via as esteppes que se estendem até a Ukrania, a Lithuania e a Polonia, tomou esta nota: «Paiz absolutamente plano a Russia»...

MONSENHOR Mac-Dowell, illustre figura do clero brasileiro, orador sacro de grande valor e vulto dos mais acatados pela nossa sociedade, commemorou, domingo ultimo, o 6.º anniversario de sua posse como vigario da freguezia de S. Francisco Xavier do Engenho Velho. Por esse motivo, tão grato ao coração e ao espirito do virtuoso sacerdote, monsenhor Mac-Dowell recebeu, na manhã daquelle dia, uma homenagem altamente expressiva dos seus parochianos e da União Catholica Brasileira e da Liga dos Chefes de Familia, que promoveram uma excepcional manifestação de apreço a s. ex. revma. E' um flagrante dessa homenagem o que focaliza a photographia acima.

A V E C E S A R !

A Italia atravessa um momento historico excepcional.

Sahido do cháos, da anarchia, o espirito de nacionalidade se organiza, impondo-se, pelo braço de Mussolini, a figura de maior relevo e projecção da actualidade.

O genio do *Duce* culminou no recente tratado que resolveu a questão do Vaticano, com assombro do mundo.

Não sou um entendido das coisas do Vaticano, porém, se me afigura que a partida não foi ganha pela Egreja.

Tenho do *fascio* a impressão de que é uma religião politica...

E da Egreja, nunca mais esqueci o conceito de um esgrimista da idéa pura: "E' uma creação politica, grandiosa como um imperio universal, porque é a continuação do Imperio Romano. O Papa, que se intitula Rei e Pontifice Maximo, é o successor de Cesar."

Que esperar de duas forças que, partindo de pontos oppostos, convergem para o mesmo centro?!

Penso que a Egreja, attrahida para a civilização moderna, perderá em belleza e força, que enfeixava nas mãos.

O suave encanto do mysterio que nimbava a pessoa do prisioneiro do Vaticano, uma vez quebrado, reduzirá a potencia da Egreja.

A Cidade do Vaticano, só a comprehendo, guardada por muralhas chinezas! ...

Mas, eu não desejava ir até lá, e recúo para o commentario que me fugia da penna.

O mundo tem novamente a attenção voltada para a Italia, para a façanha formidavel da engenharia romana, que acaba de arrancar, do fundo do lago Nemi, as famosas galéras de Caligula.

Cinco mezes de trabalhos de esvaziamento do lago, na proporção de um metro cada vinte dias, retirando trinta e um milhões de metros cubicos de agua, e fluctuaram as galéras que o imperador usava para os prazeres do verão.

Caio Caligula, subindo ao throno pela morte de Tiberio, começou por governar com prudencia, mas, após, tornou-se de uma extravagancia e crueldade extraordinarias.

Celebrizou-se pela prodigalidade, esbanjando fortunas no circo e no jogo, fortunas de que se apossou mandando matar os ricos do Imperio; no amphitheatro gozou o espectaculo das féras devorando homens; simulou expedições ao estrangeiro, fez-se adorar como um deus e culminou em extravagancia, elevando o seu cavallo *Incitatus* á dignidade consular.

Caligula delirava, quando Chereas, tribuno dos pretorianos, o fez tombar, sem vida.

No scenario do Imperio Romano, estes sonhos e estas quédas tornaram-se factos banalissimos, segundo nos ensinam os livros.

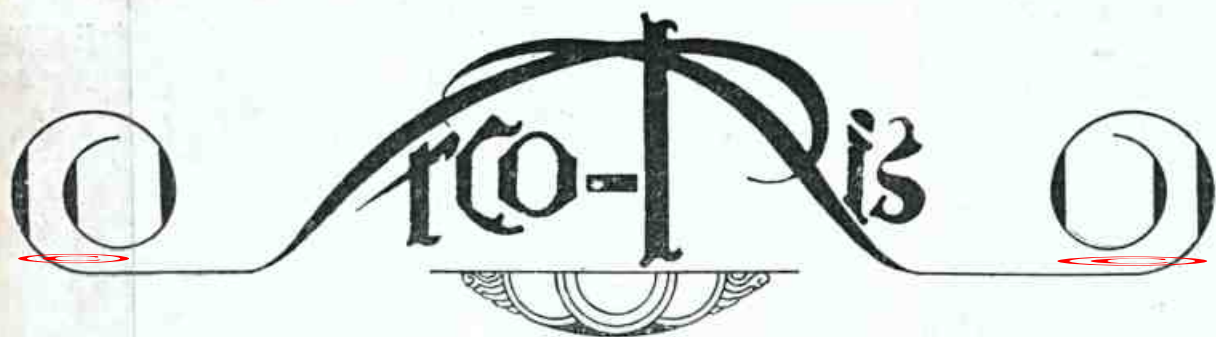
Desde 1446 tentavam a retirada das galéras de Caligula, do fundo do lago Nemi, mas só agora Mussolini sorriu feliz ao vel-as, impotentes, á flor das aguas.

O *Duce* vae realizando os seus maiores sonhos de força e de belleza, e não será de estranhar que um dia passeie o seu esplendido triumpho nas mesmas galéras de Caligula, deslisando garbosas na superficie do lago Nemi.

E, no dia da realização do seu sonho de acordado, é preciso que a Humanidade não se quéde boquiaberta deante do novo *Imperador*, porque Mussolini é positivamente um genio, um grande animador de energias, que ficará na Historia, possivelmente até mesmo com o seu *Chereas*...

POR MARIO POPPE

O TERCEIRO CONGRESSO ODONTOLOGICO LATINO-AMERICANO

ENCERROU-SE domingo á noite, com o grande banquete do Copacabana, no qual tomaram parte, além dos congressistas, o sr. ministro da Justiça e o representante diplomatico de Cuba junto ao nosso governo, dr. José Barnet y Vinageras, o Terceiro Congresso Odontologico Latino-Americano. Os trabalhos do importante certamen scientifico, promovido por um grupo de odontologos brasileiros, a cuja frente se encontrava o professor Frederico Eyer, decorreram brilhantemente, em cerimonias e festas que encheram toda a semana. Aliás, em nossa edição de sabbado passado, nós vaticinámos esse exito, que se deve sobretudo ás figuras illustres que tomaram parte no Congresso e ao interesse que o mesmo despertou entre as nações amigas representadas na grande assembléa internacional. Agora, queremos apenas documentar as ultimas solennidades do Terceiro Congresso Odontologico Latino-Americano, estampando nesta pagina photographias tomadas por occasião da «Tarde Brasileira», realizada no Beira-Mar Casino, da visita dos congressistas á Assistencia Dentaria Infantil «Zeferino de Oliveira» e do banquete de encerramento, domingo á noite.

JARDINS ALMOFADINHAS

A jardinagem nova da cidade,
de estylo, a um tempo, ingleza e pompeana,
pode dizer-se logo, que é verdade,
— é uma agradavel maravilha humana.

São relvas rentes como tiriricas,
mas tiriricas raffinées, de luxo;
e encantadoras arvores nanicas
assistindo ao bailado do repuxo.

Opportunas estatuas de bom-gosto,
marmores brancos, no gramado verde:
dançam os corybantes de Aryosto
com as virgens nubeis de Cesario Verde...

Na abundancia de relvas e piscinas,
não vão vocês pensar
que é uma dança de oréadas e ondinas
de algum "dancing-bar",
que a temporada official de agosto
installasse, sem onus nem imposto,
nas curvas da avenida Beira-Mar.

Nada disso. Toda essa jardinagem
tem a sua razão — razão de escól.
o Prefeito, que é Prado, (e prado arguto),
dar com aquelle terreno devoluto
no qual a malandragem
ou dormia, ou jogava "foot-ball".

E, assim como do estrume brotam flores,
vae brotar do terreno abandonado
um recanto da Arcadia, um novo prado
estylizado
(ora! graças aos deuses, meus senhores,
que o prefeito é bem logico, é... do prado).

Deixem falar os frivolos e os fracos,
Cada qual a seu modo attinge os fins:
uns deixam contra dividas, buracos;
outros, tapam buracos com jardins.

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

Abro as paginas admiraveis de *La Sagesse et La Destinée*, de Maeterlinck, e fico a meditar sobre estas palavras: *...il faut pour l'amour comme pour le reste un idéal aussi elevé que possible, mais tout idéal qui ne répond pas á une forte realité intérieure n'est qu'un mensonge oisif, stérile, obsequieux.*

E faço-me, então, um longo, demorado e, não raro, doloroso exame interior, a estudar, um a um, todos os idéaes que trabalharam e agitaram, um dia, a minha vida — todos os idéaes que a encheram de desillusões e de amargura.

Os resultados desse trabalho introspectivo, desse estudo in cadaver corroboram plenamente a observação do subtil e fino psychologo de *La Vie des Abeilles* e de *L'intelligence des fleurs*. Todos os meus idéaes falharam, na sua realização, porque não "respondiam a uma forte realidade interior". Eram idéaes, foram sonhos que não beberam nas fontes profundas e mysteriosas das coisas a agua lustral do seu baptismo para a revelação e a realidade da vida. Crearam raizes tão só na terra inconsistente do coração; e medraram, e cresceram, e floriram, e fructificaram artificial e magicamente, numa illuminada magia de conto de fadas, para morrerem, logo após, desapparecido o motivo do seu encantamento — a illusão que os alimentava, e que lhes deu flores como as que não havia na terra, e fructos de oiro, que se não podiam comer, e passaros que falavam, ludibriando a gente como... gente grande.

E' nesse longinquo e sombrio paiz do maravilhoso, de florestas impenetraveis e mysteriosas, cheias de gigantes que pegam o céo com a mão; de anões minusculos e matreiros; de fadas bemfazejas e bruxas repellentes e más, onde ha tantas bellas adormecidas nos seus bosques e lindas gatas borralheiras nos seus borralhos, á espera de seus principes encantados, que, geralmente, começamos a lavrar e a semear o canto da terra fertil e fecunda do nosso "idéal" na vida.

E — homens feitos já — continuamos, com os mesmos gestos, e a mesma prodigalidade, e a mesma inconsciencia, e os mesmos olhos deslumbrados de criança, a encher a vida de idéaes, de sonhos, que não respondem áquella forte realidade interior, que é a benção e a approvação da propria vida á razão de ser da nossa inquieta ansia de desejar, de sonhar para realizar. D'ahi as decepções, as desillusões sem conta com que enchemos de tristeza e de amargura a gleba da nossa existencia, onde uma ou outra rara semente de ideal chegou a germinar e a se fazer arbusto ou arvore palpavel e real, a cuja sombra generosa e amiga teremos a revelação, bemfazeja e pacifica, de algum dos illuminados mandamentos da vida profunda e mysteriosa.

Bem raro, porém, é o caso dessa verdadeira e plena realização do idéal sonhado, desejado, acariciado, porque o homem, sempre que attinge e realiza um desejo, uma aspiração, nota, com tristeza, que ainda não era aquelle o seu idéal... E voltа para trás, decepcionado e desilludido, quando não marcha para a frente, a illuminar a estrada longa, infinita da sua vida interior, com a lampada de Aladino do seu novo idéal, do que elle julga, desta vez, será o idéal verdadeiro e definitivo — o idéal que realizará e satisfará toda a sua ansia de felicidade, e toda a sua inquietação.

Mas, está escripto que "aos nossos sonhos faltará sempre alguma cousa que não foi approvada pela vida."

E, por isso mesmo, é que Nietzsche escreveu

DÓRA Bevilacqua, joven, intelligente e formosa, é uma pianista de valor. Uma pianista que o Rio muito já tem applaudido, e cujo talento artistico se affirmou, mais uma vez, no ultimo concurso realizado no Instituto Nacional de Musica, para premio de viagem á Europa, e no qual Dóra Bevilacqua sahiu victoriosa entre tantos outros concorrentes incontestavelmente fortes. O Jury do concurso, composto de mestres do teclado, e prestigiado pela autoridade de Emil Frey, concedeu o premio a essa joven pianista do Brasil de hoje, que ha de ser uma grande artista de amanhã.

Sra. Fagundes Freire e senhorinhas Palmide Freire e Ernestina Fagundes, na chacara do Sr. Edgard Fagundes, em S. Paulo.

que o homem, que todos nós, somos os macacos dos nossos proprios idéaes...

SORRINDO...

A alegria, como a tristeza, é contagiosa e communicativa. E, por isso mesmo, meu amor, é que, sempre que sinto a sombra de uma tristeza ameaçar de turvar o céo azul de meus olhos, corro para ti, para bem juntinho de ti, como um refugio seguro contra os máos tempos da minha alma ou do meu coração. Porque tu tens uma alma feita de festa e de alegria e um coração que tem a prodigiosa e maravilhosa virtude de fazer alegre a propria tristeza da gente e de tornar suave e doce a amargura que nos trava na bocca.

Tu és, assim, meu amor, uma fonte de vida e de consolação, sempre a cantar a sua canção de agua fresca e desalterante. Uma fonte de agua pura e crystalina, onde a gente bebe para encher a alma de sorrisos e o coração de paz e de carinho.

Isso, emquanto a benção illuminada de teus olhos demora, generosa e amiga, sobre os olhos entristecidos dos que confógem para o refugio sagrado de tua alma casta e pura, de tua alma feita de festa e de alegria.

Quantas vezes, no meu incomprehendido soffrimento, não recorri, não confugi para ti, a pedir ao céo claro de teus olhos, o suave milagre da minha cura!

E tu me curas, meu amor, sem saber o bem que me fazes, sem adivinhar, sequer, o mal que, de quando em quando, me leva a beber a taça da alegria e da consolação que tu estendes para mim, solicita e carinhosa, como o farias, na tua despreoccupação, para o primeiro pobre, para o primeiro infeliz que te pedisse a esmola de um teu sorriso, de um teu olhar...

E só tu, adorada, tu somente, serias capaz de me dar alma, hoje, para sorrir, sorrindo para ti como estou, agora, a fazer...

SOCIEDADE

Elegancias — O Atlantico Club mais uma vez teve a feliz lembrança de entregar a direcção das suas festas de arte ao bom gosto e ao criterio mental da illustre escriptora Mercedes Dantas, a autora de tantos livros magnificos, como os *Nús, Adão e Eva* e muitos outros. Além disso, Mercedes Dantas é uma figura social de grande projecção em nosso *grand monde* — por força do seu proprio merito, que se impõe aos espiritos de *élite*.

Proseguindo a sua temporada artistica, o elegante circulo de Copacabana dará, no proximo dia 31, mais um recital, para o qual Mercedes Dantas organizou um programma que offerece a maior seducção. Nelle tomarão parte figuras de grande relevo em nossos meios artisticos e literarios, como mlle. Fiordalisa Guimarães (violino), dr. Bento Martins (declamação) e mlle Hestia Barroso (canto). A segunda parte do programma será aberta pelo nosso companheiro Bastos Portella, que fará uma ligeira palestra, em torno de uma *blague* literaria, seguindo-se, ao violão, a senhorita Ayde Martins Costa, madame Francesca Noziéres (declamação) e uma surpresa, que muito agradará, certamente, ao culto e elegante auditorio do Atlantico Club.

Fechará a festa a representação de uma scena e do duetto do 1.º acto de *Hansel* e *Gretel*, de Humperdink, pelas demoiselles Maria Antonia Cortez e Alda Martins.

— O nosso querido companheiro Lelio Vieira Machado, reune, hoje, á noite, no palacete de sua residencia, á travessa Carlos de Sá, n. 13, as pessoas de suas relações, para uma festa de arte, em que tomarão parte lindas figuras da nossa alta sociedade.

Será representado um "lever de rideau", *Abat-jour*, da escriptora Maria Eugenia Celso, pelas senhoritas Nelly Cavalcanti, Cecy Cardoso, Clady Costa Rodrigues e Lucia Lobo, todas ellas declamadoras festejadas em nossos salões elegantes.

Haverá, ainda, outros numeros de fino gosto artistico, nos quaes terão ensejo de se fazerem ouvir a senhorita Nair Werneck Dickens, e Daisy Cavalcanti, que declamarão e cantarão.

A seguir terá inicio um "cotillon", que será animado por um irrequieto "jazz-band".

— Mlle. Córa Bocayuva, encantadora figura da alta sociedade carioca, tomou a si a iniciativa de promover, para a tarde do proximo dia 10 de agosto, no Hotel Gloria, uma linda festa de arte e mundanismo.

Promovido e organizado pela intelligente e culta patricia, esse festival, já annunciado, teria, só pelo prestigio do nome da sua gentil *patronesse*, assegurado o seu melhor exito.

O chá-dançante a se realizar nos salões do Gloria, naquella tarde de agosto proximo, tem, porém, um outro motivo a lhe propiciar o exito e o brilhantismo: o decorrente da sua propria finalidade, pois esse festi-

* * *

SEARA ALHEIA

MI CUARTO

FIRMIN ESTRELA GUTIERREZ

Mi cuarto silencioso tiene en su sombra oculto
el ansia de mi espiritu lleno de sed de amar,
oficio en él la misa de mi callado culto,
ante el papel, lo mismo que si fuera un altar.

A un lado, se alza, airosa, la biblioteca obscura,
llena de libros sabios, donde encuentra mi fé
el consuelo profundo que calma mi amargura
y el delicioso encanto del tiempo que se fué.

La mesa toda oculta por papeles, la quiero
lo mismo que el orfebre su banco y su buril;
en su tabla modelan mis manos de alfarero
las frágiles estrofas de la canción sutil.

Todo en él, los sillones, los cuadros, las cortinas,
está como impregnado de mi sér interior,
y vive entre sus pálidas luces mortecinas
toda la —ste historia de mi escondido amor.

val de arte e mundanismo será tambem uma linda festa de caridade, em beneficio das obras do Sanatorio S. Paulo, para tuberculosos pobres, ora em construcção em Campos do Jordão, no Estado de S. Paulo.

A parte litero-musical da encantadora tarde de arte, que, sob o patrocinio de Córa Bocayuva vae ser offerecida á nossa sociedade elegante, certo constituirá o clou do magnifico festival.

O selecto e fino conjuncto de elementos de relevo no nosso meio intellectual e artistico a que está a mesma confiada, é, só por si, uma expressiva garantia de exito.

Está assim organizado o interessante programma do proximo festival do Gloria:

1.ª PARTE

Hekel Tavares e Sergio Rocha Miranda (canto e musica).

Adelmar Tavares (versos).

Adriana Rezansoni, (canto).

Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça (versos).

2.ª PARTE

Benno Martins (guitarra).

Córa Bocayuva (versos).

Olga Praguer (violão e canto).

You-You Sanchez Bassères (versos).

Sergio Miranda e Hekel Tavares (canto e musica).

Olegario Marianno (versos).

▪ ▪ ▪

POMBUS-CORREIOS

Maria do Céo — Sempre que escrevo o seu nome, meu amor, para começar esta correspondencia com você, recolho-me, concentro-me, como se fosse invocar, com o meu coração em prece, o amparo e a protecção de uma santa! Maria do... Céo! E você é bem uma santinha do céo, minha adorada Maria, uma santinha que ficou esquecida na terra para me fazer feliz.

Escute, minha filha: não sou espirita, mas se o fosse — creia — estaria firmemente convencido de que você, a alma que se agita em você, era a daquella meiga "florzinha de Lisieux", de que você seria, então, uma nova encarnação. A propria affeição que me prende a você, Maria do Céo, é um mixto de religiosidade, de veneração, de pureza e de peccado... mas um peccado que não é bem peccado porque uma voz me diz, de vez em vez, dentro de meu coração, que peccar assim é tambem ser agradavel ao Senhor, exalçando e louvando o seu santo nome através do unico sentimento por que Elle se manifesta e revela na terra — o Amor. Porque Deus é o Amor, Maria do Céo, o amor infinito e mysterioso.

Você, minha Santa Therezinha, quando se exalta e dá feição e calor de peccado á caricia quente de suas palavras, que me cantam na alma com a suave e casta volupia de certos psalmos biblicos, engana-se quando pensa que é sua carne e é seu sangue que me falam. E' seu coração tonto de divindade, é sua alma tomada de exaltação mystica. Particula da natureza, raiz presa ás entranhas maternaes da terra, Maria do Céo, tudo que lhe faz vibrar o sêr, nesse rythmo quente e estuante da canção do seu sangue, está condicionado ao sôpro primitivo, creador e fecundante, que realiza o mysterio concepcional da vida.

Não procure comprehender esse mysterio: exalte-o apenas, orgulhosa de ser o que é — parte integrante das forças occultas, profundas e millenarias do universo e do fogo sagrado que o trabalha e fecunda — o Amor.

E Deus é o Amor...

A nossa patricia Mathilde Nunes, grande pianista, que está conseguindo o melhor exito em Londres, e sobre a qual a imprensa daquella metropola se referiu com os maiores elogios, depois dos concertos realizados no «Wigmore Hall» e no «Aelian Hall». Eis algumas das opiniões dos jornaes londrinos: «Daily Mail» — «Mathilde Nunes demonstrou ser uma pianista altamente completa.» «Morning Post» — «Mathilde Nunes, nas suas interpretações de Chopin, está á altura dos maiores interpretes da musica do grande mestre.» A nossa patricia deu, tambem, alguns concertos em Bruxellas, na «Salle du Conservatoire», recebendo elogios desta ordem: «Theatra» — «Mlle. Nunes é uma perfeita musicista de extraordinarias capacidades technicas ao serviço do pensamento.» «Spectacles» — «Mlle. Nunes se classifica entre os artistas de escól que se fizeram ouvir nesta estação. A elegancia e a distincção de um tocar de maleabilidade prodigiosa, ao serviço de um estylo muito probo, dão ás suas execuções um maximo de intensidade, seja exprimindo a austeridade de Bach, a melancolia de Chopin ou o langor scintillante de Granados ou Albeniz. Mlle. Nunes tem direito ao reconhecimento dos musicos e melomanos.»

Trepações

AQUELLE sorriso, um lindo e encantador sorriso, impressionou, profundamente, o conhecido escriptor.

Roberto, filhinho do sr. José Medeiros e de d. Maria Medeiros.

Por que ella, que não o conhecia ou, pelo menos, não era conhecida delle, lhe sorrira assim, com um sorriso tão lindo e cheio de seducção?...

Ella tomara um bonde, na Galeria, e, ao virar-se, em certa occasião, illuminara os labios com aquelle mysterioso sorriso, que tanto impressionou o illustre escriptor.

Engano? Não. O sorriso fôra para elle: entrára-lhe pelos olhos, pela alma, pelo coração...

Seguil-a? Como, si a seu lado estava... Madame em pessoa?

O bonde ia partir. A encantadora creatura do lindo sorriso virase, novamente, e, desta vez, sorri e acena com a mãozinha.

Madame viu-a, reconheceu-a, sorriu-lhe alegremente e acenou-lhe tambem com a mão.

Elle — o escriptor — ficou attonito e perturbado.

— Quem é, querida?

— Então, já não conheces mamãe?

E era ella, de facto, a mãe de Madame, a sogra do illustre escriptor, uma sogra nova e linda com o seu vestido curto, os seus cabellos á "la garçonne", suas faces cuidadosamente "maquillées..."

Através de seus oculos de myope, elle não a reconhecêra e tomara a nuvem por Juno.

Maldita myopia!...

MME. deixou o marido lá na fazenda, sob o pretexto de vir tratar-se aqui no Rio de uma molestia imaginaria. Sim, dizemos imaginaria, porque a sua doença é a saudade.

Saudade do seu antigo noivo,

JOSE' Maria, um cearense legitimo, vivo, intelligente e... desconfiado... E' filho do sr. Mario Bemvindo de Vasconcellos e de d. Diva Martins de Vasconcellos, que residem em Fortaleza, onde nasceu José Maria.

aquelle guapo rapaz que não casou com ella, devido ás injuncções da familia, que viam nelle um "prompto" irremediavel e no esposo, o "outro", um excellente partido.

De facto, a familia, por esse lado, teve as suas razões. Quem não as teve foi o marido, que ignorava o "béguin" de sua actual esposa pelo antigo noivo.

O resto não é preciso explicar. Os senhores são bastante sagazes para concluir o resto. Mme. está só no Rio, isto é, em casa de uma sua parenta. E todas as noites ella tem um baile, um espectaculo, uma recepção, e mais isto e mais aquillo...

Quando o marido lhe escreve, ella responde telegraphicamente: "Poucas melhoras..."

E emquanto isso, a doença imaginaria vae rendendo!

Este mundo tem coisas...

TENDO embora um lindo palminho de cara, era criada de servir.

Era *arrumadeira* e, como tal, se fez empregada de um palacete lá pelas bandas do bairro *ultra-chic* da cidade.

A rapariga estudou o ambiente e percebeu que o patrão estava pelo beicinho...

Casa farta, de muito dinheiro, denunciando fortuna solida, a creadita sentiu que podia se garantir.

O patrão avançava, dia a dia, com as propostas mais seductoras, e a empregada recuava, obedecendo rigorosamente ao seu plano estrategico de defender o futuro...

Ella, *sabidinha*, conseguiu prender o meiro. Elle, enlevado por uma violenta paixão carnal, perdeu a cabeça e fez a burrada.

Agora, a creadita é patrôa!

Está bem installada, dá-se ao luxo de possuir até automovel.

E quem marcha para a gazolina é o bondoso ex-patrão...

Muito bem!

José Augusto, galante filhinho do tenente José da Costa Pimenta Junior, distincto official da nossa Marinha de Guerra.

A guarnição e officialidade do novo transatlantico da Hamburg-Sud-Amerika Linie — «General Osorio» — que, ha pouco, realizou sua primeira viagem ao nosso porto, em companhia dos representantes daquella importante empresa de navegação nesta capital, depositou rica e linda corôa no pedestal da estatua do general Osorio, na praça 15 de Novembro. A gravura acima focaliza um flagrante da tocante cerimonia.

FINAL DE ACTO.

— Os teus lábios...
— Os meus labios!...
— Dá-me os teus lábios.
— Para que?!
— Para um beijo sticco.
— Estás doida?!
— Sim, doidinha de amor...
— Isto é imprudência.
— Um beijo á cinema, vamos...
— Queres, então?...
— Sem mais demora.
— O logar não é proprio.
— Ora...
— Esta sala não é discreta.
— E's medroso?
— Não é propriamente medo.
— Receio...
— Ha luz em demasia.
— Gostas das meias sombras...
— Sim; o ambiente para beijos deve ser aquecido e quebrado pela luz dos "abat-jours".
— Meu poeta...
— Depois, a casa não é minha.
— E' nossa.
— Tua.
— Nossa.
— A casa de um amigo.
— Vamos...
— Seria uma infamia...
— Um beijo sticco, vamos...
— Seria profanar o lar de...
— Vil!
— Não sei si devo...
— Que homem!
— Que mulherzinha teimosa!
— Eu quero.
— Tu queres...

....

— Meu marido!
— Teu marido!

....

Uma voz amavel, imperativa, quebra a solennidade da quasi tragédia:
— Pódem continuar; a casa é nossa. Já estou acostumado a estas scenas e continuarei a perdoar a minha esposa, que é uma doente. Já tive aviso de um psychiatra notável...

Panno.

A Sociedade de Assistencia aos Lazaros e Defesa contra a Lepra realizou, domingo á tarde, no salão nobre da Liga de Defesa Nacional, sob a presidencia do ministro Edmundo Muniz Barreto, uma solennidade para commemorar o primeiro anniversario de sua fundação.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo film da Cidade

De Souza Júnior, nome dos mais apreciados das letras gaúchas, foi nomeado, recentemente, director da Bibliotheca Publica de Porto Alegre, uma instituição modelar no seu genero. Jornalista e escriptor, com um passado brilhante nos prelios combativos da imprensa de sua terra, De Souza Júnior recebeu, por occasião de sua indicação para o cargo acima, provas abundantes do apreço e da estima em que são tidos o seu espirito e coração.

* * *

E' verdade que a gente dança, geralmente, e, tambem, inconscientemente, conforme a musica que se lhe toque. E' o que se dá commigo e o que, de certo, se dará com toda humanidade, com todas as pessoas a quem o "jazz-band" da vida vae fazendo dançar por este mundo afóra.

*

TENHO a mania de abrir uns parentheses, um tanto imprevistos e bruscos, á margem do que vou escrevendo, para fazer um pouco de philosophia ou de moralismo. São umas fugidas ligeiras, umas divagações mais ou menos á propos com que costumo condimentar, com uns grãozinhos de coisas sérias, o prato que me coube na farra alegre e brejeira da vida.

NÃO é que eu seja, ainda hoje, um farrista comme il faut. Tudo tem o seu momento, a sua época, o seu logar no espaço e no tempo. E' o que eu fui já é ido, como se diz em estylo precioso.

Quem é bom, porém, já nasce feito e quem foi rei é sempre majestade. E eu, que nasci com uma alma alegre e festiva de excellente farrista, ainda não abdiquei de todo do meu direito de levar a vida a geito de uma eterna e escandalosa farra.

E' o meio mais pratico e mais commodo para se supportar o peso da vida, que é, geralmente, aferido pelo... peso de uma mulher.

A que dá a medida do meu peso, actualmente, quasi não tem peso; 35 kilos, duas arrobas e picos que a gente levaria de pagode, nos hombros, a sorrir, sem maiores esforços, não fossem as cabriolas e todos os excentricos jogos de acrobacia a que o inquieto "animalzinho" se entrega de vez em vez, obrigando-nos a uma série de "defesas" realmente heroicas e perigosas.

*

E' o que fez Melindrosa, ainda domingo ultimo, depois que fizemos as "pazes", sellando o acto de conciliação com um beijo puxado, aliás o gesto menos apropriado para sellar qualquer coisa que tenha caracter de permanencia e seriedade.

A vida, porém, é uma farra feita de beijos e de outras coizinhas ainda mais embriagantes e doces...

Mas, nada, estou a pular fóra dos trilhos. Aprendi a ser assim com Melindrosa, que derrapa de quando em quando.

*

JA' dizendo, porém, que domingo ultimo Melindre poz á prova a minha paciencia, o meu amor e a minha algibeira. Cahi na patetice de leval-a á Feira de Amostras, onde ella — diga-se de passagem — foi um "numero", em materia de reclame da industria nacional do maquillage.

Chegados, porém, ali, ella tudo quiz ver e, de stand em stand, de pavilhão em pavilhão, fomos parar ao logar do meu supplicio: o Parque de Diversões.

Foi um estropiço, como dizem os matutos do norte. Cavallinhos, Chicote, Carrousel, Casa de Loucos, — em tudo ella trepou, e eu aguentei o "peso" e a furia de tudo, com a alma tonta, o coração aos saltos e as algibeiras em desespero de causa.

*

NAQUELLA farra doida certo que tirei algum proveito, mas... Emfim, mais vale um gosto. Melindre riu como uma criança, teve gritinhos hystericos, agarrada a mim, emquanto o mundo rodava, rodava, ao redor de nós. E eu ri tambem e continuo a rir, para não chorar, e a pensar que a vida é mesmo um circo de cavallinhos, uma feira de amostras de coisas excentricas e extravagantes...

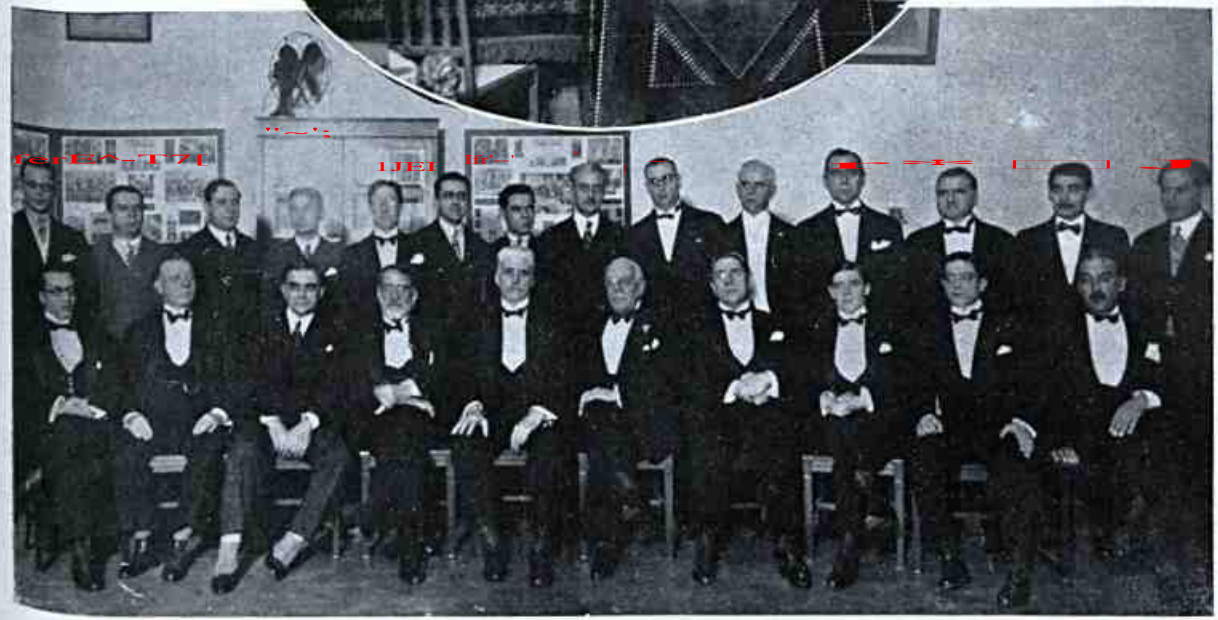
Ekau' & Jacob.

O industrial sr. Fabricio Dutra e Silva, cujos amigos se reuniram ante-hontem, 25 do corrente, para homenageal-o por motivo de seu anniversario natalicio, que passou naquelle dia. O sr. Fabricio Dutra é alta figura de destaque em nosso commercio e na sociedade carioca.

FILIGRANAS

A manhã é macia como um desses velhos chales de Tonkin cuja seda se amaciou ao contacto seguido dos macios hombros das lindas mulheres de outros tempos. E tudo é macio na manhã macia.

Sob a luz macia do sol se amaciam as côres da paisagem luminosa. A maciez azul do céo se arqueia como um docel macio. E a brisa que sopra do mar, amaciando as aguas esmeraldinas e espumejantes, amacia o meu rosto e amacia os meus cabellos, em que a neve do tempo começa maciamente a cahir.

A manhã é macia como um desses velhos chales de Tonkin... E sobre a minha alma dolorida pousa maciamente a caricia macia da saudade do teu carinho...

O eminente professor dr. Ricardo Jorge, que veiu ao Brasil como representante da Universidade de Lisbôa aos congressos commemorativos do primeiro centenario da Academia Nacional de Medicina, foi recebido, sabbado á noite, na Casa de Portugal, que prestou significativas homenagens áquelle scientista.

Quinta-feira penultima realizou-se, no casino dos officiaes do 1.º Regimento de Cavallaria Divisionario, uma festa para solennizar a enthronização do quadro da Ceia do Senhor na sala de jantar do mesmo casino. A photographia acima fixa um detalhe dessa festa.

Dois annos de governo

Perante o Congresso do Estado de S. Paulo, o eminente presidente dr. Julio Prestes deu a conhecer os trabalhos realizados no ultimo anno do seu fecundo governo.

S. Ex. o Sr. Dr. Julio Prestes, Presidente do Estado de S. Paulo

Do notavel documento, que é a mensagem presidencial, destaccamos o trecho a seguir, que bem reflecte os esforços realizados pelo grande presidente paulista que hoje é um nome nacional.

"Ha dois annos, precisamente, tomei posse do Governo do Estado de São Paulo e venho trabalhando para desobrigar-me dos compromissos que assumi perante os paulistas.

Meu programma de governo vem sendo rigorosamente cumprido, sem encontrar, até hoje, com metade do tempo percorrido, um só obstaculo á sua execução. Sinto apenas que a minha responsabilidade cresce de momento a momento, quando tenho em vista que atravessamos o periodo de maior desenvolvimento e de maior prosperidade por que tem passado a nossa terra.

Todas as medidas solicitadas do Congresso e por elle votadas em 1927 tiveram plena execução no correr do anno de 1928 e vêm poderosamente auxiliando e acompanhando a marcha ascensional do progresso paulista.

As reorganizações do Instituto de Café e do Banco do Estado, que teve os seus serviços ampliados com a creação de novas carteiras tendentes a amparar melhor a nossa producção, continuam produzindo magnificos frutos.

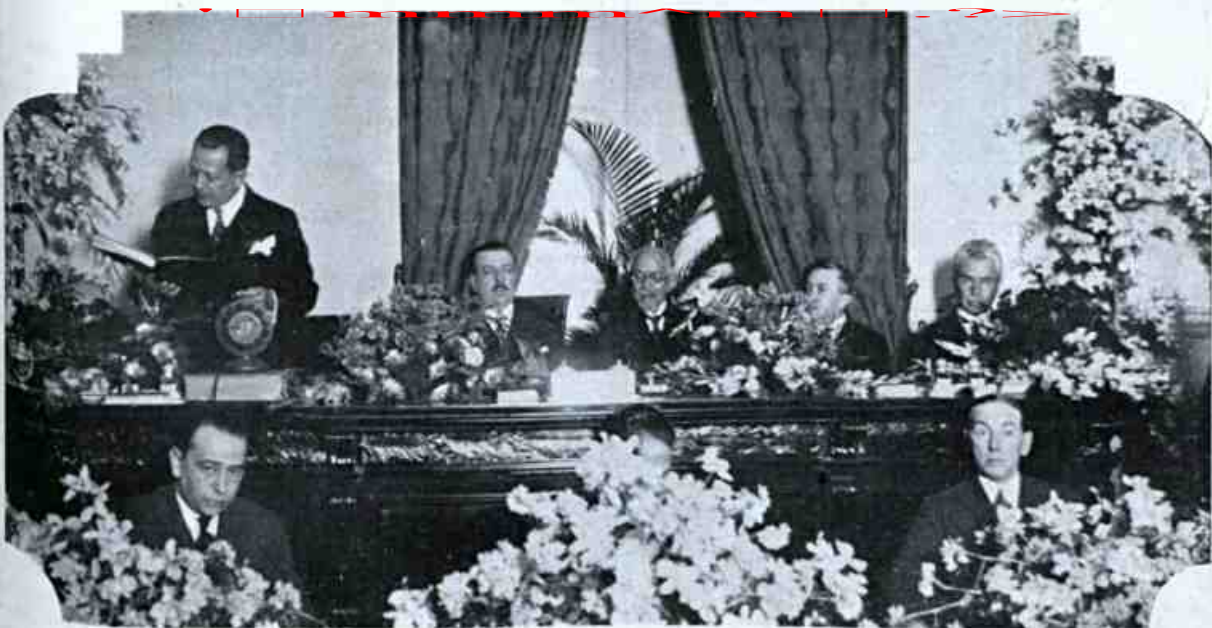
O desdobramento da Secretaria da Agricultura, Commercio e Industria, da Secretaria da Viação e Obras Publicas, produziu os resultados previstos, especializando as suas funcções de maneira a assistirem com mais efficiencia os dois importantes ramos de serviços publicos tão differentes e até então confundidos numa só repartição.

A' Secretaria da Agricultura coube dar execução ás reformas votadas, reorganizando todos os seus serviços, a começar pelo Instituto Agronomico de Campinas, Directoria de Industria Animal, ampliação dos serviços da Commissão Geographica e Geologica, fiscalização do commercio de adubos e preparados chimicos, creação do Conselho Superior do Ensino da Agricultura, reforma do Serviço Florestal, organização da Industria Animal, installação do Museu Agricola e Industrial, construcção do parque da primeira exposição de animaes do Estado e reorganização da Escola de Veterinaria, installação do Instituto Biologico de Defesa Agricola e Animal, cujo predio vae em adeantado estado de construcção.

A Secretaria da Viação conseguiu no decurso de um anno, iniciar a solução dos mais importantes problemas paulistas, resolvendo o abastecimento de agua da Capital, atacando desassombradamente a construcção do ramal da Sorocabana, de Mayrink a Santos, melhorando e arrancando do regimen deficitario muitas das nossas estradas de ferro, alargando e melhorando consideravelmente a rede de estradas de rodagem, estudan-

O presidente Júlio Prestes chegando ao edificio do Congresso paulista para a leitura da mensagem. Ao lado de s. ex. se vê, no automovel official, o vice-presidente do Estado, doutor Heitor Penteado, e á frente o secretario, dr. Lazary Guedes, e o ajudante de ordens da presidencia.

do e orçando as obras necessarias para a contrucção dos Portos de São Vicente e São Sebastião, estudando o novo contracto para a illuminação da Capital, tomando contas e fiscalizando melhor os serviços da estradas de ferro, telephones e outros de concessões de empresas particulares e assistindo, emfim, com muito maior efficiencia, a todos os serviços a seu cargo.

Na Justiça, a reforma judiciaria, com as pequenas modificações que a ajustaram ás exigencias do meio e á melhor distribuição da justiça, vae ter plena execução e correspondendo aos fins que teve em vista; todo o Forum

Um flagrante da leitura da mensagem, vendo-se a mesa, presidida pelo senador Dino Bueno, que tem a seu lado o dr. Júlio Prestes.

Criminal, com o Tribunal do Jury e grande parte do Fórum Civel, já se acham installados no Palacio da Justiça, cujas obras, dentro de um anno, estarão definitivamente concluídas; vae adiantada a construcção do Manicomio Judiciario, junto ao Hospicio de Juquery; o Conselho Penitenciario tem funccionado com regularidade; a reorganização da Força Publica e a installação da Escola de Aperfeiçoamento vão produzindo excellentes resultados; está concluído o projecto do Codigo do Processo Civil e Commercial, cujos estudos foram entregues á vossa sabia deliberação em mensagem de 1928.

A Policia tem ampliado extraordinariamente os seus serviços e, com a especialização de funcções, vae correspondendo galhardamente ás exigencias do nosso desenvolvimento.

No Interior, a reforma da instrucção vae dando excellentes resultados, tendo sido installadas novas escolas profissionaes, escolas normaes livres, e o Congresso de Educação, que se realizará este anno, em S. Paulo, virá mais uma vez pôr em destaque o gráo de adiantamento e a excellencia do nosso ensino; foi inaugurado o Hospital de Santo Angelo e estão em adiantado estado de construcção mais dois grandes leprosarios regionaes em Casa Branca e Baurú, de maneira a termos, dentro de um anno, a solução de mais esse grave problema de assistencia publica.

O serviço de hygiene foi consideravelmente augmentado, e, graças á sua acção efficaz, e á sua constante vigilancia, póde São Paulo atravessar incólume os surtos epidemicos que appareceram nas nossas vizinhanças.

Apesar da sobrecarga do desdobramento dos serviços existentes e da creação de outros que se tornaram imprescindiveis, não foram augmentados os impostos e nem contrahidos emprestimos para as despesas ordinarias do Estado, pois que foi possivel attender, dentro dos nossos proprios recursos, ás innumeras necessidades que surgiram desafiando a administração, dada a força de crescimento e os imprevistos do maravilhoso progresso que nos assoberba.

A receita arrecadada em 1927, que fôra de:

Renda ordinaria, 387.067:587$862; Renda extraordinaria, 16.976:816$709; Renda a classificar, 562.946$356; ou seja um total de . . . . . . 404.607:350$927 — subiu, em 1928, a 408.434:343$700; a saber:

Renda ordinaria, ... 389.473:314$378; Renda extraordinaria, 18.961:029$322; total, . . . 408.434:343$700; com um excesso, portanto, de . . . . 3.826:992$773, sobre a arrecadação do exercicio anterior.

Nessa arrecadação verifica-se um augmento de . 30.187:143$700, sobre a receita orçada, apesar de uma arrecadação de . . . . 15.047:564$405 a menos no imposto de exportação.

Cotejando-se a despesa fixada no orçamento com a despesa paga, verifica-se um saldo de réis 1.822:869$050. Os gastos extra-orçamentarios, custeados com recursos tambem extra-orçamentarios, subiram a 117.201:401$093. Para fazer face a esses gastos, contou o Estado com o producto do emprestimo externo para o serviço da Sorocabana e de aguas e com os seus recursos ordinarios para a conclusão dos serviços do Leprosario de Santo Angelo, estradas de rodagem e outros, embora tivesse autorização legislativa para a emissão de apolices e operações de creditos, de accordo com as leis n. 2.157, de 30 de dezembro de 1926 (que autorizou a emittir 100.000:000$000 para construcção e melhoramentos de estradas de rodagem), e n. 2.169, de 27 de dezembro de 1926 (que autorizou a emittir 10.000:000$000 para prophylaxia da lepra), preferindo o governo não se utilizar dessas autorizações, pois estava apparelhado a attender, e attendeu, taes serviços, inde-

O recinto do Congresso paulista durante a leitura da mensagem do presidente Julio Prestes.

O dr. Julio Prestes deixando o Congresso, apos a leitura da mensagem. Ladeando s. ex. se vêem os senadores Padua Salles e Rodolpho Miranda.

pendentemente de operações extraordinárias.

Das rendas arrecadadas, a que mais produziu foi a da exportação, que montou a 120.952:435$795, vindo em segundo logar a da transmissão de propriedade inter-vivos, que produziu 34.478:591$023 ou sejam mais 14.478:591$023 do que a orçada.

Ainda, nas diversas rubricas da receita, foram apreciaveis os augmentos seguintes:

Renda da Sorocabana, mais 4.595:699$692.

Taxa de esgotos, mais 1.399:126$468.

Imposto predial, mais 2.411:497$280.

Imposto sobre vehiculos, mais 2.346:019$400.

Imposto de viação, mais 1.300:817$970.

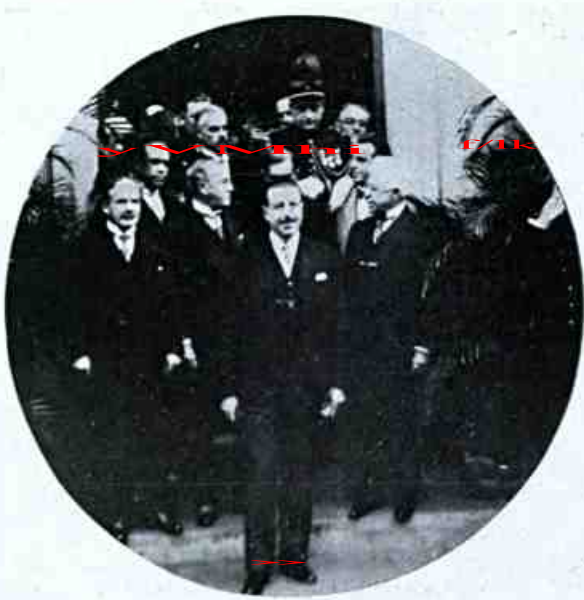
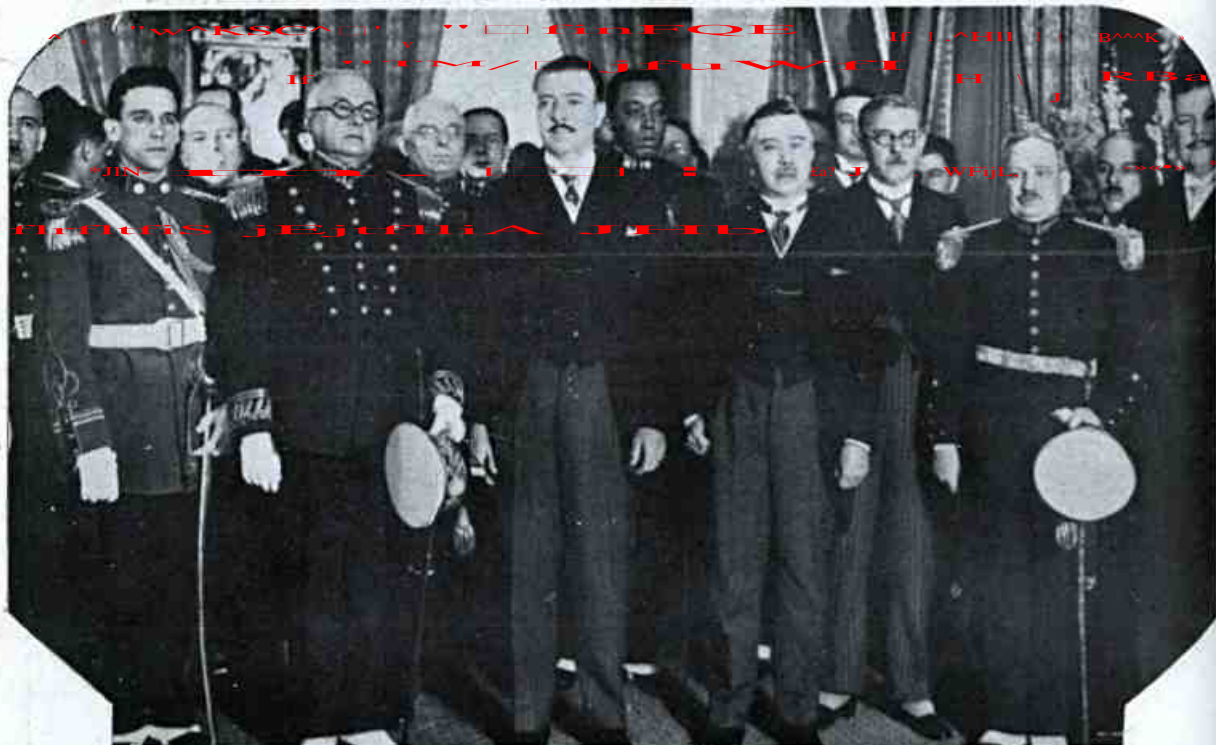
Taxa addicional, mais 1.839:533$776.

Taxa de bilhetes de casas de diversões, mais 1.081:616$431.

Imposto sobre o capital empregado em emprestimos, mais 1.597:025$524.

A melhoria e o desenvolvimento da fiscalização e da cobrança da divida activa trouxeram como consequencia a renda de 7.013:746$144 para o orçamento, que era apenas do 3.500:000$000.

O regimen de fiscalização instituido pela lei numero 2.252, de 28 de dezembro de 1927, bem como o critério de adoptar-se a média do imposto predial, como base para os cálculos dos empréstimos concedidos pelo Banco do Estado, concorreram sobremaneira para a majoração da nossa renda, pois os contribuintes já estão dando, para esse effeito, o valor real de suas propriedades, quando o certo é que outr'ora o minoravam em prejuizo do fisco. E' de notar-se que, dentre as medidas necessarias á boa execução dos nossos orçamentos, resalta, como a de uma providencia que deverá ser sempre mantida, a suppressão da faculdade da abertura de creditos supplementares. Essa medida, que só foi adoptada no orçamento para o exercicio de 1923, vem sendo posta em pratica com incontestável vantagem para o nosso equilibrio orçamentario.

A nossa exportação pelo porto de Santos, que havia subido em 1927 á somma de 2.016.444:934$675, attingiu em 1928 á cifra de 2.063.140:604$000, com um accrescimo de réis 46.695:669$225, o que patenteia a ascendente progressão que continúa a predominar na economia de São Paulo. O valor official da exportação do Es-

Outro aspecto da sahida do presidente Julio Prestes do Congresso paulista.

Após a leitura da mensagem no Congresso, o presidente paulista deu recepção em palacio. Nesta photographia, que fixa um aspecto dessa recepção, o dr. Julio Prestes apparece ao lado do commandante da região militar, general Hastimphilo de Moura.

tado, durante esse exercicio, foi de 2.881.980:309$350, assim discriminados:

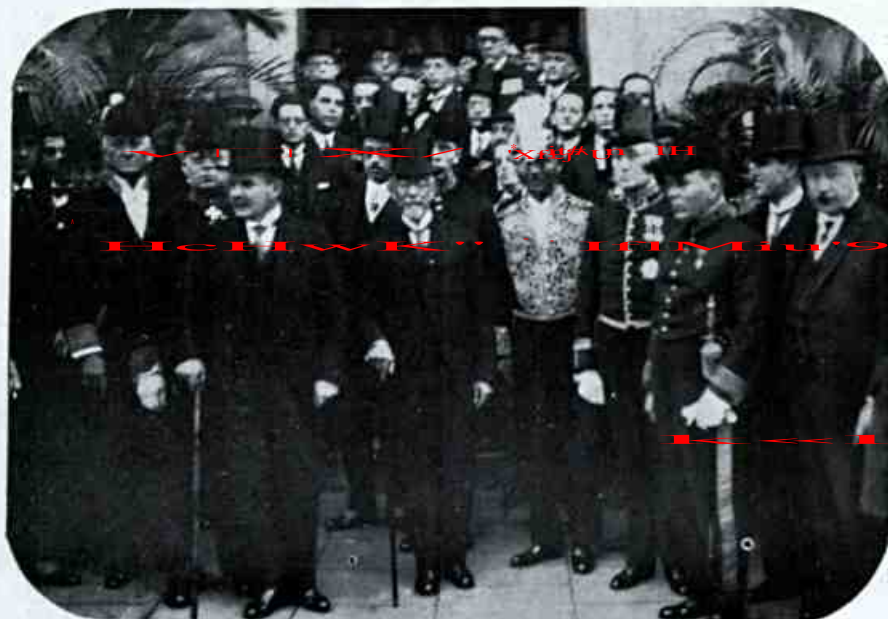
Productos sujeitos ao imposto de exportação (café, gado vaccum, couros, farello), 1.868.608:966$600; outros generos sujeitos á taxa de expediente, réis 1.013.371:342$750. Somma, 2.881.980:309$350.

A 31 de dezembro de 1927, a nossa situação financeira era a seguinte:

Divida interna fundada, 349.394:000$000; divida externa fundada, réis 416.410:832$161; divida fluctuante, 218.640:564$629. Somma total, réis 984.445:396$790.

A importancia da divida externa correspondia ao valor por que fôra escripturada, ao tempo das operações; tomando-se, porém, por base a taxa do cambio actual, essa importancia subiria a de réis 664.969:114$915, perfazendo a somma total de réis 1.233.033:679$544, para toda a divida passiva do Estado.

A 31 de dezembro de 1928 a situação financeira do Estado de S. Paulo era a seguinte:

Divida interna fundada, 349.189:000$000; divida externa fundada, 665.127:853$961; divida fluctuante, réis 263.760:576$351. Total, réis 1.278.077:430$312.

O dr. Dino Bueno, presidente do Senado paulista, em companhia de outras figuras politicas e representantes do corpo consular, deixa o edificio do Congresso.

O presidente Julio Prestes com seus secretarios de governo, no palacio dos Campos Elyseos, por occasião da recepção que alli se realizou no dia da leitura da mensagem paulista.

Houve, portanto, um augmento no total da divida do Estado de réis 291.632:033$522 em relação a 31 de dezembro de 1927. Desse augmento, réis [illegible].663:394$938, producto do emprestimo de que já ti-[illegible] conhecimento, foram os capitaes necessarios á construcção do prolongamento da estrada de ferro da Sorocabana a Santos, e á terminação dos serviços de aguas da Capital; e os restantes, applicados na construcção de estradas de rodagem; emprestimos á estrada de ferro Morro Agudo, á Bolsa de Mercadorias, para a construcção do Palacio do Commercio; terminação das obras do hospital de Santo Angelo, e outras despesas extra-orçamentarias, todas ellas oriundas de serviços e de obras que vieram augmentar o patrimonio e a riqueza do Estado.

O augmento da nossa divida externa foi motivado pelo emprestimo que o Estado contrahiu com os banqueiros J. Henry Schroeder & Comp. e Speyer & Comp., para a execução do prolongamento ferroviario da Sorocabana, de Mayrink a Santos, cujas vantagens já não são mais contestadas, porque visa resolver, entre outros, o problema de con-

Grupo tomado á sahida do Congresso, vendo-se, entre outros, o secretario da Justiça, dr. Salles Junior, e os senadores Padua Salles e Rodolpho Miranda.

gestionamento do porto de Santos, impulsionando o nosso desenvolvimento e augmentando a riqueza do Estado.

O restante do emprestimo vae sendo applicado no complemento dos serviços da nova linha adductora de Santo Amaro, dos Poços Artezianos que servem ao bairro do Braz e na conclusão da adductora de Rio Claro, unica que falta terminar para o completo serviço de abastecimento de

conta em 1928 sobem a 19.013:544$700, faltando recolher apenas os restantes 10.595:475$119, para perfazer o saldo dos depositos feitos no anno de 1928, que foi de 29.609:020$819.

O governo liquidou, no dia do vencimento, a divida de nove milhões de florins que fôra contrahida com o Banco Francez e Italiano, a 15 de março de 1926, em cuja garantia caucionára 33.500:000$000 em obrigações de emissão, au-

deste anno a meio milhão de alumnos.

A matricula geral, verificada nos estabelecimentos de ensino official e particular, em 1928, foi de 484.259, sendo 434.602 no curso primario, 1.716 no complementar, 4.629 no normal, 14.131 no profissional, 27.863 no secundario, 1.318 no superior, incluindo-se neste numero os 593 matriculados na Faculdade de Direito.

Confrontando-se esses

a matricula média por unidade escolar. O numero geral de promoções attingiu a 134.422; o de conclusões de curso, a 20.557 e o de alphabetizações a 64.780.

Todos esses algarismos denotam superioridade sobre os que se referem ao anno lectivo de 1927.

Nas escolas complementares matricularam-se 1.716 alumnos; nas normaes 3.126; nas profissionaes 4.150; nos gymnasios

Pessoas gradas «posando» para o FON-FON á sahida do Congresso paulista.

agua da Capital.

Para esse emprestimo o Estado de São Paulo não deu garantias especificadas e conseguiu negocial-o ao typo de 92,75 e juros de 6 °|° ao anno, o que demonstra as nossas excellentes condições, pois que elle representa o record das operações financeiras dessa natureza.

A divida interna fundada diminuiu de 205:000$000 em relação ao exercicio anterior.

Os depositos das Caixas Economicas vêm sendo recolhidos ao Banco do Estado, em conta corrente especial, com os juros de 6 °|° ao anno, contrabalançando assim o augmento da divida fluctuante. Os depositos já feitos nessa

torizada pela lei n. 1.709, de 14 de outubro de 1920, regulamentada pelo decreto n. 4.205, de 11 de março de 1927.

A INSTRUCÇÃO PUBLICA EM S. PAULO

Havia no Estado de São Paulo, a 14 de julho de 1927, 2.659 escolas vagas. Dessas escolas, até 30 de junho deste anno, foram providas 1.704. De 14 de julho de 1927, até 30 de junho deste anno, foram creadas mais 1.044 escolas, das quaes foram providas mais 631, pelo que, de 14 de julho de 1927 a 30 de junho de 1929, foram providas pelo governo do Estado mais 2.335 escolas, ultrapassando a matricula

dados com os relativos ao anno anterior, verifica-se o accrescimo de... A matricula geral accusa, em todos os estabelecimentos, augmento bastante sensivel.

O numero de estabelecimentos de ensino mantidos pelo Estado é de 3.227, sendo 3.195 de curso primario, 10 do complementar, 10 para o normal, 7 para o profissional, 3 para o gymnasial e 2 para o superior.

A matricula nos estabelecimentos de ensino primario ascendeu a 315.490 alumnos, superior á de 1927 em 53.075. Daquelles alumnos, 187.924 eram do sexo masculino e 157.566 do feminino. Funccionaram 7.699 classes, sendo, pois, de 44,8

1.324 e nas superiores 492. A matricula geral, portanto, nos estabelecimentos mantidos pelo Estado, attingiu á cifra de 354.974, que é sensivelmente maior do que a de 1927 que foi 302.009.

As escolas normaes livres foram frequentadas por 1.503 alumnos.

As escolas particulares de ensino primario tiveram 77.682 alumnos; as de instrucção secundaria 27.803; as profissionaes 9.981 e as do curso superior 233, perfazendo o total de 115.759, mais 25.810 do que no anno anterior.

As escolas mantidas pelas Camaras Municipaes, em numero de 285, tiveram a matricula de 11.430 alumnos.

Zequinha, filhinho do tenente José Granja e de sua esposa, d. Lydia Granja.

A senhorita Maria Laura Hermida Villar e o sr. Antenor Salles Gomes, cujo enlace se realizou a 6 do corrente, na fazenda do noivo, em Cambuquira, com a presença do alto elemento social da cidade mineira.

Antonalio, filho do dr. Antonio Borges dos Santos e de d. Amelia Pelles Santos.

* * *

FILIGRANAS

E' engraçado. Nessa questão dos emprestimos francêses que devem ser pagos em ouro, o que acarreta brutal prejuizo ao nosso paiz, procura-se um culpado. A «encrenca» começou no governo Bernardes, cujo chanceller deu tempo ao tempo e nunca resolveu nada. Estourou ás mãos do sr. Mangabeira, que foi obrigado a acceitar o arbitramento á vista dos termos da nota franceza. Nomeou-se um advogado para o tribunal de Haya, que nos defendeu. Perdemos a sentença, apesar dos votos de Bustamante e Epitacio, o qual alli é somente juiz e não advogado do Brasil. E ha quem venha dizer que este ultimo é que é o culpado... Ora, pipocas!...

ARABESCOS

Vejo que padeces. Vejo tambem que sabes soffrer como as almas bôas.

Como eu, não tens uma bôa estrella. Semêas o bem e colhes espinhos. Por seres bôa, todos te querem mal.

E eu, que te adoro tanto, padeço o que padeces, choro intimamente as lagrimas que te caem dos olhos sempre tristes.

E soffro mil cuidados. Um suspiro teu me põe o coração sobresaltado. Vélo o teu somno como si fôras uma criança. E quando não ouço o teu respirar — pois tens um somno brando como o das crianças — apresto o ouvido, a ponto de ouvir as palpitações desordenadas do meu coração.

Quando te vejo triste — e é quasi sempre — sorrio, finjo que estou alegre e que sou feliz, procurando communicar-te, legitima, essa minha falsa alegria.

E ás vezes sorris. Mas eu sei que sorris para não me entristeceres.

Sinto bem que nunca hei de ser feliz. Porque as nossas almas são muito semelhantes, os nossos corações vibram com a mesma intensidade.

Procuras fazer-me crêr que és muito feliz. E eu sei que soffres.

E eu não me canso de dizer-te que sou o mais ditoso dos homens. Mas sei que appareço aos teus olhos como o mais desgraçado dos mortaes.

No emtanto, eu te amo perdidamente e tenho a certeza de que me amas tambem...

MATTOS ALÉM.

RAUL Larangeira, o festejado violinista patricio que deu hontem um concerto, no theatro Municipal. Raul Larangeira regressou ha pouco da Europa, onde se exhibiu com successo, merecendo elogios consagradores da critica musical do Velho Mundo.

FILIGRANAS

O maior proverbio do mundo é o que sahiu dos labios de Salomão: nada ha de novo debaixo do sol.

Conhecem a lei de Gresham, celebre ministro inglez? E' a seguinte e os brasileiros devem tél-a sempre presente na memoria: "Em todos os paizes onde ha duas moedas em circulação a má absorverá sempre a bôa."

Pois bem, na velha Grecia, o grande Aristophanes já fizera vêr isso. Lê-se na sua comedia *As Rãs* que succede com os bons e máus cidadãos o mesmo que com as moedas de ouro antigas e modernas. Pois as primeiras, embora melhores que as outras, são por ellas preteridas. E, assim, na Republica sobem e dominam aquelles que nada valem...

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Senhorita quer ser bella,
Galante, meiga e jovial?
O sabonete EUCALOL
Conseguirá seu ideal.

Gregorio Almeida.

3ª. Secção da Cont. da S. P. R. — S. Paulo

Criticos e criticados

LI algures: "Não ha livro que não tenha alguma cousa aproveitavel.

Não ha, pois, inteiramente ruim.

Entretanto, assim não o entendem muitos daquelles que se arvoram criticos no Brasil.

A verdade é que não esmerilham os livros quando os julgam. Se transcrevem o que de melhor encontram em suas paginas, a escassez dos commentarios não permitte esclarecer o publico sobre o valor da obra.

Alguns fazem transcripção ao acaso, que muitas vezes não abrange as melhores producções do livro.

O que não dispensam os taes criticos, é de dar á lume o que encontram de peor, no afan de prejudicar o pobre autor que tem a veleidade de acreditar no criterio do julgamento.

Referindo-se a um livro de versos, ha tempos, um escriptor emittiu este juizo:

"Quanto ao sr. F. F., é poeticamente um caso perdido."

Por que? Faria elle, acaso, no genero, coisa melhor?

E' o que restava provar...

Mas esse tal "caso perdido" não fez livro com poesias absolutamente ineditas: reuniu em volume, aperfeiçoando-os, os trabalhos já largamente divulgados pela imprensa.

O publico, que conhecia o autor por essas producções, ficou talvez a pensar, de si para si: — "Que diabo! Fulano, com certeza, não fez livro do que tem publicado nas revistas e jornaes, onde o trabalho de selecção é rigoroso; do contrario, não diriam que, poeticamente, é um caso perdido.

E, assim pensando, não compra o livro.

Ha criticos que se não contentam em amesquinhar o autor num só jornal e editam em outros, onde não foi offertado o livro, todo o mal que ao seu criterio entendem dar á publicidade contra o que, delicadamente, foi confiado ao seu julgamento.

Só elogiam os livros dos affeiçoados, dos autores consagrados, ou daquelles a quem temem...

Falta-lhes a coragem para, com sobrancería, emittir juizo sobre certas obras...

E' assim feita certa critica literaria no Brasil.

Transcrevo de um numero antigo de uma revista carioca a opinião de alguem, que, a meu ver, bem define o critico:

"O critico é um censor inexoravel, que grande numero de vezes vinga os seus proprios insuccessos nos successos dos outros."

Com a maior facilidade se diz que um livro não presta, olvidando o grande trabalho de intelligencia que elle representa e os conhecimentos que se fazem precisos a um autor para escrevel-o.

Quanta somma de esforços e quanta vigilia da elaboração dos occultos ensaios á final publicação do livro!

Não falo na despesa de impressão, pois, no geral, em nosso paiz, só faz livros quem dispõe de recursos monetarios.

A quantia destinada para tal fim pouco importa perder pela não acceitação do publico.

O livro poderá ter uma larga distribuição gratuita sem empobrecer o autor.

Dá-se aos amigos que se não importam de o comprar, mas dá-se tambem a muitos que só de graça o querem, por julgarem talvez mal empregado o dinheiro que se despende para acquisição do livro.

E os taes filantes, que formam uma classe respeitavel, não dispensam a dedicatoria que, entre parenthesis, não o inhibe de ir parar em qualquer sebo...

Um exemplo, para encerrar este despretencioso trabalho:

Certo poeta pobre publicou um livro de versos, que vendia aos numerosos amigos e conhecidos.

Costumava dizer:

"Fulano, reservei este livrinho para você"...

Os amigos recebiam de bôa vontade o livro e o pagavam.

Acontece, porém, que, procurando vendel-o a um dos taes filantes, obteve esta resposta:

— Oh! meu amigo, como é gentil em vir offertar-me o seu livro!

Mas não o acceito assim: quero uma dedicatoria.

E o pobre autor do livro teve de o dar de graça e ainda por cima lançar sua assignatura num cordial offerecimento.

E por que esse autor adoptou o meio pouco commodo de vender seu livro de um a um aos amigos e conhecidos?

Porque não o havia distribuido pela imprensa.

Muito justamente receiava que grande prejuizo lhe adviria com a não acceitação pelo publico de seu livro, devido á critica acerba, que se não fazia esperar muito, de implacavel demolidor.

LEOPOLDO D. AMARAL

O PAPAGAIO

QUER o forasteiro possuir um papagaio falador, encommenda-o a matuto seu conhecido.

Leva-lhe o matuto uma ave maravilhosa, como diz elle, a qual comprára na feira de certa cidade nordestina, e cobra-lhe bôa paga.

Contente, manda o forasteiro botar o trepador na gaiola nickelada que trouxéra para esse fim.

Passa-se o dia, a semana, e o papagaio não dá uma nota. Estranhou certamente a casa, pensa o dono da ave maravilhosa.

Passam-se os dias, as semanas, e continúa como dantes.

Afinal, apparece lá o matuto e queixa-se-lhe o forasteiro da má compra.

— Que é que diz vossa senhoria?! *Entonces*, não fala nada, nada?

— Absolutamente. Ainda não ouvi uma só palavra sahir daquelle bico recurvado.

— Vossa senhoria já puxou por elle?

— Já fiz tudo. Nem "papagaio louro do bico dourado", nem "papagaio real para Portugal" consigo fazer com que elle repita!

— Apois bem. Eu queria vêr o animalzinho.

— Aqui o tens.

— Ah! *Poremé* vossa senhoria vê: elle não fala, é verdade; *mais* p'ra pensar é um bicho! E quando depois de tanto pensar, elle dér p'ra falar, vae ser um caso sério!...

LLOYD BRASILEIRO

SERVIÇO DE PASSAGEIROS

PROXIMAS SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

EUROPA

Vapor	Data
Raul Soares	15 Julho
Ruy Barbosa	30 Julho
Cant. Guimarães	15 Agosto
Alte. Alexandrino	30 Agosto
Cuyabá	15 Setemb
Bagé	30 Setemb
Raul Soares	15 Outub.
Ruy Barbosa	30 Outub.
Cant. Guimarães	15 Novemb
Alte. Alexandrino	30 Novemb.
Cuyabá	15 Dezemb.
Bagé	30 Dezemb.
Raul Soares	15 Janeiro
Ruy Barbosa	30 Janeiro

NORTE

LINHA RIO - BELEM

Vapor	Data
João Alfredo	19 Julho
Cte. Ripper	26 Julho
Pará	2 Agosto
Manáos	9 Agosto
Pedro I	16 Agosto
Alte. Jaceguay	23 Agosto
Cte. Ripper	30 Agosto
Pará	6 Setem.
João Alfredo	13 Setem.
Pedro I	20 Setem.
Alte. Jaceguay	27 Setem.

LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO

Vapor	Data
Campos Salles	25 Julho
Affonso Penna	10 Agosto
Rodrigues Alves	25 Agosto
Duque de Caxias	10 Setem.
Baependy	25 Setem.

LINHA RIO - RECIFE

Vapor	Data
Cte. Vasconcellos	30 Julho
Cte. Vasconcellos	30 Agosto
Cte. Vasconcellos	30 Setem.

SUL

LINHA RIO - PORTO ALEGRE

Vapor	Data
Cte. Capella	18 Julho
Cte. Alvim	25 Julho
Cte. Alcidio	1 Agosto
Cte. Capella	8 Agosto
Cte. Alvim	15 Agosto
Cte. Alcidio	22 Agosto
Cte. Capella	29 Agosto
Cte. Alvim	4 Setem.
Cte. Alcidio	11 Setem.
Cte. Capella	18 Setem.
Cte. Alvim	25 Setem.

LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO

Vapor	Data
Alte. Jaceguay	26 Julho
Duque de Caxias	11 Agosto
Baependy	26 Agosto
Campos Salles	11 Setem.
Affonso Penna	26 Seem.

LINHA RIO - LAGUNA

Vapor	Data
Asp. Nascimento	15 Julho
Asp. Nascimento	30 Julho
Asp. Nascimento	15 Agosto
Asp. Nascimento	30 Agosto
Asp. Nascimento	15 Setem.
Asp Nascimento	30 Setem.

VARINHA DE CONDÃO

Fig. 1

PENTEADOS — Mais do que o feitio e o tom do vestido, mais do que a escolha dos accessorios, o modo de cortar e arranjar os cabellos deve obedecer ao typo e feições da mulher. Não se comprehende que, si ella tem o rosto comprido, e testa espaçosa, descubra esta, usando os cabellos todos para trás. E si fôr o seu rosto redondo e cheio o faça parecer mais largo diminuindo-o ainda com uma pasta.

Porém não só os principaes caracteristicos de uma physionomia devem ser estudados na escolha de um penteado. Ha que considerar ainda a natureza dos cabellos de cada uma. O penteado deve, pois, ser, assim como a arte do "maquillage", inteiramente pessoal.

Entretanto, nem por isso deixam de apparecer tendencias generalizadas. Agora, por exemplo, em reacção á moda dos cabellos excessivamente curtos, "á l'homme", os ultimos modelos dos *coiffeurs* os apresentam um pouco mais longos. Entretanto, achamos que as melenas, surgindo em tufos detrás da orelha, em bem poucos rostos assentam. Soubemos que as ultimas novidades de Paris sobre penteados são que, as nucas até então absolutamente despidas, principiam a apparecer com uns negalhos leves, ou pequenos cachos em pontas recurvas, e ás vezes até com uns timidos ensaios de coques.

Damos nas figuras, 1 e 2 duas interessantes cabeças penteadas para a noite.

Fig. 2

PINTURAS EM ESPELHOS — Não ha erro: referimo-nos, não á pintura ao espelho, mas, na verdade, á pintura no proprio espelho.

A idéa que em nós desperta espelhos pintados, com guirlandas de flores e anjinhos é a de aposentos de antanho, ou então a de salas de commerciantes modestos ou cinemas de bairro.

Mas agora voltam nos mobiliarios de requintado luxo os espelhos pintados... Apenas como sempre succede á moda que retorna, em algo differe sempre do que já foi; assim, as pinturas, em logar de representarem flôres, mostram-nos

Fig. 3

animaes. Pelo menos tal é o *leit-motif* da decoração da sumptuosa sala de jantar do sr. Paul Lilraz. Dos innumeros espelhos pintados por Drian espreitam macacos tra-

vessos, sentados uns, (fig. 3) em ascenção outros, emquanto que, num grande painel, em frente á porta, um frenetico *jazz* de macacos musicos dá ao aposento um cunho inteiramente original.

GASTRONOMIA

— *Peixe recheado com molho de manteiga* — Tomem uma garôpa de tamanho regular ou um ...adejo; depois de bem escamado, abram-lhe a pelle das costas, extraiam a espinha vertebral, seccionando-a na cabeça e na cauda. Tirem a carne, raspando-a da pelle, mas respeitando a integridade desta. Finalmente deve tirar e desprezar as visceras.

Piquem a carne com alguns cogumelos e ovos cozidos e um pouco de pão embebido no leite. Peguem a massa com manteiga derretida, salguem e temperem. Misturem bem, e encham a pelle vazia do peixe com essa massa, mas sem forçal-a muito afim de que ella não estoire. Cosam a pelle nas costas. Numa dessas frigideiras especiaes de fritar peixe, colloquem esse que prepararam; encham a frigideira com um caldo frio e a façam ferver durante meia hora. Retirem o peixe com precaução, escorram bem a agua e colloquem-n'o na travessa. Sirvam com molho de manteiga.

N'A *INTIMIDADE DO LAR* — Pelas manhãs nubladas de inverno, o lar desperta mais tarde... 7 horas, ás vezes, e os pequeninos ainda dormem, nas caminhas revoltas.... A mamãe tambem preguiça, sob o cobertor macio e quente...

Fig. 4

mas de repente um chôro arreliado ou um riso travêsso a obriga a deixar o ninho, embora a contragosto.... Que frio!... Depressa o roupão.... E eil-a pela manhã a dentro, nas primeiras lides com os filhos e a casa, activa, azafamada mas sorridente... esperamol-o ao menos.

Outras das minhas amiguinhas, as solteiras, as que não têm filhos, ou que os tendo, tambem têm bôas amas, até muito mais tarde se entregam á somnolencia voluptuosa das manhãs de inverno.... 8 horas, 8 ½, 9 horas.... o relogio de cabeceira, tic-tac, baixinho, ansioso de vêr tantos minutos, tantos, que se vão para nunca mais... Estas, quando se erguem emfim, talvez achem ao pé do leito roupões bem mais ricos e bonitos...

Mas, luxuoso ou modesto, deve o traje matutino, pôr uma nota de graça e faceirice no inevitavel desalinho do primeiro momento em que se deixa a cama.

O *peignoir* que se vê na figura 4, é de setim preto com grande flôr de setim rosa de dois tons applicado por um caseado largo de torçal de sêda em tons tambem mais claro e mais escuro, fazendo contraste com o dem. Os caules devem matiz da petala que prenser feitos com ponto de haste, e as folhas com setim verde applicado e bordado em verde mais escuro para fazer as nervuras. Como se vê, o ramo parte da frente e num contorno elegante e original sobe pelas costas e floresce quasi sobre um hombro. As barras são de setim rosa-pallido.

Embora o modelo tenha sido creado para ser executado com setim negro, tambem ficará interessante feito com setineta ou crepon. Sómente, no primeiro caso, aconselhamos a escolherem outra côr, por exemplo, azul ou côr de ouro, ou ainda lilaz, pois a setineta preta raras vezes é bonita, e estraga muito depressa; na segunda hypothese, é preferivel bordarem a flôr com lã grossa, ao envez de a fazerem applicada, pois o crepon, depois de lavado, encolhe ou estica, desfigurando a flôr. Tambem para esta fazenda escolham de preferencia côres claras ou quando muito azul-marinho; preto só com brilho.

CINDERELLA

Uma aventura extraordinaria

De Alex Barny

TODAS as tardes, a senhora Barbara Gordilho, admiravel specimen da desventurada cohorte dos obesos, sahia a passeio, caminhando sem parar, com a inutil esperança de emmagrecer.

Hontem, depois de percorrer quasi toda a cidade, se permittiu sentar-se em um banco de praça. Após longo repouso, matizado por profundos suspiros, se levantou. Mas suas pernas haviam perdido o rythmo marcial e se moviam lentas, fracas, arrastando-se quasi.

De outro banco, um desoccupado deslisou um requebro com claras allusões a sua exuberancia adiposa. Barbara Gordilho não se dignou voltar a cabeça e continuou seu caminho.

De repente, tropeçou e esteve quasi perdendo o equilibrio. Mas dois braços robustos a seguraram, e...

Foi cousa de um millesimo de segundo. Barbara Gordilho viu-se, inesperadamente, arrumada no assento deanteiro de um automovel, ao lado de um homem herculeo, que opprimia o accelerador e punha o vehiculo em marcha.

— Soc...!

— Não grite, senhora! — intimou-a o homem, com voz cavernosa e gesto rispido. — Não grite, porque, do contrario, recorrerei á força convincente de meu revólver!

Barbara Gordilho abriu a bocca. O homem explicou-lhe:

— Nenhum mal lhe acontecerá, senhora, si ficar quieta e tranquilla. E talvez depois se felicite pelo resultado desta aventura.

Na mão do desconhecido brilhava já o cano de um revólver.

E emquanto o carro deslisava entre a curiosidade dos transeuntes, que volviam a Barbara seus olhos entre assombrados e trocistas, a bôa senhora se poz a pensar na possivel explicação de tudo aquillo.

"Sim — disse, comsigo. — Estou certa de que este rapto foi preparado por Gastão. Precisamente esta é a rua Canning, onde Gastão tem seu appartamento... Si assim fosse, este cavalheiro andou acertado quando me affirmou que o final da aventura me seria grato. Porque, em verdade, já é tempo que eu abandone meu estado de viuvez. E o sympathico Gastão é um grande partido... Nunca suppuz, no emtanto, que Gastão quizesse casar commigo... Hein? .. Como?... Já não seguimos pela rua Canning?... Que pena!... E eu que me suppunha raptada por indicação de Gastão!... Mas, não é esta a rua Rivera? Sim! Lucas Farinheta mora a dois passos daqui!... Ah, Lucas Farinheta! Que ingrata fui não acceitando teus convites!... Lucas é um rapaz candido, amavel... Oh! Dobramos outra vez?..."

O itinerario seguido pelo automovel desconcertou a senhora Barbara Gordilho.

— Cavalheiro! — decidiu-se Barbara a interpelar seu companheiro. — Exijo que me diga aonde me leva!

O auto marchava agora a pouca velocidade. Um bando de meninos corria atraz delle gritando e rindo. Os transeuntes se detinham a observar a passagem do vehiculo occupado pela imponente Barbara Gordilho. Mas Barbara, acostumada já a desentender-se da insolente curiosidade dos outros, cravava seus olhos no desconhecido, reclamando com o olhar uma resposta a sua pergunta.

Parcimonioso, o homem lhe disse:

— Não se impaciente, senhora. Recebi ordens precisas. Quando chegarmos ao nosso destino, saberá de tudo.

O cano do revólver continuava brilhando na mão do raptor.

Mas a senhora Barbara Gordilho, temperamento novellesco e ingenuo, não tinha medo. Pelo contrario! Só a impacientava o desejo de saber quem era o verdadeiro autor daquelle rapto.

"Ah! — exclamou ella, de repente, para seus botões. — Já sei!... Juliano!... Estamos na praça Italia. Juliano! Juliano! Nunca o julgaria capaz de inspirações romanticas..."

Mas tambem não se tratava de Juliano, nem de Eustachio, nem de Affonso, nem de Georgino, nem de Chrisosthomo, nem de Homero, nem de Augusto, nem de tantos outros suppostos admiradores que o estranho itinerario do automovel fazia desfilar cinematographicamente pela imaginação de Barbara Gordilho.

Cahia já a tarde. O vehiculo suscitára a admiração de toda a cidade. Barbara, alheia a quanto occorria em torno de si, não notava o alvoroço que o auto despertava nos transeuntes, nem notava a satisfação que brilhava no rosto de seu companheiro de passeio.

"Quem?... Quem será?... Já esgottei a lista de todos os possiveis candidatos..."

O automovel internou-se em uma viella estreita e escura, detendo-se perto de um lampeão.

O companheiro da senhora Barbara Gordilho disse:

— A senhora está em liberdade. Aqui tem os cem mil réis que ganhou...

— Hein? Estou em liberdade?... Os cem mil réis que ganhei?... Mas, senhor!... Eu preciso saber quem ordenou este rapto!...

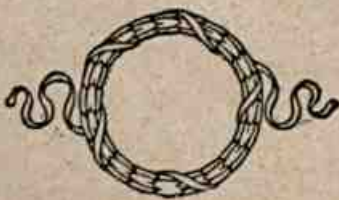
— Este rapto me foi ordenado por meu patrão...

— Ah! — suspirou Barbara, tranquillizada. — E quem é seu patrão?

— Meu patrão é o dono da fabrica de productos "Exuberancia". Eu sou seu representante. E a senhora comprehende...: já não ha mulheres dignas de ser exhibidas como exemplos das virtudes de nossos productos. Por isso, quando encontramos uma, nos vemos obrigados a raptal-a e passeal-a pela cidade para fazer a propaganda da casa...

Barbara Gordilho, furibunda, desceu do auto dando safanões.

E quando o vehiculo se poz em marcha, a romantica senhora leu, á luz do lampeão, um enorme cartaz pendurado na parte trazeira do auto, e que dizia

"Não ha mulheres delgadas;
Não ha mulheres fracas
Consuma os productos
Exuberancia."

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

O HERCULES DO ARRANHA CE'O

PATHÉ DE MILLE

Cinema IMPERIO — Vida norte-americana, ambiente norte-americano; espirito norte-americano. Tudo isto é bem do agrado do nosso publico, quando traçado por um espirito alegre como é o de William Boyd, um cavalheiro que anda sempre com um sorrisozinho á flôr dos labios. E' uma pellicula que diverte, embora não nos dê nada de superior, nem de novo, ficando por uma mediania acceitavel. Sae-se de lá com a alma vazia, como se entrou, e d'ahi a duas horas não nos lembra nada do que vimos sem fazermos um pequeno esforço para o recordar.

Cotação — SOFFRIVEL

SYMPHONIA DA FLORESTA

PRODUCÇÃO V. VERGA

Cinema GLORIA — Como temos procedido sempre com producções nacionaes — méras tentativas, em geral bem intencionadas, — não nos preoccupamos com o valor absoluto como obra de arte, mas consideramol-o como uma tentativa honesta a essa producção V. Verga, *Symphonia da Floresta*, que o Programma Serrador em bôa hora tomou sob a protecção do seu prestigio. *Symphonia da Floresta* não é um trabalho de excepcional valor. Queremos crêr, porque é evidente, que a falta de valiosos capitaes indispensaveis a toda a realização de grande vulto lhe amesquinhou as proporções, cuja base daria para trabalho mais grandioso e mais perfeito. Em todo o caso, devemos confessar que estamos em presença d'um trabalho honesto, em que a nota predominante é a do caracter profundamente brasileiro, ao contrario de outros que se limitam a reproduzir ambientes estrangeiros que muito mal se amoldam a um ambiente puramente nacional. *Symphonia da Floresta* tem colorido brasileiro e apresenta quadros d'uma belleza tal que seria, lá fóra, a melhor propaganda da nossa inimitavel natureza. O enredo era susceptivel de maior desenvolvimento e mal foi que lh'o não dessem. Em todo o caso temos visto muito trabalho cinematographico com muito menos interesse no seu argumento do que o que nos deu esta producção nacional. Ha uma preoccupação manifesta de sequencia, e, sob este ponto de vista, o trabalho de V. Verga é merecedor de elogios. A interpretação é louvavel, pelo menos em parte. Lya Brasil, pela sua figura gentil, de valiosa photogenia, é uma grande esperança no mundo do film nacional. Tem a sentimentalidade da mulher brasileira e isso é condição essencial para ser uma artista nacional. Da parte photogra-

NOS CINEMAS DA AVENIDA — (Continuação)

phica não ha senão que dizer bem. O sr. Jayme Pinheiro é um artista de grande merito, para quem todos os elogios são poucos. Finalmente, *Symphonia da Floresta* é um trabalho que merece louvores. E' continuar, e deixar falar os *zoilos*.

SONHAR E VIVER

DA QUALITY

Cinema ODEON — O sonho da vida, no que ella tem de mais agradavel, é sempre de um grande poder suggestivo, quando reflectido em *nuances* de fantasia, no campo branco de uma téla. A's vezes suggestiona; outras vezes, na maior parte d'ellas, engana. Em todo o caso dispõe bem o espirito, pelo menos por uma hora, para quem não leva tudo na materialidade grosseira. Poder-se-á dizer que este film da Quality é um film para *Jeunes filles*. Mas, apesar da sua innocencia, é uma obra encantadora pelo espirito poetico que a ella preside. Enredo, como fica dito, ingenuo, mas interessante; direcção correcta; interpretação brilhante, relativamente facil para artistas que podem arcar com trabalhos de mais folego. Trabalho technico honesto, sem relevo.

Cotação — BOM

QUANDO O AMOR RENASCE

DA FIRST NATIONAL

Cinema GLORIA — E' lamentavel que um bom film como este tivesse de ser lançado rapidamente, com um reclame restricto, que quasi o publico não deu por elle. O enredo é profundamente dramatico e emocionante, apesar de nos atirar mais uma vez para as scenas dantescas da grande guerra, cujos *trucs* e quadraturas dentro da acção já nos dão a mesma irritante impressão das scenas de *cow-boy*. Richard Barthelmess é admiravel artista n'esta pellicula, vencendo pela sua admiravel mascara concentrada e sombria. O que sobretudo se impõe n'esta pellicula é a rajada de paixão que n'ella vive. Bôa direcção; bôa technica... mas muitas cousas que já se viram.

Cotação — BOM

DIABRURAS DE CUPIDO

DA UFA

Cinema RIALTO — Um film de bom humor, que nos deixa uma impressão agradavel. Todo elle?... Não. O final é demasiadamente precipitado e incoherente. Mais um pouco de paciencia e ter-se-ia um film perfeito, no seu genero agradavel de comedia alegre. E' verdade que o protagonista não ajuda. O artista que acompanha Mady Christians prejudica-lhe, pela falta de qualidades a eminente artista. Mady apresentou n'este trabalho um dos melhores da sua gloriosa carreira. Não se póde ser mais mulher do que ella é n'este *travesti* do sexo forte. A direcção do film é excellente e ha um grupo muito interessante de interpretes secundarios. A parte technica honra os *ateliers* da Ufa, pois nos apresenta quadros d'uma grande verdade, d'um realismo flagrante.

Cotação — BOM

MOÇO FORTE

DA FOX

Cinema PATHE' — E' uma comedia alegre e sentimental ao mesmo tempo, que reproduz com bastante verdade a psychologia do momento que passa, da vertigem da vida e do resultado que obtêm as criaturas arrojadas. Com dois elementos valiosos como são Leatrice Joy e Victor Mac Laglen, o film da Fox devia resultar, como resultou, um trabalho interessantissimo, com uma interpretação primorosa. E' realmente uma bôa pellicula, sem as preoccupações das grandes realizações, mas impondo-se, principalmente, pelo *cast*, que é dos mais valiosos. A parte technica acompanha o valor geral do film, com trabalho encantador. Póde o leitor ir descansadamente vêr este film porque ficará com a melhor das impressões.

Cotação — BOM

Chi-Namel
RENUEVA
BRILLO
PARA NUTRIR
Y LIMPIAR
BARNIZADOS
EN GENERAL
16 ONZAS
The Ohio Varnish Co.
Cleveland, Ohio
E.U.A.

USEM
LUGOLINA
E
SALSA CAROBA E MANACA
DE HOLLANDA
PREPARADO PELO
Dr EDUARDO FRANÇA
OS DOIS JUNTOS REPRESENTAM
O IDEAL DO TRATAMENTO
PREÇO
5$000
DIGA COMNOSCO
LU GO LI NA
Dr Eduardo França
O MELHOR REMEDIO PARA MOLESTIAS DA
PELLE, FERIDAS, DARTHROS, ETC. ETC.
LABORATORIO E FABRICA
AVENIDA MEM DE SÁ, 72 A 76 PHONE. CENTRAL 2827
AGENTES
REVENDEDORES
DA
LUGOLINA
E SALSA
ARAUJO FREITAS & C.
R. DOS OURIVES
88 E 90
RIO DE JANEIRO

Uma estranha missiva

De Luis Clarede

— De maneira — disse Feuillade — que tu não entendias a carta.

— Não. Não a entendia — respondeu Hemard — porque meus avós lutaram na guerra de 70, e em casa se respirou sempre tanto odio pela Allemanha, que ninguem pensou nunca em que eu aprendesse allemão.

— E' justo.

— Ao receber aquella carta, fechada em Dusseldorf, redigida em allemão, fiquei estupefacto. Depois me enfureci contra mim mesmo. Não poder traduzil-a! Finalmente, tive uma idéa e fui procurar um senhor que, por ter residido oito annos em Colonia, conhecia perfeitamente o allemão.

— Ah, ah, muito bem pensado! E o senhor a traduziria e...

— Não estava em casa. Tive que esperal-o. Quando chegou e soube o que pretendia eu, illuminou seu rosto com um sorriso. "Pois não! — disse-me. — Traduzir-lh'a-ei de cabo a rabo." Poz os oculos, passou uma olhar pela carta, franziu o cenho e ma devolveu com gesto grosseiro. "Tome! — grunhiu. — Vá troçar de outra pessoa!"

— Diabo!

— Tive que ir-me embora com a carta no bolso. Que poderia estar escripto naquelle papel que tanto havia indignado a meu amigo? Minha curiosidade cresceu ainda mais. Dali me dirigi á residencia de Alberto Pernoyye, o antigo companheiro de collegio a quem mais quero, e que é um polyglotta notavel. Encontrei-o traduzindo um manuscripto latino. Recebeu-em com os braços abertos. "Olha — disse-lhe. — Trata-se do seguinte: quero que me digas o que está escripto nesta carta que recebi de Dusseldorf." "Ah, com muito prazer! — respondeu-me elle, cordialissimo. — Deixa ver a carta." Dei-lhe a carta. Elle a leu mentalmente. Ao terminar, seus olhos chammejavam. Amassou a carta nos dedos crispados e lançou-m'a ao rosto, como uma luva. "Vae-te! — rugiu, indicando-me a porta. — Vae-te com essa carta asquerosa!" E nunca mais falou commigo.

— Puxa! — commentou, assombrado, Feuillade.

— Visitei mais dez conhecidos que sabiam o allemão, e em toda parte se repetia a scena. Antes de ler a carta, me tratavam com affecto e cortezia. Depois de lêl-a mentalmente, me expulsavam a pontapés, e em meio dos insultos mais ferozes.

— Mas, que dizia a carta?

— Fui então, a uma agencia que se annunciava nos jornaes, e que se dedicava á traducção e cópia de toda especie de documentos. Um empregado recebeu a carta. Leu-a para si e lançou-me um olhar de indescriptivel asco. "Que immoralidade! — gritou. — Estou com vontade de denuncial-o." Em seguida desappareceu no interior do local e voltou pouco depois, acompanhado do director e de varios empregados, com o auxilio dos quaes me atirou escada abaixo. Depois me lançaram a carta, transformada em pelota.

— Mas é incomprehensivel!

— Resolvi então rogar a meu socio Herbert que me traduzisse

o escripto, contando-lhe, antes, o que me vinha succedendo com a carta e a innocencia em que eu estava, com relação a seu conteúdo.

"Herbert é um desses homens que sabem tirar partido das cousas. "Traze, companheiro, — disse-me elle. — Eu te direi o que ahi está escripto, embora seja o absurdo dos absurdos." Dei-lhe a carta, elle a leu mentalmente, como todos, e desvibrou-me um murro na cabeça. Nossa sociedade se desfez aquelle mesmo dia. Herbert, quando passa a meu lado, cospe em signal de repugnancia...

— Por Deus! Mas, que dizia a carta?

— Minha desesperação era infinita, porque não conseguia sabêl-o. Passava as noites sem dormir, emmagreci e breve andava pelas ruas como um triste espectro. Decorreram dois annos. A carta, enrugada e profanada, jazia em um dos meus bolsos e, quando minha mão tropeçava com ella eu sentia a sensação de que me abrazava os dedos. Um dia...

— Que?

— Um dia, recebi um telegramma de meu pae. Dizia assim: "Cheguei no expresso." Meu pae, querido Feuillade, conhecia o allemão, embora sempre o tenha occultado... Desci á estação duas horas antes da chegada do trem. Minha excitação nervosa era tal que, para accender um cigarro, tinha que agarrar uma mão com outra, porque, do contrario, não conseguia aproximar o bastante a chamma... Chegou o trem. Desceu meu pae. Abraçámo-nos estreitamente, depois de uma ausencia de quatro annos. Elle quiz informar-se da marcha de meus negocios, mas eu não o deixei falar. Contei-lhe a historia da carta allemã com mais detalhes que ta estou contando a ti. Por fim, lhe disse: "Pae: a carta deve dizer alguma cousa horrenda, é, mas, por Deus!, dize-me o que é. Dize-me o que é, embora depois não me queiras ver mais e me desherdes. Dize-me o que é, ou concorrerás para o suicidio de teu filho! Olha, pae, que não posso mais!"

— E teu pae?

— Meu pae sorriu como quando eu, criança ainda, lhe fazia alguma pergunta ingenua, e respondeu-me: "Tem confiança em mim, filho. Eu faria o impossivel para evitar-te tanto soffrimento. Traze a carta. Prometto-te traduzil-a com toda exactidão."

— E então?

— Então o abracei e metti a mão no bolso para tirar a carta. Mas esta se havia perdido.

ESPIRITO ALHEIO

— Perdi minha mulher em um incendio. As chammas incendiaram-lhe o vestido...

— E morreu queimada?

— Não, porque os bombeiros chegaram a tempo de apagar-lhe o fogo do corpo. Morreu afogada.

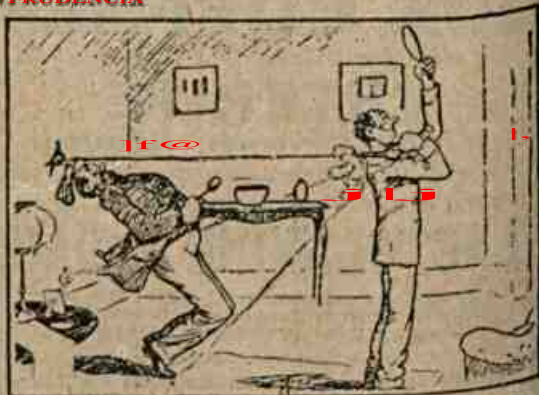
COUSA DIFFICIL...

— Approxima teu nariz destas flores, Alice, e verás que delicioso perfume!

— Nossos diamantes, senhora, têm a mesma pureza, o mesmo peso e o mesmo brilho dos diamantes verdadeiros; e, para que a semelhança seja mais completa, os cobramos ao mesmo preço.

OPPORTUNIDADE

O dono da casa (a seu visitante, que foge, perseguido por um enxame de abelhas). — Deixa-o, sahiram ao lado da ultima colmeia! Ahi é que eu quero apanhal-as!

IMPRUDENCIA

Eis o que aconteceu a um infeliz ladrão que teve a má idéa de penetrar na residencia de um campeão de tiro... estando o dono em casa...

ARTIGOS ESPECIAIS D'ALGODÃO, LINHO E SEDA PARA TRABALHOS DE SENHORA

ALGODÕES PARA BORDAR D·M·C — ALGODÕES PERLES D·M·C
LINHAS PARA COSER D·M·C — ALGODÕES PARA TRICOT D·M·C
ALGODÕES PARA PASSAJAR D·M·C — CORDONNETS D·M·C
SEDA PARA BORDAR D·M·C — FIOS DE LINHO D·M·C
TRANÇAS D'ALGODÃO D·M·C

DOLLFUS-MIEG & C.ie, SOC. AN.
MULHOUSE - BELFORT - PARIS

Os productos da marca D·M·C vendem-se em todas as casas de retrozeiro e trabalhos de senhora

Em casos de emergencia

é conveniente usar uma lampada Eveready de projecção com pilhas Eveready.

Pode-se confiar absolutamente na sua segurança e durabilidade — na sua brilhante luz que nunca falha.

A Eveready é a melhor das lampadas de projecção em todo o mundo. A venda em todos os estabelecimentos de primeira ordem.

— Recuse imitações —

Lampadas de projecção e baterias

EVEREADY
TRADE MARK
— duram mais tempo

Representante da fabrica:
MITCHELL S. SCHLESINGER
Rua Quitanda 28, Rio de Janeiro 7144

A origem da guerra franco-prussiana

De Juan López Núñez

UM illustre jornalista conta que o general Prim, achando-se desterrado, quiz tratar com Napoleão III a vida e o futuro da Espanha.

O imperador dos francezes, depois de fazel-o esperar por mais de duas horas, numa ante-sala, recebeu-o com frieza, tratando-o com desprezo, sem dar a menor importancia.

O emigrado supportou a humilhação; e, ao descer as escadas do palacio, dizem que exclamou:

— Este ha de recordar-se de mim.

E, de facto, muito se recordou o pobre e minusculo imperador, chamado por Victor Hugo, o *Napoleão, o pequeno.*

Triumphante a revolução na Espanha, o general que não tardou em fazer-se senhor da situação, e da sorte dos paizes da America espanhola, começou a fazer o desventurado Bonaparte soffrer as consequeicias da humilhação que havia imposto ao caudilho dos revolucionarios espanhoes, o qual não havia perdoado ao orgulhoso chefe do imperio francez a sua soberbia de outros tempos.

As pequenas causas produzem, ás vezes, grandes effeitos. Ninguem podia suspeitar que aquelle emigrado de outros dias, fôsse, com o decorrer do tempo, o arbitro dos destinos da Europa.

Quando Napoleão III quiz dar-se conta do succedido, já era muito tarde, e o general Prium já havia inventado, para o throno da Espanha a candidatura allemã, que sabia, de antemão, poder provocar um conflicto entre duas nações sempre rivaes.

Confidente de seus planos, conselheiro, ás vezes, e, em outras occasiões, méro executor dos designios do general Prim, foi o diplamata d. Eusebio Salazar y Mazarredo, activo agente do general nas Côrtes Estrangeiras.

Foi elle quem, na côrte prussiana, fez as negociações mysteriosas que deram, em resultado, o principe de Hohenzollern acceitar a corôa de Castella, corôa disputada, então, com verdadeiro encarniçamento por uma série de pretendentes, cujas ambições não deparavam em nenhum obstaculo, nem em nenhum meio.

Ao conhecer a noticia de que o principe de Hohenzollern aspirava tambem a corôa da Espanha, produziu-se, em toda a Europa, uma grande agitação, que culminou na França e produziu o terrivel choque de 1870.

Emquanto isso, Prim descartou, habilmente, as candidaturas conhecidas, até então, e trouxe da Italia um rei modesto, cavalheiresco e simples, que ninguem poderia julgar que viesse a occupar o throno espanhol.

Lançados uns povos contra outros, e accesa a guerra entre a França e a Prussia, voltou á Espanha o diplomata que havia secundado, com tanta felicidade, os planos do seu chefe. E dahi, viu se precipitaram os acontecimentos cujas origens a Historia futura em vão buscaria.

Como se iria suppôr que aquella guerra tremenda tivesse como causa um facto tão insignificante. Quem diria que aquelle conflicto em que intervieram os maiores estadistas, fôsse provocado por um homem tão insignificante como elle?

Abalado o mundo por aquelles incidentes, que iriam modificar a Europa e o rumo da Humanidade, o modesto diplomata espanhol, que conhecia, como ninguem, os segredos daquella guerra, permanecia afastado e silencioso, e quem sabe si cheio de amargura e remorso?

Via o fim do imperio francez e tinha visto morrer o seu grande amigo general Prim, traidoramente assassinado por um grupo de sicarios, cujos instigadores não se haviam de encontrar. Via com o seu claro instincto politico os males que, para o mundo, se originariam daquella lucta, para qual elle havia contribuido sem dar conta exacta das suas consequencias futuras, e vendo tudo aquillo e presentindo o que havia de vir, cahiu em uma profunda melancolia que não tardou muito a acabar com sua vida.

Tinha a intuição consoladora de que a Historia, a grande Historia, que se faz sempre, fixando-a nos personagens de relevo, não se fixaria no seu nome; mas não contava com a outra, a mais verdadeira, aquella que se escreve, modestamente, em um livro de poucas paginas e, ás vezes, em algum periodico, Historia anecdotica e pequena, — a que se recorre quando se deseja uma explicação dos grandes mysterios e das grandes crises da Humanidade.

Em fevereiro de 1871, morria em Madrid, o senhor Salazar y Mazarredo, depois de uma breve enfermidade. E poucos dias depois, dizia um periodico, dando a noticia do seu fallecimento, que elle baixava á terra levando muitos segredos dos chamados de Estado:

"O nome do sr. Salazar y Mazarredo ficará unido, profundamente, á grande catastrophe da França, em 870, pois todos sabem que o extincto diplomata, cujo nome figura ha tempos nos annaes politicos contemporaneos, foi o agente mysterioso que, na côrte da Prussia, levou á cabo as negociações que precederam a acceitação do throno pelo principe Hohenzollern.

Nninguem ignora tampouco que os primeiros despachos telegraphicos que annunciavam á Europa o feliz exito da secreta negociação diplomatica que acabava de ser realizada, em julho ultimo, o senhor Salazar y Mazarredo em nome do general Prim, fôram os seguros signaes de uma terrivel explosão de mal reprimida colera entre as duas nações eternamente rivaes do continente europeu: França e a Allemanha, explosão cujas consequencias espantosas deplorará amargamente o nobre e desgraçado paiz, que foi victima de catastrophes como as de Woerth, Sedan, Metz e Paris.

Ainda que só fôsse por essa circumstancia, o nome do sr. Salazar y Mazarredo merece ser recordado."

E esse facto, que deve ser rememorado não figura na Historia.

Esquecido completamente e obscurecido o seu nome pelo de outras eminencias do seu tempo, Salazar foi um desses individuos, mais ou menos illustres, mais ou menos modesto, de que se vale o destino para executar os seus designios.

Teve elle o triste privilegio de ser o promotor de um conflicto que tem originado terriveis rivalidades e levou para a sepultura o segredo dos mysterios mais impenetraveis e interessantes da Historia contemporena, desta Historia que, todavia, está por se fazer, e cujos capitulos mais assignalados deveriam ser as memorias, as confidencias e as confissões dos homens que, como Salazar y Mazarredo, tanto intervieram nos factos e successos de sua epoca.

Estas confissões, confidencias e memorias, além de nos servir de ensinamento, nos serviriam de proveitosa lição, para saber até que ponto se tem direito de dispôr secreta e mysteriosamente da vida, do sangue e da sorte dos povos.

O mysterio do aeroplano negro

De S. RUSSELL

(Continuação)

— De certo! — exclamou Nick, enthusiasmado.

— Bem, rapaz, agora vou fazer-lhe uma surpresa. Faremos a viagem esta noite. O auto nos aguarda, para levar-nos até o palacio, em Xierts.

Sob as sombras da espessa folhagem das arvores que rodeavam a residencia de lord Landerock, Scott Hugh e Nick O'Brian deslisavam cautelosamente.

— Guardam o apparelho num galpão occulto por aquelle grupo de arvores — continuou o detective. — Quando o tirarem para pôr em movimento o motor, aguardaremos a opportunidade de entrarmos a bordo sem sermos vistos. Tem prompto o seu revolver?

— Completamente carregado — respondeu Nick.

— Bom; este será o nosso melhor amigo esta noite.

Esperaram, agachados perto de uma arvore. Lá pela meia noite, distinguiram varios homens que se aproximavam do galpão.

— Estão tirando o aeroplano — disse o detective. — Temos que agir com rapidez e serenidade, O'Brian.

Quando retiraram o immenso aeroplano negro do logar em que estava occulto, Hugh e Nick aproximaram-se cautelosamente. Os mecanicos começaram a dar voltas nas grandes helices.

Perto das helices havia tres homens em traje de aviador. Falavam em voz baixa entre si.

— Aproveitemos este momento — disse Hugh, em surdina. — Siga-me e, por tudo que você mais quer no mundo, ande abaixado.

Arrastando-se o mais rapidamente que puderam, atravessaram o curto trecho coberto de relva, chegando á porta lateral da cabine do aeroplano.

As grandes azas do apparelho, estendidas produziam sombra bastante para occultar os movimentos do detective e do rapaz.

Tendo-se em vista encontrar-se tambem a tripulação a conversar e a observar mappas, foi relativamente facil aos dois intrusos chegarem ao interior do aeroplano sem serem vistos.

Olhando rapidamente em torno da cabine, fracamente illuminada, o detective conseguiu ver um monte de cordas, que bem poderia servir de esconderijo.

— Prompto! Venha aqui para trás! — disse, com voz abafada.

Um segundo mais de demora ter-lhes-ia sido fatal, porque, apenas escondidos por detrás das cordas, dois homens appareceram á porta, sendo um delles um negro gigantesco. Conduziam ambos um grande volume coberto de sarapilheira. Depositaram a carga num estrado baixo e por mais duas vezes repetiram o processo, até que se encontraram em tres estrados tres fardos de fórma semelhante.

Entraram, em seguida, na cabine tres homens, que se installaram commodamente em cadeiras de vime presas á parede. O ultimo a entrar era um typo alto, de aspecto repulsivo e, apparentemente, o chefe dos bandidos. Dava ordens bruscas e curtas, a que os outros homens obedeciam em silencio.

O detective o reconheceu depois.

— Este é Bill Raikes, um dos criminosos procurados por toda a policia da Europa — disse baixinho a Nick. — Tivemos sorte. Deve ser muito importante o negocio se Raikes toma parte nelle.

Com uma ligeira vibração, o apparelho começou a deslisar pela relva. Alguns minutos depois ascendia com uma velocidade de cem milhas á hora.

Durante varias horas continuou o aeroplano seu vôo nocturno. Hugh e Nick, engaiolados e gelados de frio, não perdiam o animo, apezar de tudo.

Os bandidos falavam pouco, limitando-se a fazer commentarios, de vez em quando, sobre os logares por onde passavam em seu rapido vôo.

De repente inundou-se a cabine de um clarão vermelho.

Raikes poz-se de pé, de um salto, e foi a uma janellinha, por onde olhou durante muito tempo para a luz estranha, que ia augmentando.

— Nós nos aproximamos da cratera; preparem-se — disse. — Avisarei a Wilson — accrescentou, atravessando a cabine e desapparecendo pela porta que conduzia ao cockpit do piloto.

— Vou ver se posso espiar pela vigia — disse Scott Hugh, em voz muito baixa, a Nick. — Isto já me está intrigando bastante.

Desde que os bandidos não olhassem para o monte de cordas, quasi não havia perigo em aventurar-se elle a olhar pela janellinha redonda situada sobre a cabeça de ambos.

Quando os olhos alerta do detective olharam o exterior, para terra, conseguiram ver, uns mil pés abaixo, alguma cousa que parecia um gigantesco taboleiro de xadrez; mas o que lhes chamou a attenção immediatamente foi um clarão vermelho, brilhante, que se elevava para o céo.

De repente, á medida que seus olhos se acostumavam ao panorama, Hugh comprehendeu o mysterio da luz vermelha. O aeroplano se aproximava da cratera de um vulcão.

Nesse momento, Raikes voltou á cabine e o detective abaixou-se rapidamente.

O assoalho do camarote inclinou-se num angulo agudissimo; o aeroplano começava a descer.

— Está na direcção da cratera — disse Raikes — preparem a porta do alçapão.

O immenso negro que acompanhava os viajantes adeantou-se e, inclinando-se para o assoalho, levantou varias taboas unidas.

Uma columna de luz vermelha, penetrou pela abertura, indicando o ponto em que se encontrava o apparelho sobre a cratera.

Tiraram os tres fardos do estrado. Comprehendeu Hugh, em seguida, a significação de tão estranha manobra. Via-se agora claramente, á luz da cratera, o contorno dos volumes que jaziam no solo. Eram tres cadaveres enrolados em saccos.

— Bandidos! — exclamou o detective, em surdina. — Vão atirar os corpos na cratera.... Prepare o revolver, meu rapaz — ajuntou, prompto. — Nós os impediremos de levar a effeito a infamia.

— Mãos para o alto! — grita em seguida Scott Hugh, fazendo-se ouvir, apezar do ruido do motor.

Dando gritos de alarma, os criminosos voltaram-se para Hugh. A seu lado estava Nick com outro revolver.

QUER GANHAR SEMPRE NA LOTERIA?

A Astrologia offerece-lhe hoje a RIQUEZA. Aproveite-a sem demora e conseguirá FORTUNA E FELICIDADE. Guiando-me pela data de nascimento de cada pessôa, descobrirei o modo seguro que, com minhas experiencias, todos podem ganhar na loteria, sem perder uma só vez.

Milhares de attestados provam as minhas palavras. Mande seu endereço e 300 réis em sellos, para enviar-lhe GRATIS "O SEGREDO DA FORTUNA". Remetta este aviso — Endereço: Sr. Prof. P. Tong, Calle Pozos 1369, Buenos-Aires — Republica Argentina. — "Cite-se esta Revista".

BURIDAN

Romance do escriptor francez MICHEL ZEVACO, que sae ás quartas-feiras

ACADÊMICO DE DIREITO. — Achando-me ha algum tempo atacado de uma forte «Bronchite asthmatica» e tendo feito uso de diversos medicamentos, dos quaes nenhum resultado obtive, encontrei, entretanto, um bom amigo que me aconselhou a usar o PEITORAL DE CAMBARA' de Souza Soares.

Descrente destes reclames que andam tão em moda entre nós, accedi finalmente, fazendo immediato uso do Cambará.

Grande foi a minha satisfação ao verificar os effeitos salutares de tão maravilhoso remedio, pois acho-me hoje restabelecido de tão terrivel moléstia.

Victoria, Novembro de 1910.

Cláudio Borges Costa.»
(Acadêmico de Direito).

(Firma reconhecida.)

A' VENDA EM TODA PARTE

"A meza não basta a brancura da toalha"

e por certo que a primeira coisa a pôr sobre ella é o indispensavel condimento

SAL DE MEZA

Cerebos

O MYSTERIO DO AEROPLANO NEGRO

(Conclusão)

Raikes empallideceu e, dando um rugido, arrojou-se sobre o detective.

Mas sôou um disparo, e o bandido cahiu ao solo, ferido.

Ao mesmo tempo, o negro, que se tinha aproximado cautelosamente por detrás do detective, atirou-se sobre Nick, e agarrou-o com mãos de ferro.

Nick comprehendeu logo que suas forças de nada valiam, comparadas com as do negralhão. Durante seus annos de vida em Londres aprendera *jiu-jitsu*. Agarrou de repente o grande pollegar do negro e torceu-o para trás até fazel-o gritar de dôr. E não esperou muito tempo, porque, logo de uma assentada, o negro se separou delle. Cambaleante, cahiu para trás e desappareceu na abertura do assoalho.

Nick não póde esquecer nunca o olhar de horror do homem ao cahir, fazendo gestos desesperados com os braços erguidos para o ar. Apenas morreu o grito de angustia do negro, Nick ouviu que Hugh dava ordens aos bandidos.

— Fechem este alçapão — dizia — e se não ordenarem já ao piloto que suba de novo e regresse ao ponto de partida, atravesso-os a todos com uma bala.

Sem dizerem palavra, passaram os homens ao compartimento do piloto, seguidos de Hugh, e com os seus revolveres.

Nesse mesmo instante, uma chamma envolvia todo um lado da cabine.

— Incendeia-se o aeroplano! — gritou Nick, dando a voz de alarma. — A chamma de nossas armas devia ter posto em ignição as cordas empapadas de petroleo.

O espirito do detective agiu com uma rapidez maravilhosa.

— Ouça, Nick — disse. — Faça você o possivel para salvar-nos, emquanto mantenho esses homens sob o meu revolver.

Nick correu ao *cockpit* do piloto. Encontrou ali um homem pallido de terror, agarrado á roda do freio. Estava fazendo a peor das cousas nos casos de incendio no ar, pois mantinha o apparelho para baixo, obrigando a subirem as chammas, pela pressão do ar sobre as partes principaes do aeroplano.

— Saia dahi — gritou Nick.

O piloto vacillou, olhou o revolver do rapaz e poz-se logo de lado, deixando o assento. Em seu rosto pintava-se o horror ao ver as chammas, que se iam apoderando do aeroplano.

A situação era terrivel. Estavam a cinco mil pés acima do nivel do mar, e ardendo.

Nick deu, com habilidade, uma volta na grande roda de *control* para a esquerda. O apparelho começou a mudar de posição e a voar de lado; ao tomar a nova direcção, as chammas deslisaram para fóra do aeroplano, longe das paredes da cabine.

Nick estava vermelho de esforço. Era necessario uma força enorme que mantivesse os freios na posição necessaria para suster o apparelho em sua descida lateral. Para cumulo de difficuldade, o aeroplano descia para a cratera do vulcão. Nick não se atrevia a alterar a posição dos freios para dar ao apparelho uma direcção que o afastasse do perigo imminente.

Com um rugido atroador passou o aeroplano a poucos pés da cratera do vulcão. O calor era terrivel e os vapores que se elevavam da lava ardente queimavam a pelle e irritavam dolorosamente a vista.

Parecia a todo momento, a Nick, que ia soltar os freios. Os nós das mãos resaltavam-lhe brancos do esforço feito. Conseguiu o rapaz ver confusamente uma chaminé immensa que lhe passou deante da vista. E, em seguida.... a mais completa obscuridade.

Instinctivamente, num ultimo esforço, collocou o apparelho em posição horizontal, ao notar que a terra vinha ao seu encontro com uma velocidade espantosa.

Numa sacudidella terrivel da roda de aterrissagem, o apparelho tocou em terra firme.

Nick tombou desmaiado.

* * *

Varias semanas depois, quando Nick se encontrava em convalescença, o detective foi vel-o.

— Você salvou todas as nossas vidas — disse elle a Nick. — Raikes e o seu bando foram agarrados em flagrante delicto. Como já terá adivinhado, seu plano era encobrir os crimes, fazendo desapparecer os cadaveres na cratera de um vulcão italiano. Só Deus sabe a quantidade de corpos que fizeram desapparecer alli.

Quando aterrámos, os bandidos estavam loucos de terror. Fil-os caminhar até á aldeia mais proxima, ameaçando-os com o revolver, e entreguei-os á policia.

Raikes estava apenas levemente ferido. Está se curando agora no carcere de Pentoville, com o resto de sua quadrilha.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

Director:
SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso.
Thesoureiro: Cyro Machado.

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones — Director: C. 0377
Administração: C. 4136 — Endereço Teleg.: «Fon-Fon»

— Caixa Postal 97 —

RIO DE JANEIRO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo:
EMPRESA AMERICANA DE PUBLICIDADE, LTDA.

Praça do Patriarcha, 3 - sob.
Caixa do correio, 1431.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C., 9, Rua Tronchet, Paris. — 19, 21, 23, Ludgaste

: A Mentira Acreditada :

MUITA gente se agglomerava, certa manhã, á porta de modesta casa de um dos bairros mais afastados de Cleveland, a celebre cidade do Estado de Ohio.

— Que ha? Que houve? — perguntavam os que iam engrossando os grupos.

— Não se sabe — diziam os que apparentavam estar mais inteirados. — Parece que occorreu uma tragedia terrivel. Fala-se que foi assassinada uma familia inteira.

— Dizem que ha muitos enforcados.

— Descobriu-se um deposito de cadaveres, resultado dos crimes de um bando de salteadores...

E assim, de bocca em

bocca, corriam as mais contradictorias e espantosas versões.

O successo, no emtanto, era muito mais simples. Um individuo chamado João Markiss fôra encontrado, aquella manhã, enforcado com uma corda pendente de uma das vigas do tecto de seu quarto de dormir e com um papel preso com um alfinete ao peito, e no qual o individuo escrevêra, com seu proprio punho, que não culpassem ninguem por sua morte, pois elle, voluntariamente, se matára.

A causa estava clara. Tratava-se de um suicidio. No emtanto, cumpridas as formalidades de rigor, o jury, que havia de dar seu veredicto sobre as causas daquella morte violenta, formulou o seguinte dictame:

"Morte causada por pessôa ou pessôas desconhecidas."

Quando tive conhecimento disso, não pude deixar de exclamar:

— Mas é impossivel! Não reconheceram os peritos a letra do escripto como propria do morto? Não ficou perfeitamente comprovado que a porta e as janellas do quarto estavam fechadas por dentro?

— Sim, senhor — disseram-me. Mas creia que, apesar disso, o jury procedeu com discreção e prudencia.

— Como póde ser isso?

— Ouça. O morto, João Markiss, procedêra de tal modo, nos ultimos cincoenta annos de sua vida, que nunca, nem por casualidade, dissera uma palavra de verdade. E de tal maneira era conhecido e apreciado o facto na população, que tudo quanto elle affirmava, tudo quanto dizia, era, infallivelmente, irrefutavelmente, considerado como falso. O jury, pois, não poude, de modo algum, dar credito ao que João Markiss escreveu.

Realmente, eu não soube o que replicar, e, effectivamente, o jury foi mais longe ainda. Manifestou sua crença de que o individuo não estava morto, fundando-se, para isso, como prova irrefutavel, na declaração de Markiss de que elle mesmo se matára. Por isso, solicitaram do juiz que fosse adiado o enterro o mais que se pudesse.

De accordo com essa petição, a despeito de ser pleno verão, o ataúde se manteve aberto durante oito dias, até que teve de

se render á evidencia. João Markiss estava morto.

Mas, então, o jury se reuniu novamente e mudou seu veredicto na seguinte fórma:

"Suicidio commettido em um accesso de aberração mental."

E, para fundamental-o, se deram os jurados a seguinte razão:

"Effectivamente, João Markiss morreu. Mas, matou elle proprio? Se teria dito a verdade... perfeito juizo? E' claro houvesse estado em... que não. Suicidou-se, não ha duvida, em estado anormal."

Mark Twain.

VERSOS

Mater Dolorosa

Em alto galho um ninho se balança,
E, dentro, implumes, piam dois filhinhos,
A' mingua de calor e dos carinhos
Da bôa mãe que tarda! A noite avança...

E' que atroz caçador de passarinhos
Prendêra a pobre mãe, que lá se cansa
De luctar, e, por fim, sem esperança,
Cáe, tonta, a debater-se, em desalinhos...

Por vêr que já aos filhos não soccorre,
Exhausta, na gaiola, a pobre morre
De dôr e da saudade que a tortura;

Emquanto o homem nem, siquer, medita
No mal que fez áquella mãe afflicta,
Na dôr que mata aquella criatura!

LIMA RODRIGUES.

Westclox

Pocket Ben—para homens e moços

POCKET BEN, o relogio de bolso Westclox, é um exemplo typico do valor intrinseco dos despertadores e relogios Westclox. Exactidão, resistencia e bôa apparencia tornam o Pocket Ben o relogio preferido por homens e moços em toda a parte.

Va. Sa. encontra o Pocket e um lindo grupo de despertadores Westclox em todas as bôas lojas do genero.

WESTERN CLOCK COMPANY, LA SALLE, ILLINOIS, E. U. A.
Fabricantes de Westclox: Big Ben, Baby Ben, Pocket Ben, Bom Dia